A part of the bestselling series The Politically Incorrect Guide™

GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DO

ISLÃ

(E DAS CRUZADAS)

ROBERT SPENCER

Acredita saber o que é o islã?
E as Cruzadas?
Sabia que...

- O islã ensina que é dever de todo bom muçulmano empregar a guerra santa para impor a lei islâmica nos estados não-muçulmanos
- Muitos grupos jihadistas têm como objetivo recuperar Al-Andalus
- As Cruzadas foram guerras de autodefesa
- Espanha é a nação que, primeiro durante os setecentos anos de Reconquista e depois em Lepanto, mais tem lutado contra a expansão do islã na Europa

ciudadela

Robert Spencer

GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DO ISLÃ (E DAS CRUZADAS)

ciudadelalibros
Madrid, 2007

Primera edición: mayo de 2007

Título original: *The Politically Incorrect Guide to Islam (and the Crusades)*
© Regnery Publishing Inc., 2007
© De la traducción: Diana Lerner
© Del prólogo: Jorge Soley Climent
© Ciudadela Libros, S. L.
C/ López de Hoyos, 327
28043 Madrid
Teléf.: 91 1859800
www.ciudadela.es

Diseño de cubierta: Addenda Comunicación
Ilustración de cubierta: Stapleton Collection/Corbis
ISBN: 978-84-96836-07-5
Depósito legal: M-20.778-2007
Fotocomposición: Paco Arellano
Impresión: Cofás
Encuadernación: Tomás de Diego

Impreso en España — *Printed in Spain*

Quedan rigurosamente prohibidas, sin la autorización escrita de los titulares del copyright, bajo las sanciones establecidas por las leyes, la reproducción total o parcial de esta obra en cualquier tipo de soporte o medio, actual o futuro, y la distribución de ejemplares mediante alquiler o préstamo públicos.

DEUS VULT![1]

[1] “Deus quer!” Com essa frase, o Papa Urbano II, no Concílio de Clermont de 1095, fez um chamamento ao povo convocando-o à Primeira Cruzada

Índice

Agradecimentos..... 10

Introdução: O islã e as Cruzadas..... 11

Prólogo a edição espanhola, por Jorge Soley Climent..... 14

PARTE 1: O ISLÃ

Capítulo 1: Maomé, o profeta da guerra..... 17

Maomé, o invasor..... 18

A Batalha de Badr..... 20

Assassinato e engano..... 22

Vingança e pretextos..... 24

Na vitória e na derrota, mais islã..... 25

Mito politicamente correto: Podemos negociar com esta gente..... 26

Capítulo 2: Alcorão, o livro da guerra..... 28

O Alcorão aconselha a guerra..... 28

Mito politicamente correto: Alcorão prega a tolerância e a paz..... 30

Mito politicamente correto: Alcorão ensina aos fiéis a tomar as armas somente em autodefesa..... 30

Os versículos tolerantes do Alcorão, «revogados»..... 33

Mito politicamente correto: O Alcorão e a Bíblia são igualmente violentos.....35

Capítulo 3: Islã, a religião da guerra.....40

Mito politicamente correto: Os ensinamentos do islã sobre a guerra são um componente mínimo da religião..... 41

Três alternativas.....42

Não é somente a opinião de Maomé. É a lei..... 44

Mito politicamente correto: O islã é uma religião de paz que tem sido distorcida por uma ínfima minoria de extremistas..... 47

Muçulmanos moderados.....48

Capítulo 4: Islã, a religião da intolerância.....51

Mito politicamente correto: O islã é uma religião tolerante.....51

A *dhimma*.....52

Mito politicamente correto: A *dhimma* não foi tão má.....56

Os infortúnios dos contribuintes.....57

Excesso de pressão.....59

Mito politicamente correto: Os judeus viviam melhores em terras muçulmanas que na Europa cristã.....60

Mito politicamente correto: A *dhimmitude* é coisa do passado.....61

Mito politicamente correto: O islã valoriza as culturas pré-islâmicas dos países muçulmanos..... 64

Capítulo 5: O islã oprime as mulheres..... 66

Mito politicamente correto: O islã respeita e honra as mulheres.....67

O grande acobertamento islâmico..... 69

O matrimônio infantil.....70

O castigo corporal às mulheres..... 71

Uma oferta que não se pode recusar.....72

Não devem sair sozinhas..... 73

Maridos temporais..... 73

Licencia profética.....74

Esposas temporais.....75

Estupro: necessita-se de quatro testemunhas..... 76

A circuncisão feminina..... 78

As perspectivas em longo prazo no são nada promissoras..... 78

Capítulo 6: A lei islâmica; a mentira, o roubo e o crime.....79

A mentira: é ruim, exceto quando for boa..... 79

O roubo: Tudo depende a quem se rouba..... 81

O crime: Tudo depende a quem se mata..... 82

Onde estão os valores morais universais?..... 83

Mito politicamente correção: O islã proíbe matar os inocentes.....85

Capítulo 7: Como Alá matou a ciência..... 87

A arte e a música..... 87

Mito politicamente correto: O islã, como base do florescimento cultural e científico..89

O que aconteceu com a Idade de Ouro?.....91

Alá mata a ciência.....94

Nem tudo está perdido, há algumas coisas que podemos agradecer ao islã.....95

Capítulo 8: O sonho do Paraíso islâmico.....97

O que há detrás da Porta Número Um?.....98

O desfrute do sexo.....99

Como ganhar a entrada para o Paraíso.....102

Os Assassinos e o sonho do Paraíso.....103

Capítulo 9: O islã se difunde por meio da espada? Com certeza.....104

Mito politicamente correto: Os primeiros muçulmanos não nutriam intenções hostis para com seus vizinhos.....105

Mito politicamente correto: Os cristãos do Oriente Médio e do norte da África receberam os muçulmanos como libertadores.....106

Mito politicamente correto: os primeiros combatentes da *jihad* se limitavam a defender as terras muçulmanas de seus vizinhos não-muçulmanos.....107

Não somente o Ocidente, o Oriente também.....110

O que queriam os muçulmanos?.....110

Mito politicamente correto: Os processos de difusão do cristianismo e do islã têm sido basicamente similares.....112

PARTE II: AS CRUZADAS

Capítulo 10: Por que se convocaram as Cruzadas?..... 114

Mito politicamente correto: As Cruzadas constituíram um ataque europeu, sem nenhuma provocação, contra o mundo islâmico.....115

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram um exemplo inicial do imperialismo predador de Ocidente.....118

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram realizadas por ocidentais ávidos por dinheiro.....121

Mito politicamente correto: As Cruzadas se formaram para converter pela força os muçulmanos ao cristianismo.....122

Capítulo 11: As Cruzadas. Mito e realidade..... 124

Mito politicamente correto: Os cruzados instalaram colônias europeias no Oriente Médio.....124

Mito politicamente correto: A tomada de Jerusalém gerou a insegurança dos muçulmanos pelo Ocidente.....126

Mito politicamente correto: O líder muçulmano Saladino foi mais misericordioso e magnânimo que os cruzados.....129

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram realizadas contra os judeus, além dos muçulmanos.....131

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram mais sanguinárias que as *jihads* islâmicas.....133

O Papa pediu desculpas pelas Cruzadas?.....134

Capítulo 12: O que as Cruzadas lograram. E o que não lograram.....135

As negociações com os mongóis.....137

As negociações com os muçulmanos.....138

A *jihad* na Europa Oriental.....141

Uma ajuda inesperada.....142

Capítulo 13: O que teria acontecido se as Cruzadas não tivessem existido?.....144

Mito politicamente correto: As Cruzadas não lograram êxito algum.....144

Um caso de estudo: Os zoroastras.....146

Um caso de estudo: Os assírios.....149

Capítulo 14: o islã e o cristianismo são equivalentes?..... 153

O acobertamento de *Cruzada, Reino dos Céus*.....154

Mito politicamente correto: O problema do mundo atual é o fundamentalismo religioso.....156

Tem certeza de que não estamos dizendo que o problema é o islã?.....157

Isso faz sentido. Por que tão difícil de aceitá-lo?.....158

A recuperação do orgulho na civilização ocidental..... 158

Por que é necessário dizer a verdade?.....159

Agradecimentos

Em primeiro lugar, obrigado de coração a toda a equipe de Jihad Watch [Observatório da Jihad]: Hugh Firzgerald, Rebecca Bynum e todos aqueles que foram bastante pacientes e amáveis, como para discutir comigo grande parte do material, revisá-lo em vários níveis e contribuir com muitas sugestões que têm sido de grande ajuda para seu aperfeiçoamento. A erudição e brilhantismo de Hugh Firzgerald são uma benção dos céus e uma enorme contribuição, não somente a este livro, também a todo o esforço de Jihad Watch e, em geral, a resistência contra a *jihad* global. Quisera nomear as muitas outras pessoas, porém não posso fazê-lo por temer a expô-los a diferentes perigos: estes seres valorosos que trabalham na linha de frente da resistência a *jihad* são os verdadeiros heróis desta era.

Como que em muitas ocasiões anteriores, tenho uma grande dívida de gratidão com Jeff Rubín, cuja capacidade conceitual e perspectiva não têm comparação. Também, dou os agradecimentos especialmente a Harry Crocker e Stephen Thompson, editores de Regnery, cujo toque lúcido e profundo tem contribuído a delinear muitos dos aspectos alcançados destas páginas. Como sempre, os sucessos deste trabalho lhes pertencem, e os erros são de minha exclusiva responsabilidade.

Introdução

O islã e as Cruzadas

Atualmente, as Cruzadas poderiam estar causando mais devastação que a gerada durante seus três séculos de duração, e não em termos de vidas perdidas e de propriedades destruídas, mas por meio de uma ação de caráter mais sutil. As Cruzadas têm passado a ser não somente um pecado fundamental da Igreja Católica, mas do mundo ocidental em geral. Configuram a prova X da acusação, segundo o qual o atual confronto entre o mundo muçulmano e a civilização pós-cristã ocidental é, em última instância, responsabilidade do Ocidente, que tem provocado, explorado e maltratado os muçulmanos desde a época em que os primeiros guerreiros francos entraram em Jerusalém; ao menos, essa parece ser a opinião de Bill Clinton[2]:

Com efeito, na Primeira Cruzada, quando os soldados cristãos tomaram Jerusalém, queimaram em primeiro lugar uma sinagoga com trezentos judeus dentro, e no Monte do Templo assassinaram todas as mulheres e crianças muçulmanas na multidão. As crônicas da época mostram os soldados caminhando pelo Monte do Templo, um lugar sagrado para os cristãos, com sangre até os joelhos. Pode-se dizer é que ainda hoje segue-se contando esta história no Oriente Médio, e que seguimos pagando por aquilo. (grifo nosso)

Curiosamente, nesta análise Clinton repete o que disse o mesmo Osama bin Laden, em alguns comunicados onde às vezes denomina sua organização de "Frente Islâmica para a Jihad (guerra santa) contra os judeus e os cruzados" no lugar de Al-Qaeda, e lançando fátuas pela "*jihad* contra os judeus e os cruzados"[3].

Em 8 de novembro de 2002, pouco antes de iniciar a guerra na qual derrubou Sadam Hussein, o xeique Bakr Abed Al-Razzaq Al-Samaraai pregava na mesquita Mãe de Todas as Batalhas, em Bagdá acerca "desta hora difícil pela que está passando [esta] nação muçulmana, uma hora na qual enfrenta o desafio [das forças] dos infiéis judeus, cruzados, americanos e britânicos"[4].

Do mesmo modo, quando em dezembro de 2002 alguns jihadistas bombardearam o consulado dos Estados Unidos em Yeda, na Arábia Saudita, explicaram que o atentado fazia parte de um plano mais amplo para contra-atacar "os cruzados": "Esta operação é uma das várias operações organizadas e planejadas pela Al-Qaeda como parte da batalha contra os cruzados e os judeus, e também como parte do plano de obrigar aos infiéis a abandonarem a península Arábica". Disseram que os

[2] Bill Clinton, <<Remarks as delivered by President William Jefferson Clinton, Georgeto\Vn University, November 7, 2001». Georgetown University Office oE Protocol and Events, \VW\V.georgetown.edu

[3] «World Islamic Front Statement», Yihad Against Jews and Crusaders, 23 de fevereiro de 1998. http://www.jas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm

[4] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «Ramadan Sermon From Iraq», MEMRI Special Dispatch N.O 438, 8 de novembro de 2002.

guerreiros da *jihad* "conseguiram penetrar num dos grandes castelos dos cruzados na península Arábica e entrar no consulado dos Estados Unidos em Yeda, a partir do qual controlam e manipulam o país"[5].

"Um dos grandes castelos dos cruzados na península Arábica?" Por que os terroristas muçulmanos teriam essa fixação com castelos antigos? Poderia Clinton estar com a razão ao considerar as Cruzadas como a causa dos atuais problemas e ver os atuais conflitos no Iraque e Afeganistão como reedição dos *ethos* cruzados?

De alguma forma, poderia dizer que sim. Quando melhor se compreende as Cruzadas – por que foram realizadas e quais foram suas verdadeiras intenções – melhor se poderá compreender o conflito atual. Os cruzados, de um modo que somente Bill Clinton e os que bombardearam o consulado em Yeda conseguem compreender, são a chave para entender boa parte do que passa no mundo.

Este livro explica as causas. A primeira parte está dedicada ao islã e a segunda parte as Cruzadas. Ao longo de seu desenvolvimento, vai lançar alguma luz sobre a bruma da atual desinformação existente em torno do islã e as Cruzadas. Essa bruma é mais densa que nunca. Uma das pessoas mais responsáveis por esse feito, a apologista ocidental do islã Karen Armstrong, chega inclusive a culpar as Cruzadas pelos erros de concepção ocidentais sobre o islã:

A partir das Cruzadas, a Cristandade ocidental tem desenvolvido uma visão estereotipada e distorcida do islã, ao que o tem por inimigo da civilização honrada [...]. Por exemplo, durante as Cruzadas, uma série de guerras santas brutais desencadeadas pelos cristãos contra o mundo muçulmano, o islã foi descrito pelos monges eruditos da Europa como uma fé intrinsecamente violenta e intolerante, que somente tem conseguido impor-se por meio da espada. O mito da suposta intolerância fanática do islã tem passado a ser um lugar comum no Ocidente. [6]

Em certo sentido, Armstrong tem razão (ao que parece nenhum ser humano pode estar equivocado todo tempo): quando se trata de falar do islã, não é possível se dar crédito a tudo o que se diz, especialmente depois dos ataques de 11 de setembro. A desinformação e as meias verdades acerca do que o islã ensina e do que crêem os muçulmanos radicais nos Estados Unidos tem invadido as rádios e inclusive tem influenciado na política dos governos.

Podemos encontrar muito destes mal-entendidos em análises sobre as "causas profundas" do terrorismo *jihadista* que ceifou tantas vidas em 11 de setembro e que tem seguido ameaçando a paz e a estabilidade dos não-muçulmanos em todo mundo. Entre algumas pessoas do âmbito midiático e acadêmico se tem tornado uma moda em responsabilizar em grande parte, senão em sua totalidade, pelos 11 de setembro de 2001, não ao islã e os muçulmanos, mas os Estados Unidos e os países ocidentais. Segundo

[5] «Al-Qaeda-linked group takes credit for Saudi attack», CNN, 7 de dezembro de 2004.
[6] Karen Amstrong, Islam: A Short History, Modern Library, Nova Iorque. 2000. pp. 179180. Tem edição espanhola: O Islã, Mondadori, Barcelona, 2002.

afirmam certos sábios professores, segue vigente um modelo de sevícia ao mundo islâmico por parte do Ocidente, que começou há séculos: na época das Cruzadas.

O certo é que as sementes do conflito atual foram plantadas muito antes da Primeira Cruzada. Para entender adequadamente as Cruzadas "sua peculiar ressonância no atual conflito com os terroristas da *jihad*, tem que começar voltando-se sobre a figura do Profeta e da religião por ele fundada. Com respeito as Cruzadas, veremos que foram principalmente um reação a certos feitos que se desencadearam mais de quatrocentos e cinquenta anos atrás antes do começo do conflito.

Este livro tem procurado não ser uma introdução geral a religião islâmica nem uma revisão histórica compreensiva das Cruzadas, mas sim uma análise de algumas afirmações cada vez mais tendenciosas acerca do islã e das Cruzadas que tem impregnado o discurso popular. Este livro é uma tentativa de que o discurso público sobre estes temas se acerque um pouco mais de verdade.

Prólogo à edição espanhola

Quer queria quer não, goste ou não, o islã constitui uma das questões mais cruciais de nosso tempo. Foi-se o tempo, há apenas um século, que o islã era algo distante, exótico e inofensivo, diversos povos sob o controle das potências coloniais europeias, a exceção do outrora poderoso Império Otomano, já convertido no morimbundo da Europa. Depois viria a descolonização e o auge do panarabismo socialista e laico à La Nasser, para muitos intelectuais ocidentais o islã estaria definitivamente enterrado entre as relíquias de outros tempos. Porém, erravam mais uma vez, e o último terço do século XX assistiu, entre admiração e espanto, ao ressurgimento de um islã militante e radical (no sentido de retornar as suas raízes).

Um fenômeno sem muitas surpresas para quem possuía o mínimo de visão histórica. Os almorávides e almôades em nosso Al-Andalus, a *jihad* de Usman dan Fodio no ocidente africano ou a conhecida rebelião do Mahdi no Sudão que derrotou os ingleses em 1881, o *wahabbismo* na Península Arábica ou a revolução de Khomeini no Irã são exemplos recorrentes desse ressurgimento islâmico. A história se repete: após um período de expansão e vigor, os dirigentes afrouxam seus costumes, desfrutam sua nova prosperidade e se distanciam do que foram suas origens. É então quando aparece um movimento reformador, apoiado pelas massas populares, que sucumbem a líderes inflamados na causa de um regresso ao vigor originário do islã de Maomé. Não era outra coisa senão o que expressava Rabah Kebir, porta-voz da FIS argelino, quando lhe perguntaram se aspirava reproduzir o modelo *khomeinista* respondendo assim: "Argélia não é o Irã, o Irã não é nosso modelo. É uma república islâmica sem a similaridade total a qual constituiu o Profeta, a nossa queremos que seja idêntica".

E é aqui que reside uma das chaves para entender o fenômeno islâmico: a figura de Maomé. Ainda que seja óbvio que os fundadores imprimam sua própria característica nas religiões, correntes filosóficas ou instituições que fundam, não é demais recordar: não se entende o budismo sem ater-se a Buda, Confúcio é essencial para compreender o confucionismo, assim como Lao Tsé criador do taoísmo. E que dizer da fé cristã, dessa fé que, quando perguntado o que é a coisa mais valiosa, foi respondida nas palavras do *staretz* João, no *Relato do Anticristo*, de Soloviev, ser o próprio Jesus Cristo? Pois o mesmo ocorre com Maomé e o islã: isto está como configurado pelas experiências e infortúnios, êxitos e fracassos de Maomé, é claro. Por isso, quando se debate e opina tanto sobre a natureza do radicalismo islâmico, sobre a possibilidade de evolução no islã, seria conveniente ater-se a estudar a vida e obra de Maomé.

Esta tarefa pode ser de grande ajuda no livro de Robert Spencer. Infelizmente, é muito comum que, no que se refere ao islã, a atitude mais generalizada no Ocidente seja a de não querer enfrentá-lo. Os motivos são vários. Por um lado o medo de que, se encararmos tal como ele é, será desagradável, então caímos na prática do avestruz: queremos nos convencer do que o que não vemos não existe. Infeliz também é a

realidade que nos confronta de vez em quando, nos afundando em confusão. Por outro lado, também encontramos um curioso preconceito que insiste em crer que a humanidade é equiparada ou, ao menos aspira a ser como nossa cultura. Assim, o islã não seria no seu interior mais que um cristianismo do deserto (por acaso não são monoteístas, duas religiões do Livro?... mas, podemos ter certeza que falamos do mesmo Deus? Certeza de que falamos do mesmo livro?) com algumas singularidades próprias do modo de vida árabe. Curiosamente, reaparece aqui com roupagem de tolerância e compreensão moderna, o tão difamado "eurocentrismo", incapaz de conceber que existam outros modos de pensar e viver estranhos ao nosso, porém agora em versão progressista. Por último podemos citar aqui isto que se passou a chamar multiculturalismo, a pretensão de que nenhuma cultura é superior a outra nem, em conseqüência, podemos julgá-las. Uma atitude muito difundida e que apenas pode ocultar seu desprezo ao que representa a civilização ocidental (alguns têm chamado de autofobia) e sua desproporcionalidade ao julgá-la.

Aqueles que nos campi norte americanos insultam os "velhos filósofos brancos" de patriarcais e autoritários não cessam de admirar a sabedoria do sufismo santarrão de plantão. É a mesma desproporcionalidade que leva a um chefe de governo a pedir desculpas imediatas, como que impulsionado por uma mola, para a comunidade islâmica por umas caricaturas inofensivas de Maomé enquanto guarda silêncio acerca de fotografias pornográficas que aparecem Jesus e a Virgem Maria. Em seguida, a segunda parte do livro em que se abordam os estudos das Cruzadas e se as comparam com a *jihad* muçulmana é um magnífico antídoto contra o multiculturalismo, mostrando que a partir do rigor histórico, sem exagerar virtudes ou ocultar defeitos, não temos nada o que temer do estudo atento da história, ao contrário, somente deste modo poderemos superar os falsos preconceitos, tão difundidos hoje, que nos fazem envergonhar de quem somos.

Repito, pois, que este livro pode ser uma boa ferramenta para iniciar um estudo rigoroso do que é o islã, esta ferramenta tão ausente quanto necessária em nossos dias. Porque já não se trata só de um assunto para estudiosos eruditos do tema, fonte de disputas excêntricas entre bizantinos e orientalistas. Não, o islã já não é aquela civilização relativamente distante que conhecíamos pelas páginas dos livros de Ali Bei ou Richard Burton; está a poucas quadras de nossa casa, senão em nossa própria calçada. Londonistão já está presente na maioria das grandes cidades da Europa de um modo como quiçá nunca havia acontecido. Não daremos uma resposta adequada aos novos desafios que nos apresentam, não será simples, desde o desconhecimento e menos ainda a partir da lenda rosa ou *el buenismo*. Urge, pois, abordar a questão do islã de frente, sem medos, nem preconceitos, compreendendo-o na profundidade para assim poder atuar depois baseado na realidade e não em paixões. Confio que o livro será acolhido assim, será lido com atenção e dará lugar a debates sérios, respeitosos e imparciais. Se for assim, todos sairão ganhando em uma questão certamente crucial.

PARTE I

O ISLÃ

Capítulo 1

Maomé, o profeta da guerra

Por que ainda hoje interessa a vida de Maomé, o profeta do islã? Tem-se passado catorze séculos desde seu nascimento. Em todo este tempo, tem vivido e morrido milhões de muçulmanos, e têm surgido muitos líderes dispostos a guiar-los, incluindo aos próprios descendentes do profeta. E, com certeza, o islã, igualmente como as demais religiões têm experimentado mudanças em todos estes anos.

A vida de Maomé é importante pelo seguinte: ao contrário do que muitos leigos querem fazer-nos crer, as religiões não estão totalmente determinadas (ou deformadas) por seus fiéis. As vidas e palavras dos fundadores seguem sendo os elementos centrais das mesmas, independente do tempo transcorrido desde que eles viveram. A idéia de que os fiéis são quem moldam a religião deriva da filosofia da desconstrução, tão celebrada na década de sessenta, que sustenta que o texto escrito não tem outro significado que aquele aplicado pelo leitor. E se o leitor encontra por si mesmo o significado das palavras, então não pode existir a verdade (e desde já, a verdade religiosa); o significado não é igual de uma pessoa para outra. Finalmente, segundo o desconstrutivismo, todos nós criamos nossos conjuntos de "verdades" e nenhuma delas é melhor ou pior que a outra.

No entanto, para os homens e mulheres religiosos das ruas de Chicago, Roma, Jerusalém, Damasco, Calcutá e Bangkok, as palavras de Jesus, Moisés, Maomé, Krishina e Buda significam algo muito importante. Inclusive para o leitor não devoto, as palavras destes grandes mestres religiosos variam de significado segundo quem as interprete.

Por esse motivo, tenho colocado em cada capítulo um apartado intitulado "Maomé vs. Jesus" para destacar a falácia de quem proclama que o islã e o cristianismo – e, nesse sentido, todas as demais tradições religiosas – são basicamente similares em sua capacidade para inspirar o bem e o mal. Também se tem quisto subtrair o feito de que o Ocidente, baseado na Cristandade, é mais defensável, apesar de que vivamos na chamada era pós-cristã. Ademais, através das palavras de Maomé e Jesus podemos estabelecer uma distinção entre os princípios fundamentais que orientam os fiéis muçulmanos e cristãos. Não são necessários maiores esforços para ver que a vida em um país islâmico é diferente da que se vive nos Estados Unidos ou no Reino Unido. A diferença começa com Maomé. Em nossos dias, quando tanta gente invoca as palavras e os atos do profeta para justificar ações violentas e derramamento de sangue, é de suma importancia familiarizar-se com essa figura central.

Para muitos ocidentais, Maomé continua sendo uma das figuras religiosas mais misteriosas. Por exemplo, a maioria das pessoas sabe que Moisés recebeu os Dez Mandamentos no Monte Sinai, que Jesus morreu no Calvário e que logo ressuscitou;

talvez saibam até que Buda sentou-se debaixo de uma árvore e alcançou a iluminação. De Maomé pouco sabem e não obstante é uma figura muito discutida. Consequentemente, o que sabem é baseada unicamente em fontes islâmicas.

Primeiro fato básico: Mohammed ibn Abdalá ibn Abd al-Muttalib (570-632), o profeta do islã, era um homem da guerra, que ensinou a seus seguidores a lutarem por sua nova religião. Disse que seu deus, Alá, havia-lhes ordenado a tomarem em armas, e Maomé, que não era nenhum general de repartição, combateu em inúmeras batalhas. Estes feitos são cruciais para quem quer que realmente queira compreender as causas das Cruzadas, ocorridas há vários séculos, ou o surgimento atual do movimento *jihadista* global.

No curso dessas batalhas, Maomé articulou muitos princípios que têm sido assumidos pelos muçulmanos até nossos dias. Portanto, é importante registrar algumas características das batalhas de Maomé que podem esclarecer sobre as questões que atualmente aparecem estampadas nas manchetes dos jornais; lamentavelmente, muitos analistas e especialistas persistem em furtar-se a este esclarecimento.

Maomé, o invasor

Maomé já possuía experiência como guerreiro antes de assumir o papel de profeta. Havia participado em duas guerras locais entre sua tribo, a dos coraixitas e de seus rivais e vizinhos, os banu hawazin. Porém seu papel como profeta-guerreiro viria a ser posterior. Depois de receber, no ano de 610, as revelações de Alá através do arcanjo Gabriel, começou a pregar à sua tribo a adoração a um só deus e a sua própria posição como profeta. Porém, em Meca, não foi bem recebido pelos seus irmãos coraixitas, os quais reagiram desdenhosamente a seu clamor profético e se negaram a renunciar a seus deuses. A raiva e a frustração de Maomé se tornaram evidentes. Quando seu tio Abu Láhab, rechaçou sua mensagem, Maomé os amaldiçoou, a ele e sua mulher, na linguagem violenta que ficou preservada no Alcorão, o livro sagrado do islã: "Que pereça o poder de Abu Láhab e que ele pereça também! De nada lhe valerão os seus bens, nem tudo quanto lucrou. Entrará no fogo flamígero, bem como a sua mulher, a portadora de lenha, que levará ao pescoço uma corda de esparto!" (Alcorão, 111: 1-5).

Finalmente, Maomé passou das palavras violentas aos atos violentos. No ano de 622, abandonou sua Meca natal para transferir-se para uma cidade próxima, Medina, onde um bando de guerreiros tribais o aceitaram como profeta e se proclamaram leais a ele. Em Medina, estes novos muçulmanos começaram assaltar as caravanas dos coraixitas e, muitas de suas incursões foram comandadas pessoalmente por Maomé. Estas expedições mantiveram a vigor do ínfimo movimento muçulmano e contribuíram para formar a teologia islâmica: um exemplo foi o notório incidente, no qual um grupo de muçulmanos invadiu uma caravana coraixita em Nakhla, um assentamento próximo a

Meca. Os invasores atacaram uma caravana durante o mês sagrado de Rajab, quando voltaram ao acampamento muçulmano carregados com os despojos da pilhagem, Maomé recusou a compartilhar o botim, não quis saber deles e simplesmente disse: "Eu não lhes ordenei que lutassem durante o mês sagrado". [7]

A HISTÓRIA SE REPETE: A MATANÇA DE NÃO COMBATENTES

Quando Osama Bin Laden matou não combatentes em 11 de setembro de 2001 no Word Trade Center, e quando seus correligionários capturaram e decapitaram reféns civis no Iraque, os porta-vozes dos muçulmanos norte-americanos afirmaram timidamente que tomar por alvo pessoas inocentes estava proibido pelo islã. Isto é algo questionável, visto que as autoridades legais islâmicas permitem a matança de não combatentes quando suspeitam de serem colaboradores dos inimigos do islã na guerra.[8] No entanto, mesmo que a hipóteses esteja correta, poderia dar espaço a esta outra, derivada da incursão a Nakhla "A opressão é pior que o homicídio". Deste modo, lutar contra a perseguição dos muçulmanos por todos os meios necessários torna-se um bem supremo.

Porém, logo veio uma nova revelação por parte de Alá, que explicava que a oposição dos coraixitas a Maomé era uma transgressão mais grave do que a violação do mês sagrado. Em outras palavras, a incursão estava justificada. "Quando te perguntarem se é lícito combater no mês sagrado, dizei-lhes: "A luta durante este mês é um grave pecado; porém, desviar os fiéis da senda de Alá, negá-Lo, privar os demais da Mesquita Sagrada e expulsar dela (Makka) os seus habitantes é mais grave ainda, aos olhos de Alá, porque a perseguição é pior do que o homicídio. Os incrédulos, enquanto puderem, não cessarão de vos combater, até vos fazerem renunciar à vossa religião; porém, aqueles dentre vós que renegarem a sua fé e morrerem incrédulos tornarão as suas obras sem efeito, neste mundo e no outro, e serão condenados ao inferno, onde permanecerão eternamente." (Alcorão, 2: 217). Qualquer pecado que os invasores de Nakhla tivessem cometido foram ofuscados pela rejeição de Maomé pelos coraixitas.

Esta foi uma revelação importante, porque conduziu a um principio islâmico que tem tido repercussão através das diferentes épocas. O bem passa a identificar-se com tudo aquilo que redunda em benefício dos muçulmanos, sem importar se constitui uma violação a moral ou a outras leis. Os princípios morais contido nos Dez Mandamentos e em outros ensinamentos das grandes religiões anteriores ao islã foram deixadas de lado para colocar em prioridade, o princípio da conveniência.

[7] Ibn Ishag's Sirat Rasul Allah, The Live of Mohamed, traduzida ao inglês por A. Guillarme, Osford University Press, 1955, pp. 287-288

[8] Saiba mais em Umdat al-Salik 09.10; Al-Mawardi, AI-Akham as-Sultaniyyah, 4.2.

A Batalha de Badr

Pouco depois de Nakhla ocorreu a primeira grande batalha dos muçulmanos. Maomé ouviu dizer que vinha a partir da Síria uma grande caravana coraixita[7] carregada de dinheiro e mercadorias. "Esta é a caravana dos coraixitas, com seus pertences", lhe disse aos seus seguidores. "Atacamo-la, e que Alá a nos conceda como presa" [9]. Ele tomou o caminho para Meca para assumir a frente da incursão. Porém, desta vez os coraixitas o estavam esperando e partiram ao encontro dos trezentos homens de Maomé com uma força de cerca de mil homens. Aparentemente, Maomé não esperava ter que se enfrentar com essa quantidade de combatentes e clamou ansioso a Alá "Oh, Alá, se nosso bando for aniquilado hoje, não poderemos te adorar nunca mais." [10]

Apesar de sua superioridade numérica, os coraixitas foram derrotados. Algumas tradições muçulmanas dizem que o próprio Maomé participou na batalha, enquanto outras que só exortou seus seguidores em suas fileiras. De qualquer forma, para ele, este feito tornou-se a ocasião de vingar anos de frustração, ressentimento e ódio por seu próprio povo, que o havia rechaçado. Mais tarde, um de seus seguidores recordou uma maldição que Maomé dirigiu aos líderes dos coraixitas: "O Profeta disse: Oh Alá! Destrua os chefes dos coraixitas, oh Alá! Destrua a Abu Jahl bin Hisham, 'Utba bin Rabi'a, Shaiba bin Rabi'a, Al-Walid bin 'Utba, Umaiya bin Khalaf, and 'Uqba bin Al Mu'it, Omaiya bin Khalaf (ou Ubai bin Kalaf)." [11]

Todos estes homens foram capturados ou mortos durante a Batalha de Badr. Um chefe coraixita mencionado nesta maldição, Uqba, rogou por sua vida: "Mas quem vai cuidar dos meus filhos, ó Maomé?" "Ao inferno" respondeu o profeta do islã, e ordenou matar Uqba [12]. Outro chefe coraixita Abu Jahl (que significa "pai da ignorância", nomeado por cronistas muçulmanos, enquanto na verdade, chamava Amr ibn Hisham) foi decapitado. O muçulmano que o decapitou o levou orgulhosamente como troféu a Maomé: "Eu lhe cortei a cabeça e eu a levei ao apóstolo dizendo: 'Esta é a cabeça do inimigo de Deus, Abu Jahl". Maomé estava encantado, "Por Alá como Ele não há nenhum outro, não estou certo?", exclamou, e deu graças a Alá pela morte de seu inimigo[13]. Os corpos de todos os mencionados na maldição foram jogados em um poço. Uma testemunha relatou o seguinte: "Depois vi que todos eles acabaram mortos na Batalha de Badr e seus corpos foram jogados dentro de um poço, exceto o corpo de Omaiya bin Khalaf, ou Ubai, porque era um homem gordo e, quando o lançaram, as partes de seu corpo se separaram antes que o atirassem ao poço." [14] Logo Maomé se referiu jocosamente a eles como "o povo do poço" e levantou uma questão teológica: "Haveis visto se o que Alá os tem prometido é verdade? Eu vi que o prometido a mim

[9] Ibn Ishaq, op. Cit., p. 289
[10] Ibid., p.300
[11] Muhammed Ibn Ismaíl Al-Bujari, Sahih al-Bujari: The Translation of the Meanings, Darussalam
[12] Ibn Ishaq, op. Cit., p. 308
[13] Ibid., p.304
[14] A.-Bujari, op. Cit. Vol. 4, livro 58, nº 318

pelo Senhor é verdade." Quando lhe perguntaram por que conversava com o corpo dos mortos, ele respondeu: "Vós não podereis ouvir melhor que eles o que eu digo, porém eles não podem responder-me". [15]

A vitória de Badr é um marco lendário para os muçulmanos. Maomé inclusive declarou que legiões de anjos se uniram a eles para abater os coraixitas e, que no futuro haveria uma ajuda similar para os muçulmanos que continuarem crendo em Alá: "Sem dúvida que Alá vos socorreu, em Badr, quando estáveis em inferioridade de condições. Temei, pois, a Alá e agradecei-Lhe. E de quando disseste aos fiéis: Não vos basta que vosso Senhor vos socorra com o envio celestial de três mil anjos? Sim! Se fordes perseverantes, temerdes a Alá, e se vos atacarem, imediatamente vosso Senhor vos socorrerá, com cinco mil anjos bem treinados." (Alcorão, 3: 123-125). Outra revelação de Alá enfatiza que o que conduziu a vitória de Badr foi a piedade e não o poder militar: "Tivestes um exemplo nos dois grupos que se enfrentaram: um combatia pela causa de Alá e outro, incrédulo, via com os seus próprios olhos o (grupo) fiel, duas vezes mais numeroso do que na realidade o era; Alá reforça, com Seu socorro, quem Lhe apraz. Nisso há uma lição para os que têm olhos para ver." (Alcorão, 3: 13). Outra passagem do Alcorão afirma que em Badr os muçulmanos foram meros instrumentos passivos: "e não obstante, (oh fiéis) não fostes vós quem matastes o inimigo." (Alcorão, 8: 17). Alá iria garantir essas vitórias aos muçulmanos piedosos ainda quando tivessem que enfrentar eventos mais difíceis que as que se presenciaram em Badr: "Ó Profeta, estimula os fiéis ao combate. Se entre vós houvesse vinte perseverantes, venceriam duzentos, e se houvessem cem, venceriam mil dos incrédulos, porque estes são insensatos." (Alcorão, 8: 65).

Alá recompensou aqueles a quem havia concedido a vitória de Badr: obtiveram um grande botim, tão grande, que de fato, se converteu no pomo da discórdia gerando uma divisão interna, e que o mesmo Alá falou acerca dela em um capítulo (surata) do Alcorão completamente dedicado a reflexões sobre a Batalha de Badr: o oitavo capítulo, intitulado "Al-Anfal" (o botim de guerra ou o saque). Alá adverte aos muçulmanos que não devem considerar que o botim obtido em Badr pertença a ninguém mais que a Maomé: "Perguntar-te-ão sobre os espólios. Dize: Os espólios pertencem a Alá e ao Mensageiro. Temei, pois, a Alá, e resolvei fraternalmente as vossas querelas; obedecei a Alá e ao Seu Mensageiro, se sois fiéis." (Alcorão, 8:1). Finalmente, Maomé distribuiu o botim equitativamente entre os muçulmanos, guardando para ele a quinta parte do mesmo: "E sabei que, de tudo quanto adquirirdes de despojos, a quinta parte pertencerá a Alá, ao Mensageiro e aos seus parentes, aos órfãos, aos indigentes e ao viajante; se fordes crentes em Alá e no que foi revelado ao Nosso servo no Dia do Discernimento, em que se enfrentaram os dois grupos, sabei que Alá é Onipotente." (Alcorão, 8: 41). Alá insiste em que se trata de uma recompensa por obedecê-lo: "Desfrutai, pois, de todo

[15] Ibn Isaac, op., cit., p. 306

o lícito e bom que haveis ganhado como botim de guerra e sedes conscientes de Alá: em verdade, Alá é indulgente, dispensador de graça." [16] (Alcorão, 8: 69).

Os muçulmanos passaram de uma comunidade nanica e desprezada para formar uma força que os pagãos de Arábia deveriam levar em consideração, e começaram a semear o terror nos corações de seus inimigos. A proclamação de Maomé como último profeta do único e verdadeiro Deus se veio convalidada por uma vitória obtida contra todas as probabilidades. Com esta vitória se instalaram na mente dos muçulmanos certas atitudes e convicções, muitas delas similares as que estão em vigor na atualidade. Incluem as seguintes:

- A vingança sangrenta contra os inimigos pertencem não somente ao Senhor, mas também a aqueles que se submetem a Ele na Terra. Este é o significado da palavra islã: submissão.
- Os prisioneiros capturados na batalha contra os muçulmanos podem ser condenados a morte por decisão dos líderes muçulmanos.
- Aqueles quem rejeitarem o islã são "as criaturas mais vis" (Alcorão, 98:6) e, portanto não merecem piedade.
- Qualquer um que insulte ou inclusive se oponha a Maomé ou a seu povo merece uma morte humilhante; se for possível, por decapitação. (Este é coerente com a ordem de Alá de "golpear no pescoço" aos "infiéis" (Alcorão, 47:4).

Acima de tudo, a Batalha de Badr foi o primeiro exemplo prático do que logo se conheceria como a doutrina islâmica da *jihad*, uma doutrina que resulta na chave para a compreensão das Cruzadas e dos conflitos atuais.

Assassinato e engano

Inspirado pela vitória, Maomé aumentou suas incursões. Também endureceu suas atitudes quanto às tribos judias da região, que mantinham sua fé e o rejeitava como profeta de Deus. A partir dessa rejeição, os clamores proféticos de Maomé quanto aos judeus adquiriram um caráter violento colocando em destaque o castigo terreno. Atravessando o centro comercial dos banu qaynuqa, uma tribo judia que havia acordado uma trégua, Maomé anunciou à multidão: "Oh judeus! Cuidado para que Alá não derrame sobre vós a vingança que Ele executou contra os coraixitas, que logo se converteram em muçulmanos. Vós sabeis que sou um profeta que tem sido enviado: isto o encontrareis em vossas escrituras e na aliança que Alá tem feito convosco" [17]. Os judeus de Banu Qaynuqa não foram persuadidos por Maomé, o que provocou uma frustração ainda maior no profeta. Este os sitiou até que eles lhe ofereceram uma

[16] Ibid., p. 308
[17] Ibid., p. 363

rendição incondicional. Nem sequer assim amenizaram a ira de Maomé, que encontrou um novo alvo para ela no poeta judeu K'ab ben al-Ashraf, o qual segundo o primeiro biógrafo de Maomé, Ibn Ishac "compunha versos de amor de natureza lasciva para com as mulheres muçulmanas." [18] Maomé indagou a seus seguidores: "Quem quer matar a K'ab ben al-Ashraf, que tem afligido Alá e seu Mensageiro?"[19]

Encontrou como voluntário o jovem muçulmano chamado Muhammad ibn Maslamah: "Oh Mensageiro de Alá! Queres que o mate?" Depois que o profeta permitiu "Sim", Muhammad ibn Maslamah lhe pediu permissão para mentir, com o objetivo de enganar a K'ab ben al-Ashraf e conduzi-lo à uma emboscada[20]. O profeta consentiu e K'ab foi devidamente enganado e assassinado por Muhammad ibn Maslamah.[21]

IBN WARRAQ DISSERTA SOBRE O ISLÃ:

"A teoria e a prática da *jihad* não foram inventadas no Pentágono [...] Derivam diretamente do Alcorão e da *hadith*, a tradição islâmica. Os progressistas ocidentais, especialmente aos humanistas, custam aceitar [...] É incrível a quantidade de pessoas que tem escrito sobre o 11 de setembro sem ter mencionado uma só vez o islã. Devemos levar muito a sério o que dizem os islâmicos para compreender sua motivação, [que] para todos os muçulmanos é um dever imposto pela divindade, a luta no sentido literal, até que a lei humana tenha sido substituída pela lei divina, a *sharia*, e até lograr imponente a lei islâmica em todo mundo [...] Por cada texto que produzir os muçulmanos moderados, os mulás vão se utilizar de centenas de contra-argumentos [que são] muito mais legítimos desde o ponto de vista exegético, filósofo e histórico" [22]

Depois do assassinato de K'ab, Maomé emitiu outra ordem geral: "Matai todos os judeus que caírem em vosso poder." Não tratava-se de uma ordem militar: a primeira vítima foi o comerciante Ibn Sunayna, que tinha "relações sociais e comerciais" com os muçulmanos. O verdugo, Muhayissa, foi objeto de reprovação por parte de seu irmão Huwayissa que, todavia não era muçulmano. Muhayissa não estava arrependido, e disse-lhe a seu irmão: "Se ele que me ordenou matá-lo, tivera ordenado matar-te a ti, ter-lhe-ia cortado a cabeça". Huwayissa ficou impressionado: "Meu Deus, uma religião que pode conduzir a isto é maravilhosa!" E se converteu em muçulmano [23]. Na atualidade, o mundo continua sendo testemunha de maravilhas como esta.

[18] Ibid., p. 367
[19] Sahih Muslim, traduzido ao inglês por Abdul Hamid Siddiqi, Kitab Bhavan, edición revisada em 2000, vol. 3, livro 17, nº 4436
[20] Al-Bujari, op. cit., vol. 4, livro 56, nº 3032
[21] Ibid., vol. 5, livro 64, nºo 4037
[22] Ibn Warraq, Why I Am Not a Muslim, Prometheus Books, Nova Iorque, 1995. Possui edição espanhola: Por que não sou muçulmano, Edições de Bronze, Barcelona, 2003
[23] Ivn Isaac, op. Cit., p. 369

A HISTÓRIA SE REPETE: OS PRETEXTOS

Em Uhud se formou outro modelo que se tem mantido através dos séculos: os muçulmanos tomariam qualquer agressão como pretexto para vingança, sem ter em consideração se haviam sido eles que a provocaram. Exibindo uma astuta compreensão sobre a maneira de influenciar a opinião pública, os *jihadistas* e seus aliados politicamente corretos da esquerda americana utilizam os eventos atuais como pretexto para justificar suas ações: corriqueiramente mostram que só estão reagindo as graves provocações do inimigo do islã. Porém, com isso planejam influenciar e por em seu favor a opinião pública. A opinião comum vigente no espectro político surpreendentemente ampla, sustenta que o movimento da *jihad* global é uma resposta a algum tipo de provocação: a invasão do Iraque, a fundação de Israel, a queda de Mossadegh no Irã ou uma afronta mais geral como "neocolonialismo norte-americano" ou "a cobiça pelo petróleo". Aqueles que se mostram, em especial, esquecidos da história, jogam a culpa para certos epifenômenos de novo cunho, tais como os escândalos da prisão de Abu Graib, que desde 2004 lançam uma sombra sobre a presença americana no Iraque. Porém os *jihadistas* seguem lutando desde muito antes de Abu Graib, Iraque, Israel ou da independência americana. De fato, seguem lutando e imitando seu profeta guerreiro desde o século VII, e dirigindo suas ações como resposta a atrocidades de seus inimigos depois de que Maomé descobriu o corpo mutilado de seu tio.

Vingança e pretextos

Depois de terem sofrido a humilhação de Badr, os coraixitas estavam sedentos por vingança e enviaram três mil soldados para lutar contra mil muçulmanos em Uhud. Maomé carregando duas couraças e brandindo sua espada, conduziu os muçulmanos a batalha. Porém, desta vez era de fato o profeta quem os comandava, com a face ensangüentada e um dente arrancado; inclusive circulavam rumores pelo campo de batalha de que o haviam matado. Quando pode encontrar água para lavar seu rosto, Maomé jurou vingança: "A ira de Alá é feroz contra aqueles que têm ensanguentado o rosto de Seu profeta" [24]. Quando o chefe coraixita Abu Sufyan se esquivou dos muçulmanos, Maomé se manteve firme em sua posição, e ressaltou a tradicional e marcante distinção islâmica entre fiéis e infiéis. Ele disse a seu tenente Ornar que respondeu: "Alá é maior e mais glorioso. Não somos iguais. Nossos mortos estão no paraíso; os vossos estão no inferno" [25].

Maomé jurou novamente vingança quando encontrou o corpo de seu tio Hamza. Ele foi assassinado em Uhud, e seu corpo foi horrivelmente mutilado por uma mulher, Hind bint Utba, que lhe cortou o nariz e as orelhas e comeu parte de seu fígado. Ela agiu por vingança pelo assassinato em Badr de seu pai, seu irmã, seu tio e seu filho mais

[24] Ibid., p. 382
[25] Ibid., p. 386

velho. O profeta não estava na lista porque ela executou esses terríveis atos como vingança: “Se Alá me conceder a vitória sobre os coraixitas no futuro”, exclamou, “vou mutilar a trinta de seus homens”. Comovidos por sua dor e sua raiva, seus seguidores fizeram um juramento similar: “Por Alá, que se Alá nos conceder a vitória sobre eles, no futuro vamos mutilá-los como nenhum árabe mutilou alguém antes” [26].

MAOMÉ vs. JESUS

“Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem.”

Jesus (São Mateus, 5: 44)

“Mobilizai tudo quando dispuserdes, em armas e cavalaria, para intimidar, com isso, o inimigo de Alá e também inimigos vossos, e ainda outros que não conheceis, mas que Alá bem conhece.”

Alcorão, 8: 60

Na vitória e na derrota, mais islã

Entretanto, a derrota de Uhud não abalou a fé dos muçulmanos nem diminuiu seu fervor. Alá lhes disse que se não o desobedecessem, alcançariam outra vitória: "Alá cumpriu a Sua promessa quando, com a Sua anuência, aniquilastes os incrédulos, até que começastes a vacilar e disputar acerca da ordem e a desobedecestes, apesar de Alá vos Ter mostrado tudo o que aneláveis." (Alcorão, 3: 152)

Aqui novamente instala-se um padrão: quando as coisas vão mal para os muçulmanos, se trata de um castigo por não haverem sido fiéis ao islã. Em 1948, Sayid Qutb, o grande teórico da Irmandade Muçulmana, que carrega a distinção de ser o primeiro grupo terrorista moderno, em uma declaração fez uma referencia ao mundo islâmico: “Somente devemos analisar para entender que nossa situação social não pode piorar”. Ademais, “[nós] temos deixado sempre de lado nossa própria herança espiritual, toda nossa bagagem intelectual e todas as soluções que claramente se poderiam vislumbrar lançando um olhar a estas questões: nós deixamos de lado nossos próprios princípios e doutrinas fundamentais e assumimos os da democracia, do socialismo ou do comunismo.” [27] Em outras palavras, o islã garante o sucesso por si próprio, e abandoná-lo acarretaria no fracasso.

[26] Ibid., p. 387

[27] Sayid Qutb, Social Justice in Islam, traduzido por John B. Hardie e Hamid Algar, edição revisada, Islamic Publications International, 2000, p. 19

A HISTÓRIA SE REPETE: O TSUNAMI REQUER MAIS ISLÃ

Depois de que 26 de dezembro de 2004 um tsunami devastou o Pacífico Sul, Austrália e Estados Unidos comprometeram-se com ajudas de mais de 1 bilhão de dólares cada um. Qatar, os Emirados Árabes, Kuwait, Argélia, Bahrein e Líbia proveram juntas menos de 10% da quantia acima. Os mestres islâmicos culparam o tsunami pelos pecados cometidos pelos infiéis e os muçulmanos da Indonésia. Como disse um clérigo saudita, "isto ocorreu no Natal, quando os fornicadores e os povos de todo mundo se dedicam a fornicação e a perversão sexual". [28]

A conexão teológica entre a vitória e a obediência, e entre o fracasso e a desobediência, se viu reforçada na Guerra das Trincheiras em 627. Maomé recebeu novamente uma revelação que atribuía a vitória à intervenção sobrenatural de Alá: "Ó fiéis, recordai-vos da graça de Alá para convosco! Quando um exército se abateu sobre vós, desencadeamos sobre ele um furacão e um exército invisível (de anjos), pois Alá bem via tudo quanto fazíeis." (Alcorão, 33:8)

Mito politicamente correto: Podemos negociar com esta gente

Outro princípio islâmico fundamental foi estabelecido a partir dos acontecimentos que cercam o Tratado de Hudaybiyyah. No ano de 628, Maomé teve uma visão na qual peregrinava à Meca, um costume pagão que ele queria incorporar ao islã, porém até então não havia conseguido concretizá-lo devido ao controle que exerciam os coraixitas sobre a cidade. Informou que os muçulmanos se preparavam para fazer a peregrinação à Meca, e avançou sobre a cidade com 1.500 homens. Os coraixitas se encontraram com ele fora da cidade, e as duas partes firmaram uma trégua de dez anos (hudna), que foi conhecido por Tratado de Hudaybiyyah.

Os muçulmanos aceitaram voltar às suas casas sem concluir a peregrinação, e os coraixitas os iria permitir realizá-la no ano seguinte. Maomé surpreendeu os seus homens ao aceitar de pronto certas condições que pareciam ser totalmente desfavoráveis aos muçulmanos: os que fugiram dos coraixitas e buscavam refúgio com os muçulmanos, deveriam ser devolvidos aos coraixitas, enquanto que quem fugiram dos muçulmanos e buscavam refúgio com os coraixitas, não iriam ser devolvidos aos muçulmanos. Ademais, o negociador coraixita, Suhayl ben Amr, obrigou Maomé que não se identificasse como "Maomé, o Apóstolo de Deus". Suhayl disse: "Se eu tivera sido testemunha de que tu eras o apóstolo de Deus, não haveria lutado contra ti. Escreva

[28] Deroy Murdock, «"The Great Satan" on Devastated Muslim Streets», National Review Online, 6 de janeiro de 2005.

teu próprio nome e em seguida o nome de teu pai". Para consternação de seus companheiros, isso foi o que fez Maomé.

Então, contra todas as evidências, insistiu que os muçulmanos haviam saído vitoriosos e transmitiu uma nova revelação de Alá: "Em verdade, temos te predestinado um evidente triunfo" (Alcorão, 48: 1). Prometeu a seus adeptos que iriam obter fartos botins: "Alá Se congratulou com os fiéis, que te juraram fidelidade, debaixo da árvore, bem sabia quanto encerravam os seus corações e, por isso infundiu-lhes o sossego e os recompensou com um triunfo imediato, bem como com muitos ganhos que obtiveram, porque Alá é Poderoso, Prudentíssimo. Alá vos prometeu muitos ganhos, que obtereis, ainda mais, adiantou-vos estes e conteve as mãos dos homens, para que sejam um sinal para os fiéis e para guiar-vos para uma senda reta." (Alcorão, 48: 18-20).

Se entre seus adeptos havia algum cético, logo seus temores seriam dissipados. Uma mulher dos coraixitas, Umm Kulthum se uniu aos muçulmanos em Medina: seus dois irmãos foram ao encontro de Maomé pedindo-lhe que ela fosse devolvida, "em razão do acordo estabelecido por ele e os coraixitas em Hudaybiyyah[29]. Maomé se negou porque Alá o proibia, pois lhe havia feito uma nova revelação: "Ó fiéis, quando se vos apresentarem as fugitivas fiéis, examinai-as, muito embora Alá conheça a sua fé melhor do que ninguém; porém, se as julgardes fiéis, não as restituais aos incrédulos". (Alcorão, 60: 10).

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

A. Guillaume, The Life of Mahoma: A Translation of Ibn Ishaq's Sirat Rasul Allah [A vida de Maomé: uma tradução de Ibn Ishaq's Sirat Rasul Allah], Oxford University Press, 1955.
Uma tradução inglesa da primeira biografia de Maomé, escrita por um piedoso muçulmano. Praticamente, cada página apresenta uma demolidora refutação do mito politicamente correto de um Maomé pacífico.

Ao não devolver Umm Kulthum aos coraixitas, Maomé descumpriu o tratado. Contudo, os apologistas muçulmanos têm proclamado ao longo da história que os coraixitas foram os primeiros a quebrá-lo, mas este incidente ocorreu antes que estes descumprissem qualquer ponto do acordo.

Os acontecimentos posteriores viriam a ilustrar as sombrias implicações de este princípio.

[29] Ibn Ishaq, op. cit., p. 509.

Capítulo 2

Alcorão, o livro da guerra

Dada que a carreira profética de Maomé esteve profundamente marcada pelo sangue e pela guerra, não deveria surpreender que o Alcorão, o livro sagrado que legou ao mundo o profeta do islã, seja igualmente violento e intransigente.

Efetivamente, ele é assim: o Alcorão é o único dos textos sagrados que dá conselhos a seus adeptos para que promovam a guerra contra os infiéis.

O Alcorão aconselha a guerra

Existem mais de cem versículos no Alcorão que exortam aos fiéis a empreender a *jihad* contra os infiéis. "Ó Profeta, combata os incrédulos e os hipócritas, e sê implacável para com eles! O inferno será sua morada. Que funesto destino!" (Alcorão, 9: 73). "Combata duramente" equivalente ao *jahidi*, uma forma verbal do substantivo *jihad*, "E quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado" (Alcorão, 47:4). Isto aparece frisado repetidas vezes: "Ó fiéis, combatei os vossos vizinhos incrédulos para que sintam severidade em vós; e sabei que Alá está com os tementes." (Alcorão, 9: 123).

Esta guerra deveria estar direcionada tanto contra aqueles que rejeitavam ao islã como contra aqueles se declaravam muçulmanos, porém não cumpriam plenamente os preceitos da fé: "Ó Profeta, combate os incrédulos e os hipócritas, e sê implacável para com eles! O inferno será sua morada. Que funesto destino!" (Alcorão, 9:73).

Esta guerra era somente uma parte de um grande conflito espiritual entre Alá e Satã: "Os fiéis combatem pela causa de Deus; os incrédulos, ao contrário, combatem pela do sedutor. Combatei, pois, os aliados de Satanás, porque a angústia de Satanás é débil." (Alcorão, 4: 76).

SABIA QUE...?

• O Alcorão ordena aos muçulmanos empregar guerra contra judeus e cristãos.

• Os versículos pacíficos do Alcorão, por vezes considerados tolerantes, na realidade têm sido revogados, de acordo com a teologia islâmica.

• Na Bíblia não há nada comparável as exortações a violência do Alcorão.

"Mas quanto os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acossai-os e espreitai-os; porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o *zakat*, abri-lhes o caminho. Sabei que Alá é Indulgente, Misericordiosíssimo." (Alcorão, 9: 5). Aqui, o tributo de justificação é a esmola (*zakat*), um dos cinco pilares do islã [30]. Assim, o versículo está dizendo que se os "idólatras" se converterem em muçulmanos, tem que ser deixados em paz.

Devem-se combater os judeus e cristãos igualmente como os "idólatras": "Lutai contra aqueles que, apesar de haverem recebido a revelação, não crêem em Alá nem no Dia do Juízo Final, nem abstêm do que Alá e Seu Mensageiro proibiram, e não seguem a religião da verdade que Alá lhes tem prescrito, até que, submissos, paguem o *jizya*." (Alcorão, 9: 29). A *jizya* era um tributo infligido aos infiéis.

A *jihad* é o maior dever de um muçulmano: "Acreditas, acaso, que o simples feito de dar água aos peregrinos e cuidar do mantimento da Casa Inviolável de Adoração são iguais aos que crêem em Alá e no Dia do Juízo Final, e lutam pela causa de Alá [*yzhad /i sabil Allah*]? Estas coisas não são iguais perante Alá. Sabei que Alá não ilumina os iníquos. Os fiéis que migrarem e sacrificarem seus bens e suas pessoas pela causa de Alá [*ythad /i sabil Allah*], obterão maior dignidade ante Alá e serão ele que no final vão alcançar a salvação" (Alcorão, 9: 19-20). Na teologia islâmica, *yihad fi sabil Allah* se refere especificamente a tomar em armas pelo islã.

O paraíso está garantido a todos aqueles que "matam e são mortos" por Alá: "Alá cobrará dos fiéis o sacrifício de suas vidas seus bens, prometendo-lhes em troca o Paraíso. [E assim] combaterão pela causa de Alá, matarão e serão mortos: uma promessa infalível, que Ele tem imposto" (Alcorão, 9: 111).

[30] Os cinco pilares do islã são: 1. A sahahada (a fé); 2. O salat (a oração); 3. O zakat (a esmola); 4. O jejum do mês do Ramadã; 5. A peregrinação a Meca ao menos una vez na vida.

Poder-se-ia tentar realizar uma espiritualização desses versículos, porém tomando como referência a trajetória histórica, não resta dúvida de que Maomé falava em um sentido literal.

Mito politicamente correto: Alcorão prega a tolerância e a paz

Mas, espere um momento: Será que o Alcorão não prega realmente a paz e a tolerância? Há sim, alguns poucos versículos nefastos, porém há também uma grande quantidade que afirmam a irmandade do homem e a igualdade e dignidade de todos, não é verdade?

Não, não é verdade. Na realidade, o mais próximo que se encontra do Alcorão de conselhos a tolerância ou a coexistência pacífica é quando incita os fiéis a abandonar os infiéis em seus erros: "Dize: Ó incrédulos, não adoro o que adorais, nem vós adorais o que adoro. E jamais adorarei o que adorais, nem vós adorareis o que adoro. Vós tendes a vossa religião e eu tenho a minha" (Alcorão, 109: 1-6). Desde logo, é necessário deixá-los sozinhos para que Alá o ajuste de contas: "E tolera tudo quanto te digam, e afasta-te nobre e dignamente deles. E deixe por Minha conta esses que gozam das bênçãos da vida e ainda assim são opulentos e desmentem a verdade, e tolere-os por pouco tempo." (Alcorão, 73: 10-11).

Nenhum muçulmano deve obrigar ninguém a aceitar o islã: "Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Alá, Ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Alá é Oniouvinte, Sapientíssimo" (Alcorão, 2: 256).

Porém é realmente esta a forma que os modernos ocidentais entendem por tolerância? Poderia tratar-se de uma limitação razoável se isto fosse tudo o que o Alcorão dissesse a esse respeito. Mas não é.

Mito politicamente correto: Alcorão ensina aos fiéis a tomar as armas somente em autodefesa

Com respeito a este ponto, os apologistas islâmicos poderiam asseverar que o Alcorão não torna belicosas as relações dos fiéis e infiéis através do critério de "viva e deixe viver". Eles poderiam admitir que o livro aconselha os fiéis à autodefesa e poderiam argumentar que se trata de uma teoria similar a da guerra justa da Igreja Católica.

Este ponto de vista encontra sua base de sustentação no Alcorão: “e combateis pela causa de Alá aqueles que a combate, porém não cometais agressão, pois, certamente, Alá não ama os agressores”. Portanto, pelo menos partindo deste versículo, os muçulmanos não devem iniciar um conflito com os infiéis. No entanto, uma vez que tem dado início às hostilidades, os muçulmanos devem atacá-los com fúria: “Matai-os onde quer se os encontreis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos. Porém, se desistirem, sabei que Alá é Indulgente, Misericordiosíssimo.” (Alcorão, 2: 191-192).

Quando a guerra chegará ao fim? “Portanto, combatei pela causa de Alá, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Alá não estima os agressores. E combatei-os até terminar a perseguição e prevalecer à religião de Alá. Porém, se desistirem, não haverá mais hostilidades, senão contra os iníquos." (Alcorão, 2: 190-193). Isto sugere que a guerra deve continuar até que o mundo se converta ao islamismo - a “religião de Alá” - ou até que a lei islâmica seja hegemônica.

Por conseguinte, existe um problema com a interpretação de que a *jihad* somente possa ser defensiva. Uma vez, um internauta indagou a seguinte questão ao mufti sul-africano Ebrahim Desai: “Tenho uma pergunta a acerca da *jihad*: significa que devemos atacar inclusive a aqueles não-muçulmanos que não [sic] fazem nada contra o islã somente porque devemos propagar o islã? Desai respondeu:

Você deve compreender que nós, como muçulmanos, cremos firmemente que a pessoa que não crê em Alá, como é ordenado, é um infiel que estará condenado ao inferno por toda a eternidade. Assim, uma das primeiras responsabilidades do governante muçulmano é difundir o islã por todo o mundo para salvar as pessoas da condenação eterna. Em uma passagem de Ta/sir Uthmani [um comentário sobre o Alcorão] diz que se um país não permite a propagação de islã entre seus habitantes de uma maneira adequada, ou gera dificuldades para ela, então o governante muçulmano poderia justificar a declaração de uma jihad contra esse país para que a mensagem do islã possa chegar a seus habitantes, e assim salvá-los do fogo do Jahannum [inferno]. Se os kafir [infiéis] nos permitem difundir o islã na forma pacífica, então não se haverá a jihad contra eles [31].

Em outras palavras, se considerado que um país está dificultando a difusão do islã, os muçulmanos estão obrigados a declarar-lhe guerra. Claro, seria um conflito defensivo, visto que os impedi-los de propagar o islã é um ato de guerra anterior.

[31] «1 have a question about offensive Yihad,» islam Q & A Online com o mufti Ebrahim Desai, Pergunta 12.128 desde Canadá, http·//www.islam.tclask-imam/view.php?q=12128.

A HISTÓRIA SE REPETE: OS JIHADISTAS CITAM AS BATALHAS DE MAOMÉ PARA PROVAR QUE A JIHAD NÃO É APENAS DEFENSIVA

Em um artigo intitulado "*The True Meaning of Yihad" [O Verdadeiro Significado da Jihad]* introduzido em 2003 no site *khilafah.com*, que é afiliado com o grupo *jihadista* Hizb ut-Tahrir, Sidik Aucbur cita o exemplo de Maomé para contradizer aqueles que poderiam argumenta que a *jihad* é puramente defensiva:

Alguns inclusive dirão que a *jihad* é apenas defensiva, mas isso é incorreto. Um estudo, ainda que superficial, da vida de Maomé nos mostra algo diferente:

• A Batalha de Mu'tah foi instigada pelos muçulmanos contra os romanos; os muçulmanos eram 3.000 frente a um exército romano de 200.000 homens.
• A Batalha de Hunain foi inevitavelmente breve após os muçulmanos haverem conquistado Meca.
• A Batalha de Tabuk, também foi instigada para finalmente destruir os romanos.[32]

A partir do *ijma* (consenso) dos *sahaba* [os companheiros de Maomé] vemos que também eles instigaram a *jihad* no Iraque, Egito e norte da África. Ademais, o status mais elevado no islã é o de mártir, por conseguinte, a *jihad* não pode ser encontrada em um nível inferior a este status. [33]

Deste modo, temos aqui uma ilustração da medida em que este conceito de lutar apenas pela autodefesa tornou-se flexível e basicamente sem significado. O que configura uma suficiente e injusta provocação? O lado defensor deve esperar até que o inimigo lance seu primeiro ataque? Na lei islâmica não existe respostas claras ou definitivas a estas perguntas, assim, se permite que qualquer um defina praticamente qualquer luta com sendo defensiva, sem que para isso viole os parâmetros da lei. Desta forma, isto mostra a ausência de sentido nas freqüentes e reiteradas afirmações de que a guerra da *jihad* é puramente defensiva.

[32] Mutah, Humain, e Tabuk são três importantes batalhas nas que participou Maomé que ocorridas nos anos 629 e 630
[33] Sidik Aucbur, «The trae meaning fo Jihad», www.khilafab.com, 11 de maio de 2003

Os versículos tolerantes do Alcorão, «revogados»

Além disso, no Alcorão a última palavra sobre a *jihad* não é defensiva, mas ofensiva. As suras do Alcorão não estão ordenadas cronologicamente, mas em função de seu tamanho. Não obstante a teologia islâmica divide o Alcorão nas suras "Meca" e "Medina". Correspondem as surras de Meca o primeiro segmento da carreira de Maomé como profeta, quando se limitava a convidar as pessoas de Meca a se converterem ao islã. Depois que ele fugiu para Medina, seus posicionamentos se radicalizaram. As suras de Medina são menos poéticas e em geral muito maiores que a de Meca, mesmo assim contém questões relativas à lei e a moral, e exortações a guerra da *jihad* contra os infiéis. Os versículos relativamente tolerantes citados mais acima, e outros similares, datam, em geral, do período de Meca, enquanto que aqueles com uma inclinação mais violenta e intolerante são, em sua maior parte, de Medina.

ALEXIS TOCQUEVILLE DISSERTA SOBRE O ISLÃ:

"Eu tenho estudado cuidadosamente o Alcorão, e tenho chegado a convicção de que, em geral, poucas religiões tem sido tão letais aos homens como a de Maomé. Até onde chego a entender, o islã é a principal causa da atual decadência tão visível no mundo islâmico, e embora seja menos absurda que o politeísmo antigo, suas tendências sociais e políticas são, em minha opinião, mais assombrosas, pela qual a considero uma expressão de decadência mais que uma forma de progresso em relação ao paganismo."

Por que é importante fazer essa distinção? Por causa da doutrina islâmica da ab-rogação (*naj*); esta consiste na idéia de que Alá pode modificar ou invalidar o que disse aos muçulmanos: "Não ab-rogamos nenhum versículo, nem fazemos com que seja esquecido (por ti), sem substituí-lo por outro melhor ou semelhante. Ignoras, por acaso, que Alá é Onipotente?" (Alcorão, 2: 106). De acordo com essa idéia, os versículos violentos da nona sura, incluindo o da Espada (9: 5), revogam os versículos pacíficos porque foram revelados posteriormente no curso da carreira profética de Maomé: na verdade, a maior parte das autoridades muçulmanas está de acordo de que a nona sura é a última a ser revelada.

Em consonância a isto, alguns teólogos islâmicos afirmam que o Versículo da Espada revoga nada menos que 124 versículos tolerantes e pacíficos do Alcorão [34]. O tafsir al-Jalalaynun, um comentário sobre o Alcorão realizado pelos respeitáveis imanes Jalalaldín Mohamed ibn Ahmad al-Mahalli (1389-1459) e Jalalaldín Abd al-Rahman ibn Abi Bakr al-Suyuti (1445-1505), afirma que a nona sura "foi enviada quando a segurança era substituída pela espada"[35]. Outro relevante e respeitado comentarista do Alcorão, Ismaíl ben Arnr ben Kazir al-Dimashqi (1301-1372), conhecido popularmente como Ibn Kazir, declara que a sura 9: 5 "ab-roga qualquer acordo de paz entre o Profeta e qualquer idólatra, qualquer tratado e mandato.[...] Nenhum idólatra possui nenhum tratado ou promessa de segurança desde que a sura Bara'ah [a nona sura] fora revelada"[36]. Ibn Yuzayy (1340), outro comentarista cuja obra ainda é lida no mundo islâmico, sustenta que: o propósito do Versículo da Espada é "ab-rogar todo tratado de paz do Alcorão" [37].

Ibn Kazir deixa claro este feito em seu comentário sobre outro "versículo tolerante": (O Mensageiro) disse: Ó Senhor meu, em verdade, este é um povo que não crê! Sê condescendente para com eles (ó Muhammad) e dize: Paz! Porém, logo haverão de saber. (Alcorão, 43: 88-89). Ibn Kazir explica: "*Di Salam* (paz) significa: "não lhes respondas da mesma maneira maléfica a que eles se dirigem a ti, em vez disso abrande seus corações e perdoe-os em palavras e em verdade". No entanto, este não é o final do parágrafo. Ibn Kazir logo completa a última parte: "Porém, eles haverão de saber que esta é uma advertência de Alá feita a eles. Seu castigo, que não poderá ser recusado, recairá sobre eles e sua religião e Sua palavra será suprema. Consequentemente, a *jihad* e os esforços são recomendados até que as pessoas se doem inteiramente à religião de Alá, e até que o islã se estenda de leste a oeste" [38].

Esta tarefa ainda não foi completada.

Tudo isto significa que a guerra contra os infiéis até que eles se convertam em muçulmanos ou paguem a *jizya* – tributo especialmente para os não-muçulmanos, estabelecido pela lei islâmica – "de bom grado" (Alcorão, 9: 29) é a última palavra do Alcorão sobre a *jihad*. A vertente principal da tradição islâmica tem interpretado isto como ordens permanentes impostas por Alá à raça humana: a *umma* (comunidade) islâmica deve coexistir em beligerância permanente com o mundo não-muçulmano, marcado somente por alguns armistícios.

Na atualidade, alguns teólogos islâmicos têm tentado construir abordagens alternativas do islã, baseado em uma compreensão diferente da ab-rogação: não obstante, esses esforços têm atraído um ínfimo interesse e apoio de muçulmanos de todo

[34] Ibn Arabi, en Suyuti, Itqn iii, 69, veja John Wansbrough, Quranic Studies, Prometheus, 2003, p. 184
[35] «Surat at-Tawba: Repentance»Tafsir al-Jalalyn, tradução anônima.
[36] Ibn Kazir, op. cit., vol. 4, p. 377
[37] «Surat at-Tawba: Repentace», Tafsir al-Jalalyn, tradução anônima.
[38] Ibn Kazir, op., cit. vol. 8 p. 668

mundo, em grande parte porque confrontam-se com interpretações que tem prevalecido por séculos.

Mito politicamente correto: O Alcorão e a Bíblia são igualmente violentos

Certo, verifica-se então que o Alcorão prega a guerra. Porém a Bíblia também a faz. Os apologistas islâmicos e seus aliados não-muçulmanos intentam, com frequência, argumentar a favor de uma equivalência moral entre o islã e o cristianismo: "Os muçulmanos tem sido violentos? Mas os cristãos também tem sido. O Alcorão prega a guerra? Os muçulmanos realizam a *jihad*? Bem, o que ocorreu nas Cruzadas? O Alcorão prega a guerra? Bem, eu poderia selecionar alguns versículos violentos da Bíblia". Somos informados que estes tipos de coisas podem ser encontradas em todas as tradições religiosas. Temos a certeza que nenhuma delas é superior ou inferior na sua capacidade de incitar seus adeptos à violência.

A HISTÓRIA SE REPITE: OS VERSÍCULOS PACÍFICOS AINDA PERMANECEM REVOGADOS

A doutrina da ab-rogação não está atrelada aos muftis antigos, cujas obras já não tem nenhum peso no mundo islâmico. O xeque saudita Mohamed al-Munajjid cujos escritos e normas islâmicas (*fatawa*) têm circulado amplamente em todo o mundo islâmico a demonstra em uma discussão acerca de se os muçulmanos deveriam obrigar aos demais a aceitar o islã. Levando em consideração o versículo 2: 256 do Alcorão ("Não cabe a coação em assuntos de fé"), o xeque cita as passagens 9: 29 e 8: 39: "Combatei-os até que não haja mais a *fitna* (incredulidade e politeísmo, como a adoração a outros deuses além de Alá), e a religião (adoração) seja somente para Alá [em todo mundo], assim como o Versículo da Espada". A respeito a este último o xeique Mohamed simplesmente disse: "o versículo é conhecido como Ayat al-Sayf (o Versículo da Espada), este e outros versículos similares revogam aqueles que dizem que não cabe a coação para se tornar muçulmano". [39]

[39] Questão #34770 «There is no compulsión to accept Islam» Learn Hajj Jurisprudence. Islam Q & A http://63.175.194.25/index.php?ln=eng&ds=qa&lv=browse&QR=34770&dgn=4

Porém, tudo isso está realmente correto? Alguns apologistas islâmicos e defensores não-muçulmanos da equivalência moral afirmam ter encontrado inclusive no Novo Testamento algumas passagens que exortam aos fiéis a violência. Normalmente, o foco é sobre estas duas:

- "Eu vos declaro: a todo aquele que tiver, dar-se-lhe-á; mas, ao que não tiver, ser-lhe-á tirado até o que tem. Quanto aos que me odeiam, e que não me quiseram por rei, trazei-os e massacrai-os na minha presença." (São Lucas, 19: 26-27). Desde já identificamos que a falácia consiste em que estas são as palavras de um rei em uma parábola, e não em instruções dadas por Jesus a Seus adeptos, porém na era moderna das comunicações estas sutilezas são muitas vezes ignoradas.
- "Não julgueis que vim trazer a paz à Terra. Vim trazer não a paz, mas a espada. Eu vim trazer a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra". Se esta passagem fosse realmente uma convocação literal a algum tipo de violência, pareceria trata-se de uma *jihad* intra-familiar. Porém invocá-la como uma equivalente das passagens da *jihad* no Alcorão, que são mais de cem, demonstra um absurdo: nem sequer os cruzados mais corruptos e gananciosos tem invocado passagens como estas. Além disso, em função do caráter totalmente pacífico das mensagens de Jesus, resta claro que menciona a "espada" em um sentido alegórico e metafórico. Fazer uma interpretação literal deste texto implica na incompreensão sobre Jesus, quem, diferente de Maomé, não participou de batalha alguma. E não reconhece a qualidade poética da Bíblia, que está presente ao longo de texto.

Talvez por compreender o absurdo destes argumentos relativo ao Novo Testamento, os apologistas islâmicos tendem com maior freqüência a focarem em algumas passagens do Antigo Testamento.

- "Quando Javé teu Deus te introduzir na terra na qual entrarás para tomá-la e expulsar diante de ti muitas nações - os hititas, os girgaseus, os amorreus, os cananeus, os perizeus, os heveus e os jebuseus, sete nações maiores e mais poderosas que tu, e Javé teu Deus as tem entregado diante de ti, e tu ferirá-los e destrui-los-á totalmente; não farás aliança com eles, mostrar-lhes sem piedade" (Deuteronômio, 7: 1-2) .
- "Quando te aproximares para combater uma cidade, oferecer-lhe-ás primeiramente a paz. Se ela concordar e te abrir suas portas, toda a população te pagará tributo e te servirá. Se te recusar a paz e começar a guerra contra ti, tu a cercarás, e quando o Senhor, teu Deus, te houver entregue nas mãos, passarás a fio de espada todos os varões que nela houver. Só tomarás para ti as mulheres, as crianças, os rebanhos e tudo o que se encontrar na cidade, e viverás dos despojos dos teus inimigos que o Senhor, teu Deus, e tiver dado. Farás assim a todas as cidades muito afastadas, que não são do número das cidades dessas nações. Quanto às cidades daqueles povos cuja possessão te dá o Senhor, teu Deus, não deixarás nelas alma viva. (Deuteronômio, 20: 10-17).

- Ide! Matai todos os filhos varões e todas as mulheres que tiverem tido comércio com um homem; mas deixai vivas todas as jovens que não o fizeram. (Números, 31: 17 -18).

MAOMÉ vs. JESUS

"... aos que te esbofetearem a face direita apresenta-lhe também a outra face"

Jesus (São Mateus, 5: 39)

"Acaso, não combateríeis as pessoas que violassem os seus juramentos, e se propusessem a expulsar o Mensageiro, e fossem os primeiros a vos provocar?"

Alcorão, 9: 13

Isto é coisa séria. Quase tão ruim quanto "matai os idólatras, onde quer que os acheis" (Alcorão, 9: 5) e "quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado, e tomai (os sobreviventes) como prisioneiros." (Alcorão, 47: 4) e tudo mais, não é?

Porém isso é um erro. A menos que você seja um hitita, girgaseu, amorreu, cananeu, perizeu, heveu ou um jebuseu, estas passagens não lhe afetam diretamente. O Alcorão exorta os fiéis a combaterem os infiéis sem especificar em nenhuma parte do texto que apenas se trata de alguns deles, ou por um período certo de tempo, ou qualquer outro tipo de distinção. Tomando o texto ao pé da letra, a ordem de declarar guerra contra os infiéis é geral e universal. Ao contrário, o Antigo Testamento se atêm as indicações dadas por Deus aos israelitas para fazer a guerra só contra certos povos em particular.

Não restam dúvidas, existe uma desarmonia com a percepção moderna, não uma equivalência. Esta é uma das razões pela qual os judeus e os cristãos não têm formado, ao longo de todo mundo, grupos terroristas que baseiam-se nestas passagens da Escritura para justificar a matança de civis não-combatentes.

Em contrapartida, Osama bin Laden, que é apenas o expoente com maior visibilidade de uma rede terrorista que se estende da Indonésia até a Nigéria, da Europa Ocidental às Américas, cita reiteras vezes o Alcorão em suas declarações. Em sua "*Declaração de Guerra contra os Americanos Ocupantes da Terra dos Dois Lugares Sagrados*" de 1996, cita as suras 3: 145; 47: 4-6; 2: 154; 9: 14; 47: 19 e 8: 72, e, logicamente, o notório "Versículo da Espada", sura 9: 5 [40]. Em 2003, no primeiro dia do Id al-Adha, a Festa do Sacrifício, disse ele em seu sermão: "Louvado seja Alá, que revelou o Versículo da Espada a Seu servo e mensageiro [o Profeta Maomé] para estabelecer a verdade e suprimir a falsidade" [41].

A HISTÓRIA SE REPETE: O USO DO ALCORÃO PARA JUSTIFICAR O TERRORISMO

Em um sermão transmitido no ano de 2000, pela cadeia oficial de televisão da Autoridade Palestina, o doutor Ahmad Abu Halabiya, membro do Conselho da Fátua da Autoridade Palestina, declarou: "Alá o Onipotente tem nos indicado que não devemos nos aliar com os judeus ou os cristãos, que não devemos amá-los, tomá-los como sócios nem respeitá-los, tampouco firmar acordos com eles. E aquele que desobedecer, será um deles, como disse Alá: "Oh! Vós que são fiéis, não tomai aos judeus e aos cristãos por aliado, porque são aliados um dos outros. Aqueles de vós que tomá-los como aliados serão, certamente, um deles" [...] Não tenhais piedade com os judeus, em lugar algum, em nenhum país. Combatei-os onde quer que estejam. Onde encontrá-los matai-os".

Aqui Abu Halabiya estava citando as passagens do Alcorão 5: 51 ("Ó fiéis, não tomeis por confidentes os judeus nem os cristãos; pois são confidentes entre si. Porém, quem dentre vós os tomar por confidentes, certamente será um deles; e Alá não encaminha os iníquos" e 9: 5 ("matai os idólatras, onde quer que os acheis"). Ele emprega estas palavras à situação política contemporânea: "Onde quer que estejam, matai a esses judeus e americanos, quem são como eles, e a aqueles que os apóiam; todos eles estão na mesma trincheira, contra os árabes e os muçulmanos, porque estabeleceram-se aqui em Israel, no coração do mesmo mundo árabe, na Palestina. Eles o têm criado para que seja a ponta da lança de sua civilização e a vanguarda de seu exército, e para que seja a espada do Ocidente e dos cruzados, que pairam sobre a cabeça dos monoteístas, os muçulmanos destas terras" [42].

[40] Osama bin Laden, «Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places», 1996. *http://www.mideastweb.org/osamabinladenl.htm*

[41] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «Bin Laden's Sermon for the Feast of the Sacrifice», MEMRI Special Dispatch Nº. 476, 5 de março de 2003.

[42] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «FA TV Broadcasts call for Killing Jews and Americans,» MEMRI Special Dispatch nº. 138, 13 de octubre de 2000. www.memri.org

Certamente, o diabo pode citar as Escrituras para seus próprios propósitos, porém o uso que faz Osama em suas mensagens desta e de outras passagens é coerente (como veremos) com a compreensão islâmica tradicional do Alcorão. Quando os judeus e os cristãos lêem suas Bíblias, simplesmente não interpretam as passagens antes citadas como uma exortação para realizar ações violentas contra os infiéis. Isto se deve à influência de uma tradição secular que sempre tem deixado de lado a compreensão literal dessas passagens. Porém no islã não existe uma tradição interpretativa comparável. As passagens da *jihad* no Alcorão são qualquer coisa menos letra morta. Na Arábia Saudita, Paquistão e outros lugares, o local principal de recrutamento para os grupos terroristas da *jihad* é a escola islâmica: os estudantes aprendem que devem levar a diante a *jihad,* e logo esses grupos lhes brindam com a oportunidade de levá-la.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

Não acredita sobre o que eu digo acerca do Alcorão? Leia-o por conta própria. A tradução para o inglês mais clara e precisa é a de *N. J. Dawood, The Koran (Penguin)*, contudo os muçulmanos em geral não gostam de Dawood porque ele não era muçulmano. As melhores traduções ao inglês realizadas por muçulmanos são a de Abdulá Yusuf Ali e a de Mohamed Marmaduke Pickthall, ambas disponíveis em múltiplas edições com diversos títulos [43].

[43] Em espanhol há numerosas edições, porém a mais recomendável é a de Juan Vernet (Planeta, Barcelona, 2003), que tampouco era muçulmano. Também a de Muhan1mad Asad (www.webislam.com). que é a que temos utilizado para as citas do Alcorão nesta edição. Para esta tradução ao português foi usada a disponível no site: <<http://www.islamismo.org/traducao-recitacao.htm>>.

Capítulo 3

Islã, a religião da guerra

O Alcorão é bastante preciso a respeito da guerra que os muçulmanos devem travar contra os infiéis, porém, em geral, carece de clareza. Todo o Alcorão é um monólogo: Alá é o único que tem voz (com raras exceções), e sem que se manifeste um especial interesse por uma narrativa contínua, fala com Maomé a respeito de vários acontecimentos da vida do Profeta e sobre os primeiros profetas muçulmanos (especialmente Abraão, Moisés e Jesus). Isto faz com que a leitura do Alcorão seja algo como uma jornada através de uma conversa particular entre duas pessoas desconhecidas: resultando em confusão, desorientação e finalmente incompreensão.

SABIA QUE...?

- Maomé ensinou a seus seguidores que não há nada melhor (ou mais sagrado) que a jihad;
- Maomé disse a seus homens que oferecessem aos não-muçulmanos apenas três alternativas: conversão, submissão ou morte;
- Esses ensinamentos não são doutrinas marginais nem relíquias históricas: seguem sendo ainda são ensinados dentro da principal vertente do islã.

Aqui é onde intervêm os hádices, as tradições maometanas.

Os hádices são uma enorme coletânea, em volumes, sobre a história de Maomé (e às vezes também de seus seguidores) em que explica de qual maneira e em quais situações, chegaram ao profeta os diversos versículos do Alcorão e como ele se pronunciava sobre questões controversas. Em um reduzido número de hádice (no plural hádices), Maomé cita palavras de Alá que não estão no Alcorão; a estes são conhecidos como hádices qudsi, ou hádices sagrados, e os muçulmanos os consideram que são tão inspirados na palavra de Alá como o próprio Alcorão. Outros hádices considerados autênticos pelos muçulmanos ocupam somente um segundo grau de autoridade depois do Alcorão, e com freqüência o texto corânico se tornam incompreensíveis sem os mesmos.

Não é de surpreender que o foco principal de muitos hádices seja a guerra.

Mito politicamente correto: Os ensinamentos do Islã sobre a guerra são um componente mínimo da religião

Embora o Alcorão contenha alguns versículos referentes a guerra, isso não significa que os muçulmanos estejam de acordo com eles. Apesar de tudo, há muitos cristãos que não levam a sério cada um dos aspectos da doutrina cristã...

Com certeza. No entanto, não há nenhuma dúvida sobre o fato de que a *jihad* violenta ocupa um lugar central no islã. Na verdade, o profeta do islã enfatizou repetidas vezes que o melhor que seus seguidores podiam fazer era abraçarem a *jihad*. Quando um muçulmano lhe pediu que dissesse qual seria a "melhor façanha" que se podia realizar, além do ato de converter-se em muçulmano, o profeta respondeu: "Participar na *jihad* da causa de Alá" [44]. Explicou que "defender por um dia os muçulmanos dos infiéis à causa de Alá é o que de melhor há no mundo e de tudo que existe sobre a terra" [45]. Isto significa que "um dia dedicado a *jihad*, uma tarde ou uma manhã, merece uma recompensa maior que o mundo inteiro e todo o que há nele" [46]. Maomé também advertiu que os muçulmanos que não abraçassem a *jihad* seriam castigados: "Maomé tem firmemente sustentado a *jihad* não somente para ele em particular, mas para todos e cada um dos muçulmanos. Ele advertiu aos fiéis que "para aqueles que não se unirem a expedição militar (*jihad*), ou não prover ou cuidar da família dos guerreiros quando estes se encontrarem ausente, Alá fará recair sobre eles uma repentina calamidade" [47].

Aqueles que combatem na *jihad* irão desfrutar de um nível superior de Paraíso que os demais:

A autoridade Abu Sa'id Judri tem transmitido o que Mensageiro de Alá (que a paz esteja com ele) lhe tem dito: 'Abu Sa'id, aquele que aceita de bom grado Alá como seu Senhor, o islã como sua religião e Maomé como seu Mensageiro, necessariamente terá o direito de entrar no Paraíso.' Ele (Abu Sa'id) pensou nisso e disse: 'Mensageiro de Alá repita isso para mim. Ele (o Mensageiro de Alá) o fez e disse: existe outro ato que eleva a posição do homem no Paraíso a um grau cem vezes (superior), e a elevação de um grau para o seguinte é o equivalente a distância entre o céu e a terra. Ele (Abu Sa'id) disse: Que ato seria este? Ele respondeu: A jihad por Alá! A jihad por Alá! [48]

[44] Al-Bujari, op. cit., vol. 1, livro 2, nº 26; veja-se vol. 2, livro 25, nº 1519 e muitos outros.
[45] Ibid., vol. 4, livro 56, nº 2892
[46] Sahtb Musltm, livro 20, nº 4642
[47] Abu-Dawud Suleimán bin Al-Aash'ath Al-Azdi as-Sijistani, Sunan abu-Dawud, Kitab Bhavan, 1990, livro 14, nº 2497
[48] Sahib Muslim, op. cit., livro 20, nº 4645

Em outra ocasião "um homem chega até o Apóstolo de Alá e diz: 'Instrui-me acerca de um feito que equipare a *jihad* (como recompensa)'. Ele respondeu: 'Não conheço tal feito" [49].

MAOMÉ vs. JESUS

"Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus".

Jesus (São Mateus, 5: 11)

"Matai-os onde quer se os encontreis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio".

Alcorão, 2: 191

Três alternativas

Em um hádice de suma importância, Maomé exibe três alternativas que os muçulmanos podem oferecer aos não-muçulmanos:

Salomão b. Buraid tem informado, através de seu pai, que quando o Mensageiro de Alá (que a paz esteja com ele) punha alguém no comando de um exército ou de um destacamento este era exortado a temer Alá e a ser bom com os muçulmanos que estivessem com ele. Ele dizia-lhe: combatei em nome de Alá e por Alá. Lutai contra aqueles que descrêem de Alá. Façais a guerra santa [...] Quando encontrares vossos inimigos, que são politeístas, convide-os para realizarem três tipos de ações. Se eles assentirem a algumas delas, aceitai-os e evitai fazer-lhes dano algum. Convidai-os a aceitar o islã, se eles assentirem, aceitai-os e desiste da guerra contra eles [...] Se eles negarem-se a aceitar o islã, pede-lhe para pagar a jizya. Se assentirem com o pagamento, aceitai-os e não colocai as mãos sobre eles. Se negarem-se a pagar o imposto, buscai ajuda em Alá e lutai contra eles [50].

As alternativas para os infiéis são:

1- Aceitar o islã;

2- Pagar a *jizya*, o imposto para os não-muçulmanos, que é a pedra angular de todo um sistema de regulações humilhantes que institucionaliza o status inferior que possui os não-muçulmanos na lei islâmica;

[49] Al-Bujari, op. cit., vol 4, livro 56, nº 2785.
[50] Sahib Muslim, op. cit., livro 19, nº 4294

3- Combater ao lado dos muçulmanos.

Deve-se sempre lembrar que a "coexistência pacífica como iguais em uma sociedade pluralista" são se encontra entre as alternativas.

Em outro hádice, que se repete várias vezes na coletânea das tradições, o qual os muçulmanos consideram mais confiável, Maomé disse que a ele foi "ordenado combater contra os povos" até que se convertam em muçulmanos, e aqueles que resistirem a ele arriscariam perder suas vidas e suas propriedades :

O Profeta tem falado com clareza sobre sua própria responsabilidade em ir à guerra pela religião que fundou: "[Alá] tem-me ordenado combater contra os povos até que eles testemunhem que somente Alá merece adoração, e que Maomé é o Mensageiro de Alá, e realizem suas salat (orações) e entreguem a zakat, de modo que se eles realizarem tudo isso poderão colocar-se a salvo suas vidas e suas propriedades, com exceção do que é ditado pela lei islâmica, e o cálculo [as contas] será [efetuado] por Alá" [51]

A HISTÓRIA SE REPETE: OSAMA FAZ UM CONVITE À AMERICA

Seguindo o exemplo do Profeta, Osama bin Laden tem convocado os norte-americanos a converterem-se ao islã em sua "carta ao povo americano" de novembro de 2002:

A quem estamos convocando e que queremos de vós?
1. Em primeiro lugar, os estamos convocando ao islã [...] é a religião da jihad por Alá, para que a palavra e a religião de Alá não tenham rivais [52].

Nesta concepção, para "a palavra e a religião de Alá não tenham rivais" a totalidade da lei islâmica terá que ser imposta e acatada pela sociedade. Os teóricos e grupos *jihadistas* têm declarado sua intenção de unificar as nações islâmicas sob um mesmo chefe: o califa. Historicamente, um califa era o sucessor do Profeta como líder político e espiritual, ou pelo menos para os sunitas. O califado foi extinto em 1924, muitos *jihadistas* contemporâneos colocam nesse episódio, o início dos problemas do mundo islâmico e desejam restaurar o califado, unificar o mundo islâmico sob a sua liderança e retornar a imposição da lei islâmica (a *sharia*) nos países islâmicos. Na atualidade, com exceção da Arábia Saudita e o Irã, a *sharia* não está vigente ou está somente parcialmente. Os modernos combatentes islâmicos buscam impor a *sharia* pela força nos países não-muçulmanos, sob a bandeira da *jihad*.

[51] Al-Bujari, op. cit., vol 1, livro 2, nº25. A transcrição em árabe da confissão de fé muçulmana tem sido omitida da tradução para facilitar a leitura. A mesma declaração se repete em Al-Bujari, vol 1, livro 8, nº 392; vol. 4, livro 56, nº 2946; vol. 9, livro 88, nº 6924, e vol. 9, livro 96, nºs. 7284-7285, semelhança em outras coleções hádices.
[52] «Bin Laden's 'letter to America», Observer, 24 de novembro de 2002

Não é somente a opinião de Maomé. É a lei

Entendi, então Maomé tem ordenado lutar contra os povos até se converterem em muçulmanos ou se submeterem a lei islâmica, e o Alcorão ensina a pratica da guerra. Porém, isto não significa que os muçulmanos sigam difundindo tudo isso... Por acaso não temos visto no Capítulo 2 que alguns parágrafos da Bíblia não são interpretados de forma literal pela maioria dos judeus e cristãos? Não ocorre o mesmo com o islã? Você não estaria selecionando alguns versículos inconvenientes com o objetivo de prejudicar o islã?

Para resumir em uma palavra: não. O dissabor dessa questão é que a *jihad* contra os infiéis não é parte de uma doutrina sustentada por uma minoria de extremistas, mas um elemento permanente da principal vertente da teologia islâmica. O islã está preocupado com questões legislativas; na verdade, a lei islâmica contém instruções relativas aos mínimos detalhes da conduta individual, assim como regulações sobre a estrutura de governo e as relações entre os Estados. Também contém declarações inequívocas acerca do papel central da *jihad* contra os infiéis. Isto é válido para as quatro principais escolas de jurisprudência muçulmana: a Maliqui, a Hanafi, a Hanbalí e a Shafi'i, as quais pertencem a maior parte dos muçulmanos do mundo inteiro. Estas escolas tem estabelecido por séculos certas leis relacionadas a importância da *jihad* e os modos para praticá-la, não obstante, isso não quer dizer que essas leis são históricas, e que tenham sido substituídas por outras normas mais recentes. É um princípio comumente aceito no mundo islâmico que as "portas da *ijtihad*" ou livre acesso a tradição islâmica e ao Alcorão para descobrem a vontade de Alá, tem estado trancadas há séculos. Em outras palavras, o ensinamento islâmico sobre as principais questões já foram estabelecidas há muito tempo e não devem ser questionadas. (Não há dúvidas que atualmente há muçulmanos reformistas que tem advogado por uma reabertura das "portas da *ijtihad*" para que o islã possa ser reinterpretado, porém até agora esse clamor tem sido ignorado pelas autoridades mais importantes e de maior influência no mundo islâmico).

Por conseguinte, se exclui-se que haja a existência de uma reabertura geral das "portas do *ijtihad*", o qual parece muito improvável, estas disposições vão seguir sendo normativas para a maior parte dos muçulmanos. As quatro principais escolas sunitas concordam sobre a importância da *jihad*. Ibn Abi Zayd al-Qayrawani (922-966) um jurista Maliki declarou:

A jihad é um preceito da instituição divina. A sua realização por alguns indivíduos faz com que outros possam se isentar de levá-la a cabo. Nós, os maliquitas, sustentamos que é preferível não iniciar as hostilidades aos inimigos antes de havê-los convidados a abraçar a religião de Alá, exceto quando o inimigo nos atacar primeiro. Eles terão

como alternativa converter-se ao islã ou pagar o tributo (jizya); se não optarem por nenhumas destas, declarar-mos-emos guerra [53].

Além disso, Ibn Taymiyya (1263-1328), o jurista hanbalí favorito de Osama bin Laden e de outros *jihadistas* modernos, declarou:

Na medida em que a guerra legal é essencialmente uma jihad, e uma vez que seu objetivo é lograr que a religião se dedique plenamente a Alá e a palavra de Alás está acima de todos, deve-se combater aqueles que obstaculizam este objetivo. E aqueles que não podem oferecer resistência ou pelejar, como as mulheres, as crianças, os monges, os anciões, os cegos, os incapacitados e outros nesta posição, não os devem matá-los, a não ser que realmente lutem por meio da palavra (por exemplo, através de propaganda) e de outros atos (por exemplo, espiando ou ajudando na guerra) [54].

A escola Hanafí mantém o mesmo discurso:

Não é legal empregar a guerra contra pessoas que nunca, anteriormente, tenham sido convidadas a fé, sem fazer-lhes um convite para que se unam a mesma, porque o Profeta assim o tem indicado a seus comandantes, ordenando-lhes que convide os infiéis à fé, e também porque desse modo as pessoas vão perceber que estão sendo atacadas em nome da religião, e não para tomar suas propriedades e escravizar seus filhos e sob essas considerações é possível que possam ver-se induzidos a aceitar o convite para evitar os problemas trazidos pela guerra [...] Se depois deste convite os infiéis não responderem ao mesmo, ou não aceitarem pagar o imposto per capita, os muçulmanos deverão pedir a ajuda de Alá e empregar-lhes a guerra, porque Alá auxilia seus servos e destroem seus inimigos, os infiéis, e temos que implorar sua ajuda em cada ocasião; além disso, o Profeta, nos ordena fazer-lhe [55].

O erudita shafi'ita Abu al-Basan al-Mawardi (972-1058) reitera as instruções de Maomé a convidar aos infiéis a aceitar o islã, e se negarem-se:

Os mushrikun [infiéis] do Dar al-Harb [o campo de batalha, a terra que ainda não se submeteu ao islã]são divididos em dois tipos: em primeiro lugar, estão aqueles a quem foi alcançado o chamado ao islã, porém que os tem rejeitado e tem tomado em armas. O chefe do exército tem a opção de lutar contra eles [...] de acordo com o que ele considere de maior interesse para os muçulmanos e mais prejudicial para os mushrikun [...] Em segundo lugar, estão aqueles a quem não lhes têm chegado o chamado ao islã, se bem que essas pessoas são muito poucas atualmente desde que Alá tem manifestado seu chamado ao Mensageiro [...] está proibido [...] começar um ataque antes de

[53] Ibn Abi Zayd al-Qayrawani, La Risala (Epitre sur les éléments du dogme et de la loi de ['islam selon le rite malikite), Algiers, 1960, p. 165. Citado em Andrew G. Bostom, «Khaled Abou El Fadl: Reformer or Revisionist?», http://www.secularislam.org/articles/bostom.htm

[54] Ibn Taymiyya, «Yihad», en Rudolph Peters, Yihad in Classical and Modern islam, Markus Wiener Publishers, 1996, 49. Citado en Andrew G. Bostom, «Khaled Abou' El Fadl: Reformer or Revisionist?», http://www.secularislam.org/articles/bostom.htm

[55] Del Hidayah, vol. 1,140, citado em Thomas P. Hughes, A Dictionnary of islam (W. H. Allen, 1895), «Yihad», 243-248. Citado em Andrew G. Bostom, «Khaled Abou El Fadl: Reformer or Revisionist?», http://www.secularislam.org/articles/bostom.htm

explicar-lhes o convite ao islã, informando-lhes acerca dos milagres do Profeta e mostrando as provas dos mesmos, como modo de incentivar sua aceitação; se depois disto ainda continuarem negando-se, se lhes declarará a guerra e os tratarão como aqueles a quem foi alcançado o chamado para o islã, porém que os têm rejeitado e tomado em armas [56].

A prova de que o interesse nesta questão não é meramente histórico pode encontrar-se em outro manual shafi'i, chancelado em 1991, pela autoridade máxima do islã sunita, a Universidade Al-Azhar, do Cairo. O manual, *Umdat al-Salzk* (disponível em inglês como *Reliance of the Traveller [A Confiança do Viajante]*), foi aprovado como um texto que se adéqua "a prática e a fé da comunidade ortodoxa sunita" [57]. Depois de definir a "*jihad* maior" como uma "guerra espiritual contra o 'eu' inferior", dedica onze páginas a "*jihad* menor", que descreve a "guerra contra os não-muçulmanos", fazendo notar que a mesma palavra "deriva etimologicamente a palavra *mujahada*, que significa guerra para a implantação da religião" [58].

O *Umdat al-Salik* explica detalhadamente a natureza desta guerra em termos bem específicos: "O califa emprega a guerra contra os judeus, os cristãos e os zoroastras […] até que se convertam em muçulmanos, ou até que paguem o tributo de não-muçulmanos". Aqui segue um comentário de um jurista jordaniano, que corresponde com as instruções de Maomé de convocar ao islã aos infiéis antes de combatê-los: o califa empregará esta guerra somente "depois de haver convocado [os judeus, cristãos e zoroastras] a incorporar-se a fé e a pratica do islã, e si assim não quererem, então os convidará a se incorporarem à ordem social do islã por meio do pagamento do tributo para os não muçulmanos (*jizya*) […] enquanto seguirem pertencendo a suas religiões ancestrais" [59]. Se não houver um califa, os muçulmanos também deverão combater através da *jihad* [60].

Durante os séculos, estas leis têm sido amplamente conhecidas por aqueles que têm sofrido suas conseqüências. Gregório Palamas (1296-1359), um monge e teólogo grego (atualmente venerado como santo pela Igreja Ortodoxa) foi feito prisioneiro dos turcos por um tempo, ele é incisivo quanto aos muçulmanos: "Esse povo repugnante, odiado por Deus e infame, que se orgulha de terem sido melhor que os romanos [bizantinos] em seu temor a Deus [...] Vivem do arco e flecha, da espada e da libertinagem, encontram prazer em escravizar e se dedicam ao assassinato, a pilhagem e a destruição [...] e não só cometem este crime, mas inclusive, pasmem! Crêem que Deus os aprova" [61].

---

[56] Abu'l Hasan al-Mawardi, Al-Ahkam as-Sultaniyyah (The Laws o/Islamic Governance), Ta-Ha Publishers, 1996, p. 60.
[57] Ahmed ibn Nagib al-Misri, Relzance of the Traveller (Umbdat al-Salik)' A Classic Manual of Islamic Sacred Law, Amana Publications, 1999, xx.
[58] Ibid., 09.0.
[59] Ibid., 09.8
[60] Ibid., 09.6
[61] Citado em Jonathan Riley-Smith, The Oxford Illustrated History of the Crusades, Oxford University Press, Oxford, 1995, pp. 250-251

Mito politicamente correto: O islã é uma religião de paz que tem sido distorcida por uma ínfima minoria de extremistas

Este é, desde logo, a mãe de todos os mitos politicamente corretos sobre o islã. Sua persistência e seu caráter resistente frente a avassaladora quantidade de evidências contrárias, tanto na teologia islâmica quanto nas manchetes atuais, não são simplesmente a um ingênuo multiculturalismo e a uma cínica duplicidade. Inclusive o teólogo Sayyid Qutb, da Irmandade Muçulmana, um dos principais defensores da *jihad* violenta no século XX, tem ensinado (sem qualquer indício de ironia) que o islã é uma religião de paz. No entanto, em sua mente havia uma idéia de paz bem específica:

"Quando o islã realiza esforços de paz, seu objetivo não é essa paz superficial que se baseia somente na segurança desta parte do mundo onde habitam os adeptos do islã. A paz que deseja o islã é aquela onde a religião (a lei da sociedade) seja purificada por Alá, onde todos obedeçam somente a Alá e onde não haja certos deuses que estejam por acima dos demais. Após o período do Profeta, que a paz esteja com ele, deve-se apenas seguir as etapas finais do jihadismo, as etapas iniciais e intermediárias não são aplicáveis" [62].

Os tratados islâmicos que pregam a *jihad* não estão em uma estante juntando poeira. Os *jihadistas* os utilizam para converter os recrutas que eles devem assumir sua responsabilidade como muçulmanos empreendendo a guerra contra os infiéis. Um exemplo disso pode ser encontrado no Conselho da *Sharia* para o Conselho de Defesa de Estado (*Majlis al-Shura*) da República Chechena da Ichkéria, no final do ano de 2003. Em sua publicação clandestina *Yihad Today*, o Conselho da *Sharia* publicou um artigo intitulado "*Jihad* e a solução atual". No mesmo citam três ou quatro das principais escolas de jurisprudência sunita para arguir em favor da *jihad* contra os russos na Chechênia :

Em primeiro lugar, o que é a jihad?

A escola Hanbalí a define como o emprego de poder e energia na luta pelo caminho de Alá através da participação pessoal, de propriedade, de palavras etc;
A escola Maliqui a considera uma guerra (uma batalha) dos muçulmanos contra o kafir (infiel) que não possua nenhum acordo para exaltar a Palavra de Alá, ou que tenha violado o território dos muçulmanos;
Os Hanbalis dizem que esta é uma guerra contra kafirs (infiéis), diferente de uma luta contra rebeldes muçulmanos, bandoleiros ou ladrões, por exemplo. (Mugni-Muhtaj, vol. 6, página 4) [63].

[62] Sayid Qutb, op. Cit., p. 63
[63] Shariah Council of State Defense Council (Majlis al-Shura) del CRI, «Yihad and Its Solution Today», Yihad Today, Kavkaz Center, 26 de novembro de 2003

Muçulmanos moderados

Como já demonstrado nos três primeiros capítulos, o islã é a única religião do mundo que conta com uma doutrina, uma teologia e um sistema legal que ordena guerrear com infiéis. Não obstante, muitas pessoas dirão que, ao expor estas evidências, proponho fazer que as pessoas acreditem que todo muçulmano é um terrorista, e que o aquele funcionário árabe ou o paquistanês da lojinha ao lado está maquinando secretamente a destruição do Ocidente. Alguns inclusive dirão que incito a violência contra esse funcionário e contra tantos outros inocentes.

Isto, desde já, é uma grande besteira, porém isso indica a necessidade de fazer alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, o fato de que a guerra contra os infiéis não é uma distorção do islã, mas uma imposição reiterada pelo Alcorão, pelos hádices, pelos exemplos de Maomé e pelas regras de todas as escolas de jurisprudência islâmica, não significa que todos os muçulmanos sejam terroristas.

E isto acontece por várias razões. Uma delas é que o Alcorão está escrito em um árabe clássico de difícil leitura, e durante as orações muçulmanas deve ser lido e recitado somente nesse idioma; portanto, surpreende o grande número de muçulmanos que se identificam como tais e que tenham um escasso conhecimento do que realmente transmitem esses textos. Apesar de que os meios de comunicação oficiais continuam trocando as palavras "muçulmano" e "árabe", hoje a maioria dos muçulmanos no mundo não são árabes. Inclusive o árabe moderno, até mais que o clássico, resulta em confusão. Com freqüência aprendem o Alcorão oralmente, sem terem na realidade uma idéia clara do que ele diz. Uma vez um muçulmano paquistanês me disse, orgulhoso, que havia memorizado extensos trechos do Alcorão, e qualquer dia pensava em comprar uma tradução para saber o que eles diziam exatamente. Estes casos são tão comuns que poderiam espantar os não-muçulmanos.

Até recentemente, tem havido outros fatores culturais que impediam que os muçulmanos, especialmente na Europa Oriental e na Ásia Central, chegassem a conhecer e aplicar os atuais ensinamentos do islã a respeito da forma de comportar-se com os infiéis. No entanto, esta situação está mudando: nestas áreas, e também no resto do mundo, muçulmanos intolerantes, nem sempre financiados pela Arábia Saudita, têm realizado incursões nas pacíficas comunidades muçulmanas pregando que o islã violento é "o islã puro" e convocando os muçulmanos na busca da absoluta observância a religião [64].

Este recrutamento baseia-se de forma central no Alcorão e outros importantes textos islâmicos. Tomemos, por exemplo, o caso de Sahim Alwan, cidadão estadunidense e chefe da comunidade iemenita de Lackawanna, Nova Iorque, que na época estava na função de presidente da mesquita do lugar, este possui o destaque de ser

[64] Veja-se, por exemplo, «Fears as young Muslims «opt out», BBC News, 7 de março de 2004.

o primeiro norte-americano que adentrou em um campo de treinamento da Al-Qaeda. Por que isso ocorreu? Quem o convenceu foi Kamal Derwish, um recrutador da Al-Qaeda. Alwan explicou que Derwish lhe ensinou que o Alcorão diz que "tens que aprender a preparar-te. Deves estar preparado para a eventualidade de que tenhas de ir para a guerra. Se houver guerra, então você pode ser convocado para a *jihad*. E este era o aspecto de um campo, um local para aprender a manusear armas e semelhantes" [65].

É verdade que há muçulmanos que trabalham para a mudança no islã, mas é difícil discernir seus motivos. Por exemplo, um proeminente porta-voz dos muçulmanos americanos Siraj Wahaj, é apresentado freqüentemente como um moderado. Em 1991 tornou-se inclusive o primeiro muçulmano a realizar um pronunciamento no Congresso dos Estados Unidos. Por que não? Logo após os ataques de 11 de setembro, ele declarou o que os confusos norte-americanos queriam ouvir: "Agora sinto a responsabilidade de pregar e realmente empreender em uma *jihad* contra o extremismo" [66].

Não fica claro se os seus verdadeiros pensamentos são mais extremistas; logo após, ele também advertiu aos Estados Unidos que ruiriam caso não aceitassem a "agenda islâmica" [67]. Inclusive tem chegado a dizer que "se os muçulmanos fossem politicamente mais inteligentes, poderiam tomar o controle dos Estados Unidos e substituir seu governo constitucional por um califado" [68]. No início dos anos noventa, patrocinou as palestras de xeique Omar Abdel Rahman em mesquitas em Nova Iorque e Nova Jersey. Posteriormente, Rahman foi processado por conspiração para tentar mandar aos ares o World Trade Center em 1993, e Wahaj foi taxado como um "conspirador em potencial não indiciado" [69].

O fato de alguém que queria substituir a Constituição, ter se dirigido em discurso àqueles que juraram cumpri-la é só um sintoma de um problema ainda maior: o governo e os meios de comunicação estão ávidos em encontrar muçulmanos moderados e, como seu desespero para encontrá-los vem aumentando, seu critério de exigência tem diminuído. Lamentavelmente, não é tão fácil encontrar líderes muçulmanos que tenham renunciado genuinamente a *jihad* violenta e todas as intenções, atual ou futura, de impor a *sharia* nos países não-muçulmanos.

[65] «lnterview Sahim Alwan», Frontline, 16 de outubro de 2003
[66] Peter Ford, «Listening for islam's silent majority», Christian Science Monitor, 5 de novembro de 2001.
[67] Debbie Schlussel, «Bush's scary CAIR friends», WorldNetVaily.com, 16 de outubro de 2001
[68] Jagan Kaul, «Kashmiri Pundit View-point», Kashmir Telegraph, maio de 2002
[69] Daniel Pipes, «The Danger Within: Militant islam in America», Commentary, novembro de 2001.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

La Yihad en España [A Jihad na Espanha], de Gustavo de Arístegui. *La Esfera de los Libros. 2005.*
Gustavo de Arístegui analisa rigorosamente a origem, as causas e as consequências da presencia do islamismo radical na Espanha. Tal ideologia religiosa está se espalhando como uma mancha de óleo e a Espanha é uma das suas obsessões. Reconquistar e reislamizar Al-Andalus não é só um mito, mas um verdadeiro objetivo a ser alcançado pelos movimentos *jihadistas*.

Contudo, há um grande número de muçulmanos nos Estados Unidos e em todo o mundo que não querem ter relação alguma com a atual *jihad* global. Mesmo que seus fundamentos teológicos sejam inconsistentes, muitos deles estão trabalhando heroicamente para criar um islã moderado e viável que possa permitir que os muçulmanos coexistam pacificamente com seus vizinhos não-muçulmanos. Essas pessoas são dignas de louvor, mas não devemos nos enganar: este islã moderado não tem uma presença significativa no mundo de hoje. Naquelas zonas onde muçulmanos convivem pacificamente com os não-muçulmanos, como na Ásia Central e em outros lugares, não é porque os ensinamentos da *jihad* foram reformados ou rejeitados, mas simplesmente porque eles têm sido ignorados, e a história nos ensina que eles podem ressurgir a qualquer momento.

Capítulo 4

Islã, a religião da intolerância

Os porta-vozes muçulmanos nos Estados Unidos têm dedicado-se com afinco para preservar uma visão benigna do islã, aberta e receptiva, muito distante do fanatismo implacável de Osama bin Laden e seus asseclas. Os cães de guarda do politicamente correto, tanto muçulmanos quanto não-muçulmanos, têm evitado qualquer tipo de contradição com a idéia de que o islã é pacífico, benigno e tolerante, ao ponto de afirmar não representa problema algum às sociedades ocidentais. Assim, mostram um islã equiparável ao judaísmo e ao cristianismo, uma vez que, como eles, pode estar sujeito a ser "apropriado" (sem ter qualquer responsabilidade por isso) por "extremistas". Atualmente, a maioria dos americanos aceita esta idéia como axiomática, e muitos consideram que contestá-la seria um ato de "racismo", apesar de que o islã não é uma raça e de que a maior parte dos muçulmanos de todo o mundo não pertencem ao grupo étnico com o qual frequentemente lhes identificam: os árabes.

SABIA QUE...?

• A lei islâmica afirma que judeus, cristãos e outros não-muçulmanos possuem um status de segunda categoria nas sociedades islâmicas.
• Estas leis jamais deverão ser derrogadas ou revistas por nenhuma autoridade islâmica.
• A idéia de que os judeus viviam melhores nos territórios islâmicos que na Europa cristã é falsa.

Porém, o problema com esta visão comum do islã se revela inverídica. Temos exposto consideravelmente a posição do islã como uma religião de guerra; além disso, é claramente uma religião intolerante.

Mito politicamente correto: O islã é uma religião tolerante

A militância do politicamente correto tem afirmado que os judeus e cristãos conviveram em harmonia com os muçulmanos durante a existência dos impérios islâmicos do passado. Quando os terroristas *jihadistas* atacaram Madri com bombas em 11 de março de 2004, alguns comentaristas recordaram ao mundo de modo benevolente que, quando os muçulmanos governavam a Espanha, este país era um modelo de

tolerância onde muçulmanos, judeus e cristãos conviviam pacífica e harmoniosamente. Quando *jihadistas* implantaram bombas nas sinagogas de Istambul, em 15 de novembro de 2003, os comentaristas disseram que as explosões revestiam-se de um caráter especialmente trágico por ter ocorrido em uma cidade que durante tanto tempo havia gozado de uma tranqüila convivência entre muçulmanos, judeus e cristãos.

Este dogma inquestionável da tolerância islâmica tem consideráveis implicações políticas, uma vez que desencoraja ações e iniciativa por parte das unidades contra-terroristas da Europa e América para investigar as atividades nas mesquitas. Por sua vez, contribuem para perpetuar a noção equivocada de que o terrorismo islâmico é fruto de querelas e desequilíbrios políticos. Os governos dos países europeus onde se tem verificado um acelerado aumento de uma população muçulmana utilizam deste argumento para se entorpecerem imaginando que na antiga Al-Andaluz a hegemonia islâmica não era tão má. Os políticos europeus e norte-americanos, e os líderes religiosos, incentivam em suas nações as crescentes comunidades islâmicas, procurando ganhar seus apoios político e presumindo que vão se adaptar com facilidade e que irão passar a serem participantes ativos e pacíficos do processo político. Por que não? O islã é tolerante e prega o pluralismo. Qual o melhor suporte para sua participação na democracia ocidental?

A idéia de um islã tolerante tem sido inclusive levada às Nações Unidas. O jornal turco Zaman publicava em março de 2005 de que em um seminário nas Nações Unidas intitulado "*Para enfrentar a islamofobia: a educação para a tolerância e compreensã*o", "a tolerância evidenciada pelos otomanos em relação às pessoas de diferentes religiões foi tomado como um exemplo a ser adotado nos tempos atuais", e foi elogiada como um "modelo social no qual diferentes religiões e nações tem convivido sob o mesmo teto durante centenas de anos" [70].

Não parece ter chegado ao conhecimento das Nações Unidas o fato de que quando as diferentes religiões conviviam sob um mesmo teto, uma delas se oficializou como senhora e os membros das demais religiões passaram a viver como inferiores e desqualificados.

A *dhimma*

O Alcorão denomina os judeus e cristãos por "povo do Livro"; a lei islâmica os chama de *dhimmis,* que significa povo "protegido" ou "culpado" (a palavra árabe possui ambos os significados). São "protegidos" porque, enquanto povo do Livro, têm recebido revelações genuínas (o Livro) por parte de Alá, e isto lhes outorga um status diferente dos pagãos e idólatras completos, tais como os hindus e budistas. (Historicamente, estes

[70] Emrah Ulker, «UN Uses Ottoman Tolerance Concept as Model», Zaman Daily Newspaper, 9 de dezembro de 2004.

grupos têm recebido tratamentos ainda pior por parte dos conquistadores islâmicos, apesar de que por questão prática, seus senhores muçulmanos por fim, lhes concedeu o status de *dhimmis*). Por outro lado, os judeus e cristãos são "culpados" não só porque rejeitaram Maomé como profeta, mas porque distorceram as legítimas revelações de Alá. Por conta dessa culpabilidade, a lei islâmica dita que os judeus e cristãos podem viver em países muçulmanos, mas não em nível de igualdade com eles. Um jurista muçulmano explica que o califa deve "empregar a *jihad* contra aqueles que tiverem resistido ao islã, depois de haverem sido convidados a ele, até que se submetam ou até que aceitem viver na comunidade *dhimmi* protegida, para que a religião da verdade de Alá, que Ele seja louvado, 'venha a prevalecer sobre qualquer outra religião [falsa]' (Alcorão, 9: 33)" [71]. Enquanto os judeus, cristãos e outros não-muçulmanos tiverem permissão para praticar suas religiões, deverão praticá-la sob uma severa e restritiva condição que lhes recordem constantemente seus status de cidadãos de segunda categoria.

Este status de inferioridade foi estabelecido pela primeira vez por Omar ibn al-Jatab, que foi califa do ano de 634 até 644. De acordo com o comentário do Alcorão de Ibn Kazir, os cristãos que firmaram esse pacto com Omar proclamaram:

Nós aceitamos como condição por nossa parte que não iremos erigir em nossa área nenhum santuário, nenhuma igreja ou monastério para monges, nem restaurar nenhum lugar de adoração que necessite de reparação, e tampouco iremos usá-lo com propósito de incitar inimizade contra os muçulmanos [72].

De modo que para as autoridades muçulmanas estavam permitidas de se apoderarem das igrejas quando quisessem. À medida que os testemunhos dos cristãos eram desvalorizados, e em muitos casos rejeitados, aos muçulmanos só bastava-lhes a acusação que de uma igreja estava sendo utilizada para fomentar a inimizade "contra os muçulmanos" para se apoderarem dela.

O pacto com o califa Omar continua assim: "Não impediremos aos muçulmanos que permaneçam em nossas igrejas quando vierem à elas, seja dia ou seja noite [...] os muçulmanos que vierem como hóspedes poderão ter alojamento e comida por três dias" [73]. O acordo também apresentava uma quantidade enorme de regulamentações humilhantes para garantir que os *dhimmis* se sentissem "submissos", segundo a passagem 9: 29 do Alcorão. Aos cristãos era-lhes permitido:

Nós não [...] impediremos a nenhum dos nossos que se converta ao islã se assim optar por fazê-lo. Respeitaremos os muçulmanos e cederemos os lugares onde estivermos sentados, se assim desejarem sentar ali. Não imitaremos suas roupas, capas, turbantes, sandálias, penteados, discursos, alcunhas e sobrenomes, nem andaremos em liteiras,

[71] Abu'l Hasan al-Mawardi, Al-Ahkam as-Sultaniyyah (The Laws ofIslamic Governance) Ta-Ha Publishers, 1996, p. 28.
[72] Ibn Kazir, op. cit., vol. 4, p. 406
[73] Ibíd. p. 407.

nem levaremos espadas sobre nossos ombros, nem nos armazenaremos com armas de qualquer tipo, nem portaremos tais armas [...] não cifraremos nossos selos em árabe, nem venderemos bebidas alcoólicas. Não cortaremos nosso cabelo na testa, usaremos roupas habituais em todas as partes, usaremos cinturões ao redor de nossa cintura, nos absteremos de erigir cruzes no exterior de nossas igrejas e mostrá-las em público, de igual modo os nossos livros nas ruas e nos mercados muçulmanos. Não tocaremos os sinos de nossas igrejas, salvo se discretamente, nem levantaremos nossas vozes na presença de muçulmanos ao recitar nossos livros sagrados no interior de nossas igrejas.

Depois que estas e outras regras foram totalmente explicitadas, o pacto conclui:

Estas são as condições que estabelecemos contra nós e os adeptos de nossa religião em troca de segurança e proteção. Se quebrarmos uma promessa sequer que fazemos em vossos benefícios e contra os nossos, então nossa dhimma (promessa de proteção) será quebrada, e vós podereis fazer conosco o que está permitido proceder com quem incorre em desobediência e rebelião. [74].

Atualmente, tudo isso segue fazendo parte da *sharia*. "Os povos submissos", de acordo com o manual contemporâneo da lei islâmica, devem "pagar o tributo dos não-muçulmanos (*jizya),* e "se diferenciarem dos muçulmanos na vestimenta utilizando um largo cinturão de pano (*zunnar*); não serão saudados por "*Salam aleikum*" [a tradicional saudação muçulmana: "a paz esteja contigo"]; devem manter-se nas margens das ruas, não podem construir edifícios altos, ou tão altos quanto as construções muçulmanas, ainda que adquiram uma casa alta esta não será destruída, estão proibidos de expor abertamente o vinho e a carne de porco [...] recitar a Torá e o Evangelho em voz alta, fazer manifestação pública de seus funerais e festas, e estão proibidos de construir novas igrejas" [75]. Mais adiante, a leis estipula que se violados estes termos, poderiam ser assassinados ou vendidos como escravos, segundo a decisão discricionária do chefe muçulmano.

A HISTÓRIA SE REPETE: OS LÍDERES MUÇULMANOS FAZEM UM CLAMOR PELA RESTAURAÇÃO DA *DHIMMA*

Resta claro que judeus e cristãos viviam como *dhimmis* nos antigos impérios islâmicos, mas isso são águas passadas porque, atualmente, os líderes muçulmanos não querem restaurar o status *dhimmis*... Mas isso não é verdade, porque o querem. O xeque Omar Bakri Mohamed, um controvertido líder britânico pró-Osama bin Laden, escreveu em

[74] Ibid.
[75] Umdatal-Sallk, op. cit., 011.3, p. 5

outubro de 2002 que apesar do fato de não existirem califas no mundo islâmico atual, não significa que os muçulmanos podem simplesmente matar os infiéis, e afirmou que deveriam continuar oferecendo-lhes a opção de viverem submissos: "Não podemos dizer, simplesmente, que porque não temos um *khilāfa* [califado] podemos diretamente matar a todos os não-muçulmanos, mas sim devemos continuar aplicando-lhe a *dhimma*" [76].

Além disso, o xeique Yussef Salame, subsecretário para a prestação religiosa da Autoridade Palestina, expressou, em maio de 1999, a idéia de que os cristãos "deveriam passar a serem *dhimmis* sob um governo muçulmano"; estas sugestões têm sido feitas habitualmente desde que começara a segunda intifada em outubro de 2006" [77].

Em um recente sermão na mesquita de Meca, o xeique Marzouq Salem AI-Ghamdi explicou as prescrição da *sharia* aos *dhimmis*: "Não há nada de mau que os infiéis vivam entre os muçulmanos, de acordo com as condições estabelecidas pelo Profeta, enquanto pagarem a *jizya* para o erário islâmico. Outras condições são [...] que não haja reformas em igrejas ou monastérios, que não reconstruam as que estão destruídas, que dêem comida durante três dias a qualquer muçulmano que passe por sua casa [...] que se levantem quando um muçulmano queria sentar-se, que não imite os muçulmanos em suas vestimentas e modos de falar, que não montem a cavalo, que não possuam espadas nem se armem com nenhum tipo de arma; que não vendam vinho, nem exibam a cruz, nem soem os sinos das igrejas, nem falem alto durante suas pregações, que raspem o cabelo na frente para que sejam facilmente identificados, que não incitem ninguém contra os muçulmanos e que não agridam nenhum muçulmano [...] se chegarem a violar estas condições, então já não receberão proteção" [78].

Os *dhimmis* também estariam estritamente proibidos, sob pena de morte, de fazer proselitismo entre os muçulmanos, e esta proibição acompanhava-se de uma condenação a morte para os muçulmanos que abandonassem o islã. Hoje, ambas as prescrições, juntamente com outras disposições da *dhimmitude,* continuam a fazer parte da lei islâmica.

Durante séculos, estas leis têm regido completamente as relações entre os muçulmanos e os não-muçulmanos nos Estados islâmicos, até que a pressão ocidental exercida sobre o debilitado Império Otomano em meados do século XIX conduziu a emancipação dos *dhimmis*. Em diferentes locais os controles exercidos sobre eles relaxaram-se, ou foram ignorados durante distintos períodos de tempo, porém seguiam-

[76] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «Islamic Leader in London: No Universal Yihad As Long As There is No Caliphate», MEMRI Special Dispatch Nº 435, 30 de outubro de 2002.
[77] Jonathan Adelman y Agota Kuperman, «Christian Exodus from the Middle East», Foundaton for the Defense of Democracies, 19 de dezembro de 2001.
[78] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «Friday Sermons in Saudi Mosques: Review and Analysis», MEMRI Special Report Nº 10, 26 de setembro de 2002. www.memn.org. Este sermão não tem data, porém tem aparecido recentemente na página web saudita: www.alminbar.net

se mencionados em livros e estariam sujeitos a serem novamente aplicados por decisão de qualquer chefe.

A partir dos estatutos do Movimento de Residência Islâmica, conhecido como Hamas, surge uma clara consciência da maneira de manipular o mito da tolerância islâmica: "Sob a sombra do islã, é possível que os membros das três religiões, o islã, o cristianismo e o judaísmo, possam coexistir em paz e com segurança. A paz e a segurança só podem prevalecer sob a sombra do islã, e a história, tanto passada como recente, é a melhor prova disso [...] O islã outorga direitos a todos aqueles que tenham direitos e que renuncie a atuar sobre os direitos dos demais" [79]. No entanto, o Hamas não explica em nenhum momento, justamente, sobre quais direitos serão alvos de privação para se viver "sob a sombra do islã".

O xeique Abdulá Azzam (1941-1989), um dos fundadores da Al-Qaeda, também assume que o Estado islâmico que ele intenta restaurar irá recolher *jizya* dos *dhimmis.* Em seu livro *Defence of the Muslim Lands [A defesa das Terras Muçulmanas]*, examina várias categorias de *jihad*. De acordo com a teologia islâmica tradicional, explica que a *jihad* ofensiva é uma obrigação da comunidade islâmica, e acrescenta: "Os ulemás [eruditos muçulmanos] têm mencionado que este tipo de *jihad* é realizada para manter o pagamento da *jizya*" [80].

Mito politicamente correto: A *dhimma* não foi tão má

Porém na prática, poderia não ser realmente assim. O apologista Stephen Schwartz, convertido ao islã, argumenta que na realidade a *dhimmitude* não foi tão ruim, e sustenta que seus horrores foram exagerados: "A *dhimma* é usada atualmente no Ocidente de forma demagógica como um símbolo aterrador de dominação islâmica" [81]. É verdade que nem todas as leis eram cumpridas com o mesmo zelo e igualmente observadas. No século IX, Teodósio, o patriarca de Jerusalém, escreveu sobre os muçulmanos: "São justos, e não nos fazem mal algum nem exercem nenhum tipo de violência sobre nós" [82]. Porém o status legal de judeus e cristãos seguiam sendo, no melhor dos casos, bastante precário. O historiador A. S. Tritton diz:

Em um determinado momento os dhimmis eram considerados vermes a serem perseguidos e totalmente insignificantes, e tal incômodo referia-se a suas perniciosas influência sobre os muçulmanos que os cercavam. As leis eram promulgadas e

[79] «The Charter of Allah: The Platlorm of the Islamic Resistance movement (Hamás)», The International Policy Institute for Counter-Terrorism, 5 de abril de 1998.
[80] Abdulá Azzam, Defence of the Muslim Lands, Maktaba Dar-us-Salam, 993.
[81] Stephen Schwartz, «Reductio ad Jihadam», TechCentralStation.com, 17 de fevereiro de 2005
[82] Citado em Steven Runciman, History of the Crusades, volumen I, Cambridge University Press, Oxford, 1951, p. 27. Tem edição em espanhol: Historia das Cruzadas, 3 vols., Alianza Editorial, Madrid, 1973.

observadas durante um tempo, e logo eram olvidadas, até que algo fazia com que as autoridades muçulmanas as recordassem [...] tem-se a impressão de que se os fatos tivessem sido regidos pela lógica, o islã teria aniquilado as religiões a ele submissas, porém estas sobreviveram, vigorosamente, ainda que maltratadas [83].

É claro que eles eram maltratados. A humilhação tomou várias formas, mas sempre estava presente. O historiador Philip Hitti refere-se a um exemplo notório do século IX: "Nos anos 850 e 854, o califa Mutavaquil decretou que os cristãos e os judeus deveriam pregar imagens de demônios em suas casas, assim como nos solos de suas sepulturas, usarem roupas exteriores de cor de mel, colocar duas estampas da mesma cor na roupa de seus escravos [...] e cavalgar somente em mulas e asnos com selas de madeiras marcadas com duas esferas semelhantes a uma romã em sua parte posterior" [84].

Posteriormente, segundo o historiador Steven Runciman, os cristãos do Império Otomano "nunca deveriam esquecer-se que eram pessoas submissas" [85]. Isto abarcava também a apropriação de seus lugares sagrados por parte dos conquistadores: segundo Hoca Sa'deddin, tutor dos sultões Murad III e Maomé III, quando os turcos tomaram Constantinopla em 1453, "as igrejas que estavam nas cidades foram esvaziadas de seus ídolos vis e purificadas de suas asquerosas impurezas idólatras por meio da desfiguração de suas imagens e o estabelecimento de locais de culto e púlpitos islâmicos [...] muitos mosteiros e capelas passaram a ser a inveja dos jardins do Paraíso" [86].

No século XIV, o pioneiro da sociologia Ibn Khaldun explicava as opções que possuíam os cristãos: "Se trata de [que escolham entre] a conversão ao islã, o pagamento do tributo ou a morte" [87].

Os infortúnios dos contribuintes

O pagamento do tributo especial para os não-muçulmanos, a *jizya*, não era algo tão fácil como preencher o formulário do imposto de renda [88]. O cronista Miguel, o Sírio (1126-1199), Patriarca Ortodoxo Sírio de Antioquia registrou o caráter devastador que teria este encargo para os cristãos nos tempos do califa Marwán II (744-750):

[83] A. S. Tritton, Caliphs and Their Non-Muslim Subjects: A Critical Study of the Covenant of' Omar, Idarah-IAdabiyat-I DelE, Nueva Delhi, 1950, p. 229.
[84] Philip K. Hitti, The Arabs: A Short History, Regnery, Washington, DC, 1996, p. 137. 84 Steven Runciman, The Great Church in Captivity, Cambridge University Press, Oxford, 1968, p. 179.
[85] Steven Runciman, The Great Church in Capitivty, Cambridge University Press, Oxford, 1968, p.179
[86] Citado em Philip Mansel, Constantinople: City of the World's Desire 1453-1924, Sto Martin's Griffin, Nueva York, 1998, p. 51.
[87] Bat Y e' or, The Decline 01 Eastern Christianity Under Islam, Fairleigh Dickinson University Press, Madison, 996, p. 296
[88] Desses que pagamos junto a Receita Federal

A maior preocupação de Marwán era fazer estoque de ouro, e sob seu julgo foi uma pesada carga para a população do país. Suas tropas infligiram muitos males aos homens: explosões, saques, ultraje às mulheres na presença de seus maridos [89].

Marwan não estava sozinho. Segundo Miguel, um de seus sucessores, Al-Mansur (754-775), "impôs toda sorte de tributos para todo mundo e em todas as partes, e duplicou cada um dos tributos impostos aos cristãos" [90].

Com freqüência, o pagamento da *jizya* dava lugar a uma peculiar e humilhante cerimônia, na qual o cobrador de impostos muçulmano golpeava o *dhimmi* na cabeça ou na nuca. Tritton explica que "o *dhimmi*, quando pagava, deveria sentir que era uma pessoa inferior, e não deveria ser tratado de forma honrosa" [91]. Isto garantia que o *dhimmi* se sentisse "submisso", tal como ordena o Alcorão 9: 29. Zamajashari, comentarista do Alcorão do século XII, ainda disse que as *jizya* deveriam ser recolhidas "com desprezo e humilhação" [92]. O jurista do século do século XIII An Nawawi ordenou que "o infiel que quisesse pagar seu tributo deveria ser tratado com desdém pelo coletor: ele deve permanecer sentado e o infiel deve ficar em sua frente, com a cabeça baixa e sua espinha inclinada. O infiel deve, pessoalmente, por o dinheiro na balança, enquanto o coletor o segura em suas barbas e esbofeteia as faces de seu rosto" [93].

Segundo a historiadora Bat Ye'or, estas agressões no processo de pagamento "mantiveram-se inalteradas até o início do século XX, e se aplicavam de forma ritualizada em países muçulmanos como o Iêmen e Marrocos, onde o imposto corânico seguiu sendo cobrado aos judeus sob ameaça" [94].

Muitas vezes, os não-muçulmanos se convertiam ao islã para evitar o pagamento deste tributo: foi assim que vastas populações de cristãos no norte da África e no Oriente Médio foram reduzidas, em última instância, em minorias escassas e desmoralizadas. Segundo Jean-Baptiste Tavernier, um explorador europeu do século XVII, durante o ano de 1651, no Chipre "mais de quatrocentos cristãos se converteram em muçulmanos, porque eles não podiam pagar sua *jarach* [tributo sobre a terra a ser aplicada aos não-muçulmanos e que às vezes era equivalente a *jizya*], que é o imposto que o Grande Senhor impõe aos cristãos em seus Estados". No ano seguinte, em Bagdá, quando os cristãos "tiveram de pagar as suas dívidas, ou seus *jarach*, foram obrigados a vender seus filhos aos turcos para poderem saldá-las" [95].

[89] Michael the Syrian, citado em Bat Ye'or, op. cit., p. 78.
[90] Ibid.
[91] A. S. Trinan, op. cit., p. 227
[92] Citado em Ibn Warraq, Why I Am Not A Muslim, Prometheus Books, Amherst, NY, 1995, p. 228.
[93] Citado em Bat Y e' or, Islam and Dimmitude: Where Civilizations Collide, Fairleigh Dickinson University Press, Madison, 2002, p. 70
[94] Bat Y e' or, The Decline of Eastern Christianianity Under Islam, op. cit., p. 78
[95] Ibíd., pp. 112-113

Não obstante, em outros casos, a conversão ao islã estava proibida aos *dhimmis*, pois isso poderia levar a extinção do fato gerador e da base tributária. [96]

Excesso de pressão

Essa opressão iria provocar, cedo ou tarde, uma reação. O historiador Apostolos E. Vacalopoulos descreve uma interessante série de circunstâncias que cercaram a luta pela independência da Grécia no início do século XIX:

A revolução de 1821 não era mais do que a última grande fase de resistência dos gregos à dominação otomana; Foi uma guerra implacável e não declarada, que havia começado durante os primeiros anos de escravidão. A brutalidade de um regime autocrático caracterizada por espoliação econômica, decadência intelectual e retrocesso cultural, seguramente iria gerar oposição. As restrições de qualquer espécie, a tributação ilegal, trabalho forçado, perseguições, violência, confinamento, morte, sequestro de crianças e seu confinamento em haréns turcos, e vários atos de perversidade e luxúria, juntamente com numerosos e não menos ofensivos excessos, tudo isso transformou-se em um desafio constante para a auto-preservação e um desafio para qualquer senso de decência humana. Os gregos experimentaram amargamente todo tipo de insultos e humilhações, e sua angústia e frustração levou-os a optar pela rebelião armada. Não há nenhum indício de exagero na declaração expressa por um dos líderes de Arta, quando tentou explicar a ferocidade da luta, afirmou que "fomos injustos com os listrados [dhimmis] (nossos súditos cristãos) e temos atentado tanto contra a sua riqueza como sua honra; eles caíram em desespero e pegaram em armas. Este é apenas o começo, e esta situação acabará por levar à destruição do nosso império". Os sofrimentos dos gregos sob o governo otomano tem sido, por conseguinte, a principal causa da insurreição; a natureza das circunstâncias tornou-se um incentivo psicológico [97].

Atualmente, os terroristas *jihadistas* se queixam de que o Ocidente tem destruído a sua riqueza e honra; no entanto, na medida em que eles continuam a cometer atos de violência contra pessoas inocentes, como fizeram em 11 de setembro e de outros tantos ataques, essa queixa mostra-se cada vez mais falsa. Inclusive é possível que finalmente estes contínuos atos de violência dêem origem a mais forte e aberta resistência a islamização que jamais temos visto.

[96] Maxime Rodinson, Mohamed, Pantheon Books, Nova Iorque, 1971, p. 296. Tem edição em espanhol: Maomé, Península, Barcelona, 2002.
[97] Apostolos E. Vacolopolous, «Background and Causes of the Greek Revolution», Neo-Hellenika, vol. 2,1975, pp. 54-55; citado em Andrew G. Bostom, «The Islamization of Europe», FrontPageMagazine.com, 31 de dezembro de 2004

Mito Politicamente correto: Os judeus viviam melhores em terras muçulmanas que na Europa cristã

Os porta-vozes do politicamente correto afirmam constantemente que ainda que a *dhimma* submetessem os cristãos e os judeus a hostilidades e discriminações institucionalizadas, na realidade ela não era tão má como a forma que os judeus eram tratados na Europa cristã. O historiador Paul Johnson explica: "Em teoria [...] o status dos judeus de *dhimmis* sob o governo muçulmano era pior que sob os governos cristãos à medida que seus direitos de praticarem sua religião, inclusive o direito a vida, poderiam ser revogados arbitrariamente a qualquer momento. No entanto, na prática os guerreiros árabes nos séculos VII e VIII que conquistaram rapidamente a metade do mundo civilizado não tinham a intenção de exterminar as laboriosas e alfabetizadas comunidades judaicas, que lhes forneciam lucros genuínos e lhes serviam de múltiplas maneiras" [98].

O certo é que, em termos de restrições legais, as leis muçulmanas eram muito mais difíceis para os judeus do que as da Cristandade. Em 1272 o Papa Gregório X reiterou o que havia afirmado por primeiro o Papa Gregório I em 598: os judeus "não deveriam experimentar nenhum prejuízo naqueles [privilégios] que já haviam sido garantidos". Gregório X também reiterou os decretos papais anteriores que proibiam as conversões forçadas (como faz a lei islâmica) e ordenava o seguinte: "Nenhum cristão deverá deter, encarcerar, ferir, torturar, mutilar, matar ou exercer violência contra eles; ademais, ninguém deverá, exceto por um ato judicial das autoridades de seu país, modificar os bons costumes na terra que vivam com o propósito de obter vantagens em dinheiro ou mercadorias de sua propriedade ou de outros".

Até agora, isto é similar a "proteção" islâmica dos povos submetidos. Porém Gregório acrescenta: "Além disso, ninguém deve perturbá-los de nenhuma forma, seja com porretes ou pedras ou qualquer outra coisa, durante a celebração de seus festejos, seja dia ou seja noite". Isto é claramente diferente das proibições da *sharia* no concernente as celebrações em público das festividades religiosas dos *dhimmis*. Além disso, em virtude do testemunho de um judeu contra um cristão ser inadmissível, o Papa também proibiu os cristãos de testemunhar contra os judeus, enquanto a *sharia* proíbe que um *dhimmi* testemunhe contra um muçulmano, mas não há problema nenhum de um muçulmano testemunhar contra um *dhimmi* [99].

[98] Paul Johnson, A History of the Jews, Harper & Row, Nova Iorque, 1987, p. 175. Tem edição em espanhol: Historia dos judeus, Ediciones B, Barcelona, 2004.
[99] Gregório X, «Papal Protection of the Jews», en The Portable Medieval Reader, Viking Press, Nova Iorque, 1949, pp. 170·171.

MAOMÉ vs. JESUS

"Enviou diante de si mensageiros que, tendo partido, entraram em uma povoação dos samaritanos para lhe arranjar pousada. Mas não o receberam, por ele dar mostras de que ia para Jerusalém. Vendo isto, Tiago e João disseram: Senhor, queres que mandemos que desça fogo do céu e os consuma? Jesus voltou-se e repreendeu-os severamente".

Jesus (São Lucas, 9: 52-55)

"Transmitido por Ibn Abbas: Quando o versículo 'E advirtais a quantos possa chegar (Oh Maomé), começando por sua família' [Alcorão, 26: 214] foi revelado, o Mensageiro de Deus saiu, e quando ascendeu a montanha As-Safa gritou: 'Ya Sabahah![100]' As pessoas disseram: 'Quem vem lá?' Logo reuniram-se em torno dele, no qual ele disse: 'Vocês os vêem? Se eu lhes informar que os soldados da cavalaria estão subindo a ladeira desta montanha, acreditariam em mim?' Eles disseram: 'Nunca te ouvimos dizer uma mentira.' Então ele disse: 'Eu os trago uma advertência sobre o advento de um severo castigo' Abu Lahab disse: 'Que você pereça, nos reuniu somente por esse motivo?' Então Abu Lahab retirou-se. Em seguida foi revelado a sura Al-Massad: 'Que ambas as mãos de Abu Lahab pereçam'[101]. A sura Al-Masad é a sura 111 do Alcorão: Que pereça o poder de Abu Láhab e que ele pereça também! De nada lhe valerão os seus bens, nem tudo quanto lucrou. Entrará no fogo flamígero, bem como a sua mulher, a portadora de lenha, que levará ao pescoço uma corda de esparto".

Alcorão, 111: 1-5

Isso não significa que abusos não foram cometidos. As disposições de proteção aos judeus, como enunciada por Gregório X, muitas vezes não eram observadas. Porém, não é por acaso que, no início da era moderna a grande maioria dos judeus vivia no Ocidente e não dentro dos limites do islã. Este fato devia-se que, em terras cristãs existia a idéia, ainda que imperfeita, de igualdade, de dignidade e de direitos a todos, uma idéia que estava em contradição com o Alcorão e com a teologia islâmica e que nunca se arraigou no mundo islâmico.

Mito politicamente correto: A *dhimmitude* é coisa do passado

Mas, certamente, esta é uma questão histórica, não é? Os apologistas islâmicos têm sustentado que atualmente ninguém advoga por sua restauração. Mas já vimos que isso não é verdade. Também é falsa a presunção difundida que atualmente a *dhimmitude* não exista no mundo islâmico. Desde que a *sharia* já não encontra vigência em

[100] Antigo grito árabe de perigo.
[101] Al·Bujari, op. cit., vol. 6, livro 65, nº 4971

nenhuma parte, exceto na Arábia Saudita (onde diretamente não se permite aos não-muçulmanos a prática de suas religiões) e no Irã, as leis da *dhimma* tem perdido sua vigência plena no mundo islâmico. No entanto, em todos os países muçulmanos se conservam nos livros alguns elementos dela. Hoje, em nenhum lugar do mundo islâmico os não-muçulmanos podem desfrutar de uma relação de plena igualdade de direitos com os muçulmanos.

Aqui estão alguns incidentes recentes e expressivos provenientes do Egito:

- A apostasia (abandono da fé) representa uma ofensa capital na lei islâmica. Em outubro de 2003 os oficiais egípcios prenderam vinte e dois cristãos, muitos deles antigos muçulmanos que haviam se convertido secretamente ao cristianismo. Os interrogaram e os torturaram; as autoridades suspeitavam que vários deles estavam planejando converter outros muçulmanos ao cristianismo.[102]

- Em dezembro de 2003, a Igreja de Irmandade em Assiut foi demolida com permissão oficial a fim de construir uma nova em seu lugar. Mas antes que pudesse fazê-la, sua licença de construção foi revogada em virtude da proibição aos dhimmis de construir novas igrejas ou reparar as antigas. [103]

- Em 25 de novembro de 2003, Boulos Farid Awad Rezek-Allah, um cristão copta casado com uma convertida do islamismo ao cristianismo, foi preso quando estava prestes a deixar o país e detido por doze horas. Quando um oficial de segurança da polícia egípcia lhe perguntou sobre sua esposa, Rezek-Allah disse-lhes que já havia deixado o Egito. Talvez recordando a imposição da pena de morte para os apóstatas, o funcionário respondeu: "A trarei e a cortarei em pedaços diante de ti". [104] No entanto, poucos meses depois de Rezek-Allah foi autorizado a deixar o Egito e se estabelecer no Canadá. [105]

Aqui temos alguns exemplos do Paquistão:

- Em novembro de 2003, a polícia paquistanesa prendeu o cristão Anwar Masih sob a acusação de blasfêmia. De acordo com o jornal Daily Times do Paquistão, Masih começou uma discussão sobre o islã com um vizinho muçulmano chamado Naseer. "Durante a discussão, disse o subinspetor, Masih se irritou e amaldiçoou. Naseer fez um relato da discussão a outros dois vizinhos de sua mãe, para Attaullah e para Salfi. Posteriormente, estes três se reuniram com outros vizinhos e apedrejaram a casa de Masih, onde logo a polícia atendeu a ocorrência, sem ter nenhuma evidencia do ataque a sua casa, prenderam Masih" [106].

---

[102] «Egypt: Police Arrest 22 Christians in New Crackdown», Barnabas Fund, 24 de outubro de 2003. www.barnabaslund.org

[103] «Egyptians officials revoke Church license to build alter demolition oE Church», U. S. Copts Association, 2 de dezembro de 2003.

[104] «Christian Captures At Borden>, Compass Direct, 4 de dezembro de 2003

[105] Christian Couple Escapes», Compass Direct, 17 de maio de 2004.

[106] «Police arrests Christian for "blasphemy", lets attackers go», Daily Times, 29 de novembro de 2003.

- Em dezembro de 2003, uma igreja da cidade de Dajkot foi atacada durante uma celebração religiosa por uma multidão de muçulmanos que gritavam: "Vocês infiéis, parem de rezar e aceitem o islã!". Segundo o Pakistan Christian Post, a multidão "entrou na igreja e começou agredir os fiéis. Os agressores profanaram a Bíblia Sagrada e destruíram todo o interior da igreja". No entanto, a polícia "se negou a iniciar um inquérito", e nos hospital local os médicos muçulmanos não atenderam os cristãos feridos por diretiva de um influente muçulmano do lugar. [107]

- Em maio de 2004, outro cristão acusado de blasfêmia, Samuel Masih, foi espancado por um policial muçulmano com um martelo até que ele morreu enquanto estava acamado no hospital, agonizando por conta de uma tuberculose. [108]

Estes dados vêm do Kuwait:

- Hussein Qambar Ali foi um kuwaitiano que na década de noventa se converteu do islã ao cristianismo. Apesar de que a Constituição do Kuwait garanta a liberdade religiosa e não verse nada sobre a proibição islâmica tradicional de conversão a outra fé, ele foi preso e julgado por apostasia. Durante o julgamento, o promotor declarou que a sharia tinha preferência sobre o código legal secular do Kuwait: "Devo dizer, com pesar, que o nosso direito penal não inclui a penal por apostasia. O fato é que a legislação, em nossa humilde opinião, não pode aplicar uma pena por apostasia além de já decretado por Alá e seu mensageiro. Quem pode tomar a decisão sobre sua apostasia são: o Alcorão, a Sunna, o acordo dos profetas e sua legislação outorgada por Alá" [109].

TRÊS LIVROS QUE NÃO DEVERIAS LER

The Dhimmi: Jews and Christian Under Islam [Os Dhimmis: Judeus e Cristãos Sob o Islã] (1985), The Decline of Eastern Christianity Under Islam: From Yihad of Dimmítude [A Decadência do Cristianismo Oriental Sob o Islã: da Jihah à Dhimmitude] (1996), e *Islam and Dímmítude: Where Civllizations Collide [O Islã e a Dhimmitude: onde as Civilizações se Colidem] (2001),* escritos por Bat Ye'or e publicados pela Fairleigh Dickinson University Press. Ye'or é uma precursora e uma especialista em *dhimma*. Cada um dos livros contém extensa quantidade documental de fonte primária, o que nos coloca em contacto com a dura realidade da *dhimmitude*, e que desmente os apologistas islâmicos e aos comparsas que tentam justificá-la.

[107] «Dajkot Church attacked. PCP Report», Pakistan Christian Post, 11 de dezembro de 2003.
[108] «Pakistan blasphemy suspect dies, beaten by cap», Reuters, 29 de maio de 2004.
apostasia
[109] Citado em Robert Hussein, Apostate Son, Najiba Publishing Company, 1998, p. 161.

Mito politicamente correto: O islã valoriza as culturas pré-islâmicas dos países muçulmanos

O islã não só denigre e despreza os não-muçulmanos, também os leva a denegrir e prejudicar as culturas pré-islâmicas de seus próprios países. "Em 637 d. C." afirma o escritor e prêmio Nobel V. S. Naipaul, "apenas cinco anos após a morte do Profeta, os árabes começaram a invadir a Pérsia, e todo o glorioso passado persa, anterior ao islã, foi declarado período obscurantista" [110].

A HISTÓRIA SE REPETE: OS MUÇULMANOS DEGRADAM OS ANTIGOS LOCAIS SAGRADOS DE OUTRAS RELIGIÕES

Os muçulmanos do norte de Chipre ocupada pelos turcos chegaram a transformar o mosteiro de São Macário, no século IV, em um hotel. Na Líbia, o coronel Kadafi transformou a catedral católica de Trípoli em uma mesquita. No Afeganistão, é claro, os talibãs dinamitaram os famosos Budas de Bamiyan em março de 2001. Poderia chegar ocorrer o mesmo com os monumentos cristãos na Europa? Se os *jihadistas*, que hoje possuem a mesma energia que possuíam durante o último milênio, continuarem a prosseguir sua rota, seguramente poderiam ocorrer, Edward Gibbon, autor de *O Declínio e Queda do Império Romano*, observou que, se a incursão muçulmana na França no século VII tivesse logrado êxito "muito provável que a leitura do Alcorão estaria sendo ensinada nas escolas de Oxford, e seus púlpitos poderiam estar demonstrando a população local a santidade e o valor da verdade das revelações de Maomé" [111].

Este dia pode ainda estar por vir.

Isto não tem nada de estranho, pois é uma cena que se repete ao longo da história. A teologia islâmica denigre o infiel até o ponto de não haver lugar na cultura islâmica para nenhum tipo de atitude compassiva por seus feitos. Os muçulmanos denominam a época anterior a adoção do islã por parte dos países, por período de *yahiliya*, ou de ignorância. Naipaul explica que "a época pré-islâmica é uma era de obscurantismo: isto é parte da teologia muçulmana. A História deve ser objeto de

[110] V. S. Naipaul, Among the Believers: An Islamic Journey, Vintage Books, Nueva York, 1982, p. 65. Tem edição em espanhol: Entre os fiéis, Quarto, Barcelona, 1984
[111] Ibid. p. 119.

teologia". Um exemplo disso pode ser visto na maneira que os paquistaneses denegriram o famoso sítio arqueológico de Mohenjo Daro[112] atribuindo-lhe como único valor a possibilidade de servir os propósitos do islã:

Uma carta destacada em Amanecer trazia idéias para o local. Seu autor dizia que os versículos do Alcorão deveriam ser gravados e instados em Mohenjo Daro em "espaços apropriados": "Dizei-lhes (para eles, Oh Maomé): viajai pela Terra e vede a natureza das conseqüências da culpa... dizei-lhes (Oh Maomé, para os infiéis): viajai pela Terra e vede a natureza das conseqüências para aqueles que os têm precedido. A grande parte deles era idólatra [113].

[112] Cidade construída no terceiro milênio antes de Cristo, no território do atual Paquistão.
[113] Ibid, pp. 141-142.

Capítulo 5

O islã oprime as mulheres

Em 18 de março de 2005 uma mulher muçulmana chamada Amina Wadud presidiu uma celebração religiosa na cidade de Nova Iorque. Visto que se tratava de uma mulher, três mesquitas recusaram aceitar tal celebração, o qual foi programada para ocorrer em uma galeria de arte, porém o evento foi cancelado após uma ameaça de bomba. Por fim, foi realizada em uma Igreja Episcopal. Fora do recinto, um muçulmano protestava furioso: "Estas pessoas não representam o islã. Se isto fosse um estado islâmico, esta mulher estaria enforcada, a matariam e a cortariam em pedaços" [114]. Sem dúvida alguma, isto seria verdade, no entanto Wadud afirmava que esta conduta era basicamente não-islâmica: no Alcorão, se afirma, os homens e as mulheres são iguais. Somente a partir de uma distorção do Alcorão os muçulmanos têm vindo a considerar as mulheres como destinadas ao sexo e aos afazeres domésticos. [115]

SABIA QUE...?

• O Alcorão e a lei islâmica tratam as mulheres como meras posses dos homens.

• O Alcorão autoriza o castigo físico às mulheres.

• O islã também permite o matrimônio infantil, o cárcere de mulheres dentro do lar, o "matrimônio temporal" (como a prostituição, porém apenas aos xiitas!) e outras coisas do tipo.

[114] Lisa Anderson, «Islamic woman sparks controversy by leading prayers», Chicago Tribune, 18 de março de 2005.

[115] «Woman leads Muslim prayer service in New York City despite.criticism in the Middle East», Associated Press, 19 de março de 2005.

Mito politicamente correto: O islã respeita e honra as mulheres

Existe uma aceitação geral, até o ponto de converter-se em axiomática, de que o castigo corporal islâmico às mulheres é de ordem cultural, que não deriva do Alcorão e que atualmente o islã oferece as mulheres uma vida melhor da que poderiam desfrutar no Ocidente. A Liga das Mulheres Muçulmanas de Los Angeles sustenta que "a igualdade espiritual, responsabilidade e o compromisso, tanto dos homens como das mulheres, é um tema amplamente desenvolvido no Alcorão. A igualdade espiritual entre homens e mulheres diante de Alá não se limita a questões meramente espirituais e religiosas, mas constitui a base da igualdade em todos os aspectos temporais da atividade humana" [116].

Outra mulher, a advogada muçulmana egípcia doutora Nawal al-Saadawi, havia se confrontado com as autoridades egípcias porque os gloriosos muçulmanos consideravam que suas opiniões não eram islâmicas o suficiente, e acrescentaram: "A nossa religião islâmica tem concedido às mulheres mais direitos do que qualquer outra religião e assegurado sua honra e orgulho"[117].

Dentro desta mesma linha, o Christian Science Monitor de dezembro de 2004 destaca algumas mulheres latino-americanas convertidas ao islã [118]. Uma delas, Jasmine Pinet, afirma: "Como mulher eu tenho sido objeto de maior respeito a se converter ao islã". "Pinet elogia os homens muçulmanos por seu respeito às mulheres: 'Eles não dizem: E aí gatinha, como você está?' Habitualmente falam: 'Olá irmã'. Tampouco te vêm como objeto sexual". O Monitor informa que existem atualmente quatro mil latino-americanas muçulmanas nos Estados Unidos, e que "muitas das latinas convertidas dizem que consideram que o fato das mulheres recebem um melhor tratamento no islã tem sido um fator significativo para suas conversões".

Para os leitores, que possam se surpreender com esses dados, levando em consideração a existência da burca, a poligamia, à proibição de dirigir automóveis às mulheres na Arábia Saudita e outros elementos da história do islã a respeito das mulheres amplamente conhecidos no Ocidente, o Monitor cita Leila Ahmed, uma professora de estudos sobres as mulheres e a religião em Harvard: "Me surpreende o quanto as pessoas pensam que o Afeganistão e os talibãs representam mulheres e o islã". Ahmed diz: "Nos encontramos nas primeiras etapas de uma grande reavaliação do islã para sua abertura em relação às mulheres. [Os especialistas muçulmanos] estão fazendo uma releitura dos textos sagrados do islã, desde o Alcorão até os textos legais, em todas

[116] Muslim Women's League, «Gender Equality in islam», setembro de 1995, http://www.mwlusa.org/pub_gender.html

[117] Nawal EI-Saadawi, citado en Mohamed Ali Al-Hashimi, The Ideal Muslimah: The True Islamic Personality of the Muslim Woman as Defined in the Qur'an and Sunnah, International Islamic Publishing House, 1998.

[118] Christine Armario, «U. S. Latinas seek answers in Islam», Christian Science Monitor, 27 de dezembro de 2004.

suas possíveis alternativas". Porém, é realmente correto que as características atribuídas ao islã em relação a discriminação das mulheres se originem dos talibãs? A "releitura" do Alcorão e dos textos sagrados do islã vai realmente contribuir para "uma reabertura do islã em relação às mulheres"? Estes são alguns dos textos que deveriam passar por uma "releitura":

- As mulheres são inferiores aos homens, e devem ser governadas por eles: "Os homens têm autoridade sobre as mulheres porque Alá fez-lhes superiores a elas" (Alcorão 4: 34);
- O Alcorão compara a mulher com um campo (terras aráveis) a ser utilizado pelo homem segundo sua vontade: "Vossas mulheres são vossas semeaduras. Desfrutai, pois, da vossa semeadura, como vos apraz;" (Alcorão 2: 223);
- Também declara que o testemunho de uma mulher vale metade do testemunho de um homem: "E chamais para que sirvam de testemunhas dois de vossos homens; e se não encontrares dois homens, então um homem e duas mulheres que lhe pareçam aceitáveis como testemunhas, a fim de que, se uma delas se esquecer ou errar, a outra recordará e sanará o erro." (Alcorão 2: 282);
- Permite que os homens se casem com até quatro mulheres, e que se relacionem sexualmente com escravas: "Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres que sejam lícitas. Mas, se temerdes não poder ser eqüitativos para com elas, casai, então, com uma só, ou com aquelas escravas que sejam sua propriedade. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças." (Alcorão 4: 3);
- Ordena para que a herança de um filho deva ser duas vezes maior que de uma filha: "Alá vos prescreve acerca da herança de vossos filhos: Daí ao varão a parte de duas filhas;" (Alcorão 4: 11);
- Orienta aos maridos a agredir suas esposas desobedientes: "As boas esposas são as devotas, que guardam, na ausência (do marido), o segredo que Alá ordenou que fosse guardado. Quanto àquelas, de quem suspeitais deslealdade, admoestai-as, abandonai os seus leitos e castigai-as." (Alcorão 4: 34).

Aisha, a mais amada das muitas esposas de Maomé, admoestou as mulheres de forma muito clara: "Oh, mulheres, se soubessem os direitos que vossos maridos têm sobre vós, então cada uma de vós iríeis limpar a poeira dos pés de seus maridos com a própria face" [119].

Pode ser que individualmente os muçulmanos respeitem e honrem as mulheres, mas o islã não.

[119] Citado em Al-Hashimi, The Ideal Muslimah, op. cit.

O grande acobertamento islâmico

O Alcorão orienta as mulheres que "baixem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais e outros" (Alcorão, 24: 31).

A HISTÓRIA SE REPETE: MENINAS MORREM POR CONTA DA BURCA

Em Meca, em março de 2002 pode-se ver um exemplo prático da opressão gerada pelas regulamentações islâmicas sobre a vestimenta, quando quinze meninas morreram carbonizadas em um incêndio originado em uma escola. A polícia religiosa da Arábia Saudita, a *muttawa*, não deixou as meninas saírem do edifício. Uma vez que somente havia mulheres na escola, as jovens haviam se despojado de seus trajes exteriores. A *muttawa* preferiu que as meninas morressem a violar a lei islâmica, ao ponto de lutarem contra a polícia e os bombeiros, enquanto tentavam abrir as portas da escola.[120]

Maomé foi ainda mais específico quando Asma, filha de Abu Bakr, um de seus mais destacados companheiros (e primeiro sucessor), veio a ele "em trajes menores". O profeta exclamou: "Oh Asma, quando uma mulher chega à idade da menarca, não é auspicioso que mostre partes de seu corpo com exceção desta e esta outra, e apontou seu rosto e suas mãos" [121].

[120] Veja mais em Christopher Dickey y Rod Nordland, «The Fire That Won't Die Out», Newsweek, 22 de julho de 2002, pp. 34-37

[121] Abu Dawud, livro 32, nº 4.092.

A HISTÓRIA SE REPETE: OS MATRIMÔNIOS INFANTIS NO MUNDO ISLÂMICO

Esta situação tem afetado milhões de mulheres e meninas nas sociedades onde o Alcorão é a verdade absoluta e Maomé o modelo de todo o comportamento humano. Mais da metade das adolescentes no Afeganistão e Bangladesh estão casadas. [122]

O aiatolá Khomeini disse aos fiéis muçulmanos que casar-se com uma menina antes que ela comece a menstruar era uma ""bênção divina", e aconselhava aos pais: "Façam todo o possível para garantir que suas filhas não vejam seu primeiro sangramento em suas casas" [123]. As meninas iranianas podem casar-se com nove anos com autorização paterna, ou aos treze sem necessidade da autorização[124]. Junto ao matrimônio, dá-se a violência doméstica: "No Egito, 29 por cento dos adolescentes casadas foram espancadas por seus maridos; destas, 41 por cento foram espancadas durante a gravidez. Um estudo realizado na Jordânia informava que 26 por cento dos casos conhecidos de violência doméstica foram cometidos contra esposas menores de 18 anos" [125].

Hoje em dia, esta forma de cobrir o corpo passou a ser o símbolo mais conspícuo do espaço que ocupam as mulheres no islã.

O matrimônio infantil

O Alcorão pressupõe a existência do matrimônio infantil em suas diretivas sobre o divórcio. Nas considerações sobre o período de espera requerido para determinar se a mulher está grávida, diz: "Quanto àquelas, das vossas mulheres, que tem passado da idade da menstruação, *e aquelas que não a tem*, se tiverdes dúvida quanto a isso, o seu período prescrito será de três meses;" (Alcorão 65: 4, grifo nosso). Em outras palavras, aqui Alá está prevendo um cenário onde a mulher pré-púbere não só é casada, mas em que o marido divorcia-se dela.

[122] Veja mais em United Nations Children's Fund, «UNICEF: Child marriages must stop», 7 de março de 2001, http://www.uniceforg/newsline/Olpr21.htm
[123] Amir Taheri, The Spirit of Allah: Jomeini and the Islamic Revolution, Adler and Adler, Nova Iorque, 1986, pp. 90-91.
[124] Lisa Beyer, «The Women of islam», Time, 25 de novembro de 2001
[125] Andrew Bushell, «Child Marriage in Afghanistan and Pakistan», America, 11 de março de 2002, p. 12.

Uma razão da "revelação" deste versículo a Maomé é que o mesmo teria uma esposa criança: o profeta "se casou com Aisha quando ela era uma criança de seis anos, e ele consumou seu matrimônio quanto ela tinha nove anos" [126]. Os matrimônios infantis eram normais na Arábia durante o século VII, e aqui novamente o Alcorão tem retomando uma prática que deveria ter sido abandonada a tempos, mas concedeu-lhe caráter divino.

O castigo corporal às mulheres

Uma vez disse Maomé que "as mulheres haviam se encorajado acima de seus maridos", pelo qual ele "concedeu a permissão de agredi-las". Quando algumas mulheres se queixaram, Maomé afirmou: "Muitas mulheres têm recorrido à família de Maomé queixar-se de seus maridos. Elas não são as melhores entre vós" [127]. Estava aflito com as mulheres que se queixavam, e não com os maridos que as espancavam. Em outro momento reafirma: "A um homem não se deve indagar por que agride sua mulher" [128].

Outro hádice relata que em uma ocasião uma mulher recorreu a Maomé para pedir justiça. "Aisha disse que a mulher [veio] usando um véu verde, [e se queixou à ela (Aisha) de seu marido, e lhe mostrou uma mancha verde em sua pele, causada pelos golpes]. Entre as mulheres, era um costume amparar-se mutuamente, de modo que quando chegou o Mensageiro de Alá, Aisha disse: "Nunca vi uma mulher sofrer tanto como as fiéis. Olhe, sua pele está mais verde que sua roupa!"[129]

"Nunca vi uma mulher sofre tanto como as fiéis?" Aisha não parece ter sido iludida sobre o que, nas palavras de Nawal el Saadawi, "nossa religião islâmica tem concedido às mulheres mais direitos do que qualquer outra religião". Porém, Maomé não foi comovido pelos alertas de Aisha sobre os hematomas da mulher: quando apareceu seu marido, Maomé não o repreendeu por agredir sua mulher, na verdade, nem sequer tocou no assunto. Por que ele faria, se Alá já lhe havia revelado que um homem deve tratar dessa maneira a uma esposa desobediente?

Inclusive, o próprio Maomé agredia Aisha. Uma noite, pensando que ela estava dormindo, Maomé saiu. Aisha o seguiu sub-repticiamente, quando ele se deu conta de que ela o seguia, agrediu-a: "Ele me golpeou no peito, o que me provocou intensa dor, e

[126] Al-Bujari, op. cit., vol. 5, livro 63, nº 3.896; veja-se Bujari, vol. 7, livro 67, nº 5158
[127] Abu Dawud, op. cit., livro 11, nº 2.141
[128] Ibid., livro 11, nº 2.142
[129] Al-Bujari, op. cit., vol. 7, livro 77, nº 5.825

logo me disse: Acaso pensastes que Alá e Seu Mensageiro estariam agindo injustamente contigo?" [130]

A HISTÓRIA SE REPETE: OS CASTIGOS CORPORAIS ÀS MULHERES

O Instituto Paquistanês de Ciências Médicas estabeleceu que mais de 90 por cento das mulheres paquistanesas foram espancadas ou abusadas sexualmente por reação, a por exemplo, a uma comida má preparada. Outras foram castigadas por não darem a luz a um filho varão [131]

Uma oferta que não se pode recusar

Maomé destacou o fato de que as mulheres são posses de seus maridos: "O Mensageiro de Alá disse: 'Se um marido chama a esposa para sua cama (para terem relações sexuais) e ela se nega e assim provoca a ele fazendo com que durma irritado, os anjos a amaldiçoarão até a manhã seguinte" [132]. Isto tem se mantido na lei islâmica: "O marido somente é obrigado a prover sua esposa quando ela se entrega ou se oferece a ele, o que significa que lhe permita desfrutar em absoluto de sua pessoa, e que não se negue a ter sexo com ele em qualquer momento do dia ou da noite [133].

[130] Sahih Muslim, op. cit., livro 4, nº 2.127
[131] Veja mais em Amnistía Internacional, «Media briefing: Violence against women in Pakistan», 17 de abril de 2002 http://www.Web.amnesty.org.ai.Nsf/Index/ASA330102002?OpenDocument&of=THEMES\ WOMEN.
[132] Al-Bujari, op. cit., vol. 4, livro 59, nº 3.237. Este hádice aparece repetido em muitos outros lugares
[133] Umdat al-Salik, op. cit., m11.9

Não devem sair sozinhas

A lei islâmica estipula que "o marido pode proibir a sua mulher que saia de casa" [134], e que "uma mulher não deve abandonar sua cidade sem estar acompanha por seus maridos ou por algum membro de sua família *de juri*, a menos que a viagem seja obrigatória, como o *haj* (a peregrinação à Meca). Em outras circunstâncias, é ilegal que ela viaje, ou que o marido lhe permita fazê-la" [135].

Segundo a Anistia Internacional, na Arábia Saudita "as mulheres [...] que caminham sem companhia, o que vão em companhia de um homem que não seja seu marido nem tampouco um parente próximo, correm o risco de ser presas sob suspeita de prostituição ou de outras ofensas "morais"[136].

Maridos temporais

Para um homem muçulmano não há nada mais simples que o divórcio. Tudo o que tem a fazer é dizer a sua mulher "Me divorcio de ti", e o divórcio esta consumado. A aparência rude desta disposição parece estar mitigada por este versículo do Alcorão: "e se uma mulher tem medo de ser mal tratada ou abandonada por seu marido, não incorrerá em pecado, não há mal se ambos em se reconciliarem amigavelmente: pois o melhor é a reconciliação" (Alcorão 4: 128). Mas este apelo ao acordo não é um convite para uma conciliação entre iguais, pelo menos, tal como interpretadas pelo hádice. Aisha explica este versículo: "Se refere à mulher cujo marido já não quer conservá-la, mas que quer divorciar-se dela e casar-se com outra, e então ela lhe disse: 'Fique comigo e não se divorcie, e casa-te com outra mulher, e não terás que prover-me nem deitar-se comigo" [137].

A possibilidade de que um homem se divorcie de sua esposa, em um acesso de ira e logo queria reconciliar-se com ela dá outra peculiaridade à lei islâmica: uma vez que uma mulher muçulmana tenha se divorciado três vezes do mesmo marido deve casar-se e divorciar-se de outro homem antes que possa voltar com o primeiro: "Quando um homem livre se tem divorciado três vezes, é ilegal que se torne a casar com a mesma mulher antes que ela tenha se casado com outro em um casamento válido, e que o novo marido tenha copulado com ela" [138].

---

[134] Ibid., m10.4.
[135] Ibid., rn10.3
[136] Amnistía Internacional, «Saudi Arabia: End Secrecy End Suffering: Women» http://www.amnesty.org/ailib/intcam/saudi/briefing/4.html
[137] Al-Bujari, vol. 7, livro 67, nº 5.206.
[138] Umdat al-Salik, op. cit., n. 7.7

Maomé tem enfatizado este ponto. Uma vez, uma mulher veio pedir-lhe ajuda. Seu marido havia se divorciado dela e havia se casado novamente. No entanto, seu segundo marido era impotente e ela queria voltar a casar-se com o primeiro. O profeta se manteve inflexível e lhe disse que não poderia voltar a casar-se com seu primeiro marido "a menos que tenhas uma relação sexual consumada com teu marido atual, e que ele haja desfrutado de uma completa relação sexual contigo" [139].

Esta orientação tem dado origem ao fenômeno dos "maridos temporais". Depois de que um marido se divorcia de sua mulher, tomado por uma violenta paixão, estes homens irão "casar-se" com a infeliz divorciada por uma noite para lhe permitir retornar a seus maridos e sua família.

Licencia profética

Quando Maomé já possuía nove esposas e inúmeras concubinas, Alá concedeu-lhe permissão especial para ter tantas mulheres quanto desejasse: "Ó Profeta, em verdade, tornamos lícitas, para ti as esposas que tenhas dotado, assim como as que a tua mão direita possui (cativas), que Alá tenha feito cair em tuas mãos, (e fizemos lícitas a Ti) as filhas de teus tios e tias paternas, as filhas de teus tios e tias maternas, que migraram (*yazrib*) contigo, bem como toda a mulher fiel que se dedicar ao Profeta, por gosto, e uma vez que o Profeta queira desposá-la; este é um privilégio exclusivo teu, vedado aos demais fiéis" (Alcorão, 33: 50). Essas profecias tão convenientes são numerosas no Alcorão; Alá inclusive ordena a Maomé que se case com a atraente esposa divorciada de seu filho adotivo (Alcorão 33: 37).

O desejo de Maomé tem colhido amargos frutos. Essas passagens do Alcorão são apenas dois exemplos da profunda convicção de que as mulheres não podem ser iguais aos homens enquanto dignas como seres humanos, mas que são objetos disponíveis aos homens e por eles utilizados. A poligamia, é claro, está baseada nesta suposição, e está se deslocando para o oeste com o islã. A poligamia se tornou tão comum entre os muçulmanos na Grã-Bretanha, que no final de 2004 os britânicos consideraram o seu reconhecimento para efeitos da aplicação dos impostos [140].

[139] Al-Bujari, op. cit., vol. 3, livro 52, nº 2.639.
[140] Nicholas Hellen, «Muslim second \Vives may get a tax break», The Sunday Times, 26 de dezembro de 2004

Esposas temporais

O islã xiita, a corrente majoritária do Irã, também permite "possuir esposas temporais". Isto é uma disposição aos homens que querem ter uma companhia feminina por um curto período de tempo. Em um matrimônio temporal, ou *mut'a*, o casal assina um pacto nupcial que é comum a todos os demais pactos, exceto por conter um prazo limite a ele. Uma tradição de Maomé estipula que um matrimônio temporal "deveria durar três noite, se quiserem prosseguir assim o podem, e se quiserem se separar, também" [141]. Não obstante, muitas destas uniões não chegam a durar três noites.

A HISTÓRIA SE REPETE: LARGUE ESTE LIVRO

Os islâmicos intransigentes do Paquistão palpitam até sobre a educação das mulheres que, durante um período tumultuoso de cinco dias em fevereiro de 2004, incendiaram oito escolas femininas. [142]

A autorização dessa prática é baseada em uma variante xiita da leitura de um versículo do Alcorão (4: 24), assim como também neste parágrafo dos hádices: "Jabir ben ben Abdullah e Salama al-Akwa tem relatado: quando estávamos no exército, o Mensageiro de Deus veio até nós e disse-nos: 'Vós tenhais a autorização para o *mut'a* (matrimônio), portanto realizai-o"[143]. Os muçulmanos sunitas, que formam 85 por cento do islã, afirmam que logo Maomé revogou essa concessão, porém os xiitas divergem sobre isso. De toda forma, as esposas temporais tendem a congregar-se nas cidades sagradas xiitas, onde podem oferecer companhia aos seminaristas solitários.

[141] Al-Bujari, op. cit., vol. 7, livro 67, nº 5.119.
[142] «Ninth Pakistani school destroyed», BBC News, 20 de fevereiro de 2004
[143] Al-Bujari, op. cit., vol. 7, livro 67, nº. 5.117-5.118.

Estupro: necessita-se de quatro testemunhas

A maior ameaça às mulheres reside no conceito muçulmano de estupro, a medida que se relaciona intrinsecamente com as restrições islâmicas a respeito da validade do testemunho feminino. Em um julgamento, o testemunho de uma mulher vale a metade do de que um homem (Alcorão 2: 282).

Os teóricos da lei islâmica têm restringido ainda mais a validade do testemunho feminino ao limitá-lo, nas palavras de um manual legal muçulmano, em "casos relativos à propriedade ou a transações referidas a propriedades, tais como a venda" [144]. Em outros casos só podem ser testemunhado por homens. Nos casos de abuso sexual, requerem-se quatro testemunhas. Estes devem ser capazes de fornecer outras provas além do mero testemunho de que houve um ato de fornicação, adultério ou estupro, neste último caso deve haver testemunhas presenciais. Esta previsão tão singular quanto devastadora tem sua origem em um incidente da vida de Maomé, quando sua esposa Aisha foi acusada de adultério. A acusação comoveu em especial Maomé, pois Aisha era sua esposa favorita. Porém neste caso, como em muitos outros casos, Alá veio acudir o Profeta, revelando-lhe a inocência de Aisha, instituindo-lhe a estipulação de quatro testemunhas para pecados de naturezas sexuais: "Por que não apresentaram quatro testemunhas? Se não as apresentarem, serão caluniadores ante Alá!" (Alcorão, 24: 13) [145].

MAOMÉ vs. JESUS

"Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: 'Mestre, agora mesmo esta mulher foi apanhada em adultério. Moisés mandou-nos na lei que apedrejássemos tais mulheres. Que dizes tu a isso?' Perguntavam-lhe isso, a fim de pô-lo à prova e poderem acusá-lo. Jesus, porém, se inclinou para a frente e escrevia com o dedo na terra. Como eles insistiam, ergueu-se e disse-lhes: 'Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra'. Inclinando-se novamente, escrevia na terra. A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles se foram retirando um por um, até o último, a começar pelos mais idosos, de sorte que Jesus ficou sozinho, com a mulher diante dele. Então ele se ergueu e vendo ali apenas a mulher, perguntou-lhe: 'Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?' Respondeu ela: 'Ninguém, Senhor'. Disse-lhe então Jesus: 'Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar'."

Jesus (São Lucas, 8: 3-11)

[144] Umdat al-Salik, op. cit., o24.8.
[145] Veja-se também Al-Bujari, op. cit., vol. 3, livro 52, nº 2.661.

"Então vindo ao encontro dele (o Santo Profeta) uma mulher de Ghamid disse-lhe: 'Mensageiro de Alá, tenho cometido adultério, purifica-me'. Ele (o Santo Profeta) a rechaçou. No dia seguinte indagou-lhe: 'Mensageiro de Alá por que me rechaçaste? [...] Por Alá, estou grávida', e Ele disse: 'Bem, se insistes com ele, vá até dares a luz à criança'. Quando a mulher deu a luz à criança e com o bebê envolto em panos lhe disse: "Cá esta a criança que dei a luz'. E Ele disse: 'Vá e amamente-o até desmamar-se'. Quando ela o desmamou, voltou até Ele [...] ela disse-lhe: 'Apóstolo de Alá está ele e já se alimenta de comida'. Ele (o Santo Profeta) confiou a criança a um dos muçulmanos e então deu o veredicto, e ela foi enterrada em uma vala até o peito, e ordenou a multidão que a apedrejassem. Jalid ben Walid sacou um pedra e lançou em sua cabeça, e o sangue pôs-se a escorrer sobre o rosto de Khalid, e então ele abusou dela. O Apóstolo de Alá ouviu que ele a amaldiçoara. Então ele (o Profeta de Alá) disse: 'Jalid fez bem, para aqueles que têm sua vida em Minhas Mãos, ela tem se arrependido de tal modo que até um cobrador de impostos corrupto que houvesse se arrependido assim, haveria sido perdoado'. Então deu algumas orientações e orou sobre ela, e logo se pôs a enterrá-la [146].

Por conseguinte, é quase impossível provar um estupro nos territórios que seguem os ditames da *sharia*. Os homens podem praticar estupro com total impunidade: negam-se as acusações e não havendo nenhuma testemunha, logo serão absolvidos, porque o testemunho da vítima é inadmissível. Pior ainda, se uma mulher acusa um homem de estupro pode terminar incriminando a si mesma. Se não puder encontrar as testemunhas masculinas arroladas, a acusação de estupro da vítima passa a ser uma confissão de adultério. Isso explica o grave fato de que até 75 por cento de mulheres presas no Paquistão estão presas pelo crime de haverem sido vítimas de estupro [147]. Alguns casos recentes e notórios na Nigéria também rodaram o mundo em torno de acusações de estupro transformado pelas autoridades islâmicas em acusações de fornicação e adultério, como resultado dos veredictos as sentenças de morte foram revistas por conta da pressão internacional [148].

[146] Sahih Muslim, op. Cit., vol. 3, livro 17, nº 4.206.

[147] Veja mais em Sisters in islam, «Rape, Zina, and Incest», 6 de abril de 2000, http://www.muslimtents.com/sistersinislam/resources/sdejini.htm

[148] Veja mais em Srephen Faris, «In Nigeria, A Mother Faces Execution» www.africana.com 7 de janeiro de 2002

A circuncisão feminina

A circuncisão feminina, contudo, segue sendo outra causa de sofrimento para as mulheres em alguns países islâmicos. Este não é um costume especificamente islâmico, uma vez que existe uma considerável quantidade de grupos culturais e religiosos da África do Sul até a Ásia. Entre os muçulmanos, prevalece principalmente no Egito e arredores. Apesar de que, no melhor dos casos, há escassas referências a esta horrível prática no Alcorão ou nos hádices, os muçulmanos que a praticam a revestem de um significado religioso. Um manual legal islâmico estabelece que a circuncisão é exigida "tanto aos homens como as mulheres" [149].

Para o xeique Mohamed Sayed Tantawi, o grande xeique de Al-Azhar, a circuncisão feminina é "uma prática louvável que honra as mulheres" [150]. Em sua qualidade de grande imã de Al-Azhar, Tantawi é, de acordo com um jornalista da BBC, "a maior autoridade espiritual de quase um bilhão de muçulmanos sunitas" [151]. Também aos olhos do xeique Tantawi a dor causada às vítimas de circuncisão feminina e o resultado também valem a pena; a maiorias das autoridades concordam que a circuncisão feminina é projetada para reduzir os impulsos sexuais das mulheres, de modo que serão menos propensas a cometer adultério.

As perspectivas em longo prazo não são nada promissoras

Enquanto os homens continuarem lendo e acreditando no Alcorão, as mulheres continuaram sendo desprezadas cidadãs de segunda categoria, sujeitas a angustia e a desumanidade da poligamia, a ameaça de um divórcio fácil e arbitrário; e o que é ainda pior, vão continuar sendo submetidas a maus tratos, a falsas acusações e a perda de praticamente todas as mais elementares liberdades humanas. Não se trata de fenômenos que ocorrem em um grupo ou em uma facção, nem de forma efêmera. São as consequências de considerar o Alcorão como a palavra absoluta, perfeita e eternamente válida de Alá. À medida que os homens seguem crendo intransigivelmente no Alcorão, as mulheres continuarão estando em perigo.

[149] Umdat al-Salik, op. cit., e,4.3
[150] Citado em Geneive Abdo, No Cod But Cod: Egypt and the Triumph of islam, Oxford University Press, Cambridge, 2000, p. 59.
[151] Frank Gardner, «Grand Jeque condemns suicide bombings», BBC News, 4 de dezembro de 2001.

Capítulo 6:

A lei islâmica; a mentira, o roubo e o crime

O islã não somente ordena a pratica da guerra contra os infiéis e subjugá-los; também, como vimos parcialmente, instrui a mentira, o roubo e o crime para imporem-se. Na verdade, o islã não possui um código moral análogo aos Dez Mandamentos; a idéia de que compartilham das premissas morais gerais do judaísmo e do cristianismo é outro dos mitos politicamente corretos. No islã, praticamente tudo que promova seu crescimento é aceitável.

A mentira: é ruim, exceto quando for boa

Maomé não tinha papas na língua quando se referia a necessidade de dizer a verdade: "É uma obrigação para vós dizerem a verdade, porque a verdade conduz a virtude e a virtude ao Paraíso, e o homem que segue dizendo a verdade e que sempre procura dizê-la é considerado, cedo ou tarde, como sincero a Alá. Evitai de pronunciar uma mentira, porque mentir conduz a obscenidade, e a obscenidade leva ao inferno, e o povo que segue dizendo a verdade mas insiste na mentira será registrado como um traidor a Alá" [152].

No entanto, semelhante a muitos outros princípios islâmicos, trata em sua maioria aplicável somente aos fiéis. No tocante aos infiéis, àqueles que estão em guerra com os muçulmanos, Maomé revelou um principio muito diferente: "A guerra é uma mentira".

- O único princípio supremo moral islâmico é: "Se é bom para o islã, então é correto";
- Em certas circunstâncias, o islã permite mentir, bem como o roubo e o crime.

[152] Sahih Muslim, op. cit., livro 32, nº 6.309

Especificamente, tem-se dito que na batalha é permitido mentir [153]. Deste modo, têm surgido dois princípios islâmicos permanentes: a permissibilidade para o assassinato político em honra ao profeta e a sua religião e a autorização para a prática da mentira durante a guerra. As doutrinas do engano religioso (*taqiyya* e *kitman*) identificam-se com maior freqüência ao islã xiita, e são ostensivamente rejeitadas pelos sunitas (mais de 85 por cento dos muçulmanos de todo o mundo), porque foram aprovadas pelo profeta. No entanto, também podem ser encontradas nas mais fidedignas tradições sunitas.

Além disso, o engano religioso (posto em prática com os infelizes infiéis) é inclusive proclamado no Alcorão: "Que os fiéis não tomem por confidentes os incrédulos, em detrimento de outros fiéis. Aqueles que assim procedem, de maneira alguma terão o auxílio de Alá, salvo se for para vos precaverdes e vos resguardardes" (Alcorão, 3: 28). Em outras palavras, não tenhais amigos infiéis salvo para "proteger-se deles", finja ser seu amigo para assim poder fortalecer vossa posição contra eles. O ilustre comentarista do Alcorão Ibn Kathir explica este versículo: "Alá proibiu seus fiéis de colaborarem com os infiéis, ou considerá-los companheiros com quem podem estabelecer amizade ao invés de estabelecê-la com os fiéis". Não obstante, ficaram excluídos dessa regra "aqueles fiéis que em alguns lugares ou alguns períodos de tempo temerem por sua segurança por causa dos infiéis. Neste caso, é permitido aos fiéis demonstrarem uma aparente atitude amistosa com os infiéis, mas nunca de maneira verdadeira" [154].

Quando os muçulmanos xiitas foram perseguidos pelos muçulmanos sunitas, desenvolveram a doutrina da *taqiyya* ou ocultação: eles poderiam mentir acerca do que acreditavam, negando aspectos de sua fé que fossem ofensivos aos sunitas. Esta pratica esta autorizada pelo Alcorão, que adverte que aqueles que apostatarem o islã estarão condenados ao inferno, exceto aqueles que se sejam coagidos a assim fazê-lo aparentemente, mas sigam muçulmanos fiéis em seu interior: "Aquele que renegar Alá, depois de ter crido - salvo quem houver sido obrigado a isso e cujo coração se mantenha firme na fé - e aquele que abre seu coração à incredulidade, esses serão abominados por Alá e sofrerão um severo castigo" (Alcorão, 16: 106). A doutrina da *kitman*, ou restrição mental, está intrinsecamente relacionada com o último, e significa dizer a verdade, porém não toda a verdade, com a intenção de enganar. Apesar desta doutrina estar normalmente relacionadas com os xiitas, os sunitas também a tem praticado ao longo da história por estar baseadas no Alcorão [155]. Ibn Kathir, que não era xiita, explica que "os especialistas estão de acordo em que se uma pessoa se vê coagida a deixar de crer ou

[153] Al-Bujari, op. cit., vol. 4, livro 56, nº 3.030; Muslim, vol. 4, livro 32, nº 6.303.
[154] Ibn Kazir, op. cit., vol. 2, 141-142
[155] Bernard Lewis, The Assassins, Basic Books, Nova Iorque, 1967, p. 25. Tem edição em espanhol: Os assassinos, Alba, Barcelona, 2002. Com respeito a taqiyya entre os membros da Al-Qaeda, veja-se Charles M. Sennott, «Exposing Al-Qaeda's European Network», Boston Globe, 4 de agosto de 2002

negar o islã lhe é permitido seguir esse caminho com o objetivo de proteger sua vida" [156].

Atualmente, os *jihadistas* têm se referido à utilidade das práticas do engano. Isso deve ser levado em conta na próxima vez que vermos na televisão um porta-voz muçulmano declarando amizade para com os americanos não-muçulmanos e sua lealdade aos Estados Unidos. É claro que eles podem estar dizendo a verdade, mas também podem não estar dizendo toda a verdade, ou talvez simplesmente estarem mentindo. É praticamente certo que o entrevistador, seja ele quem for, não vá fazer nenhuma pergunta sobre esta passagem do Alcorão.

Mas o que significa a coação neste caso? Ibn Kathir parece levar em conta apenas a coação física, mas a coação pode assumir muitas formas. Poderia sentir-se compelido um porta-voz muçulmano no Ocidente a minimizar ou negar certos aspectos da sua religião que os infiéis possam considerar incomoda?

O roubo: tudo depende a quem se rouba

A lei islâmica se destaca por impor severas penas, e talvez a mais notável seja a amputação por roubo: "Quanto ao ladrão e a ladra, decepai-lhes a mão, como castigo de tudo quanto tenham cometido; é um exemplo, que emana de Alá, porque Alá é Poderoso, Prudentíssimo." (Alcorão, 5: 38).

Novamente, aqui a situação é distinta quando se trata de infiéis, que são considerados em guerra contra o islã. Já sabemos que no Alcorão há leis que prevêem a partilha do botim de guerra, ordenando que uma quinta parte se destine a Alá e as obras de caridade (Alcorão, 8: 41). Depois que Maomé firmou o Tratado de Hudaybiyya com os coraixitas [veja-se no capítulo 1], tranqüilizou seus confusos e desiludidos seguidores com a promessa de obterem mais botins de guerra: "Alá vos prometeu muitos ganhos, que obtereis, ainda mais, adiantou-vos estes e conteve as mãos dos homens, para que sejam um sinal para os fiéis e para guiar-vos para uma senda reta." (Alcorão, 48: 20). Na realidade, são diversos os episódios nos quais os muçulmanos têm-se apoderado de botins durante suas incursões.

[156] Ibn Kazir, op. cit., vol. 5, p. 530

O crime: tudo depende a quem se mata

Os apologistas dos muçulmanos gostam de citar o versículo 5: 32 do Alcorão: "Que quem matar uma pessoa, sem que esta tenha cometido homicídio ou semeado a corrupção sobre a Terra, será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade". No entanto, este versículo, frequentemente super estimado, não é realmente o que parece, uma proibição taxativa de um crime. Em primeiro lugar está endereçado "aos filhos de Israel" e se refere ao passado: não se dirige aos muçulmanos. Na verdade, faz parte de uma advertência aos judeus para que não entrem em guerra contra Maomé, sob pena de sofre um terrível castigo. O ponto em questão está no fato de que Alá advertiu os israelitas para não disseminar a "corrupção na Terra", mas eles continuaram a fazer:

Por isso, prescrevemos aos israelitas que quem matar uma pessoa, sem que esta tenha cometido homicídio ou semeado a corrupção sobre a terra, será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade. Apesar dos Nossos mensageiros lhes apresentarem as evidências, a maioria deles comete transgressões na Terra. O castigo, para aqueles que lutam contra Alá e contra o Seu Mensageiro e semeiam a corrupção sobre a Terra, é que sejam mortos, ou crucificados, ou lhes seja decepada a mão e o pé opostos, ou banidos. Tal será, para eles, um aviltamento nesse mundo e, no outro, sofrerão um severo castigo. (Alcorão, 5: 32-33)

Na realidade, à luz das ordens bélicas do Alcorão de "matar os infiéis" (Alcorão, 9: 5; 2: 191), está claro que neste caso, como em tantos outros, existe um critério para os muçulmanos e outro para os não-muçulmanos. Na verdade, o Alcorão afirma que "é inconcebível que um fiel, matar outro fiel, salvo por erro" (Alcorão, 4: 92), porém nunca se manifesta de igual modo aos infiéis.

JOHN QUINCY ADAMS DISSERTA SOBRE O ISLÃ:

"No século VII da era cristã, um árabe errante [Maomé] da linhagem egípcia de Hagar, concentrando os poderes de um gênio transcendental com a energia sobrenatural de um fanático e com o espírito de um impostor, proclamou-se a si mesmo mensageiro dos Céus e propagou a desolação e a mentira em grande parte do mundo. Adotou da sublime Lei Mosaica a doutrina de um só Deus onipotente, e relacionou-a indissoluvelmente com o fato, a audaz falsidade que ele era seu profeta e apóstolo. Adotando da nova revelação de Jesus a fé e a esperança na vida imortal e quanto a recompensa futura, a degradou ao máximo adaptando todas as retribuições e punições de sua religião a gratificação sexual. Envenenou desde as raízes as fontes da felicidade

humana, degradando a condição do sexo feminino e autorizando a poligamia; e como parte de sua religião, declarou uma guerra indiscriminada e o extermínio contra o resto da humanidade. A essência de sua doutrina era a violência e a luxúria: a exaltação da brutalidade acima da parte espiritual da natureza humana [...] entre essas duas religiões, que contrastam em suas características, uma guerra foi declarada com mil e duzentos anos de duração, esta guerra segue se realizando de maneira flagrante [...] enquanto os dogmas impiedosos e dissolutos do falso profeta seguirem sendo o guia dos atos humanos, nunca poderá haver paz na Terra, nem boa vontade entre os homens".

Isto implica a existência de um comportamento ambíguo esperado da lei islâmica.

Segundo a escola Shafi'i de jurisprudência sunita, "matar sem possuir direito, implica, depois da falta de fé, em uma das piores atrocidades". A mesma estabelece que "a vingança é obrigatória [...] contra qualquer que mate um ser humano de maneira meramente intencional e sem o direito de fazê-lo". Não obstante, não se permite a vingança no caso de que "um muçulmano mate um muçulmano" [157].

O xeique Sultanhusein Tabandeh, líder iraniano sufí que teve uma considerável influência na elaboração da jurisprudência da Republica Islâmica de Khomeini, escreveu *A Muslim Commentary on the Universal Declaration of Human Rights [Um Comentário Muçulmano sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos]*. Em sua argumentação a favor da aplicação da pena capital quando se mata um muçulmano, Tabandeh se manifesta contra essa pena se o assassino for muçulmano e a vítima um não-muçulmano: "Posto que o islã considera que os não-muçulmanos possuem um nível inferior de crença e convicção, se um muçulmano matar um não-muçulmano [...] então sua sanção não deve ser a pena de morte pela proporção, visto que a fé e a convicção abraçadas por ele são mais elevadas que as do homem assassinado. Deve-se somente aplicar uma multa"[158].

Onde estão os valores morais universais?

Em seu livro mais emblemático, *A Abolição do Homem*, o apologista cristão CS Lewis (1898-1963) reuniu uma série de exemplos do que ele denominou o Tao, ou Lei Natural: são princípios vigentes em grande parte das culturas e civilizações, que inclui os "deveres para com os pais, os mais velhos e aos antepassados", "deveres para com crianças e a posteridade", "a lei da boa-fé e veracidade", "a lei da magnanimidade",

[157] Umdat al-Salik, op. cit., o1.0, o1.1, o1.2
[158] Sultanhussein Tabandeh, A Muslim Commentary on the Universal Declaration of Human Rights, F. T. Goulding and Co., Londres, 1970, p. 18

entre outras. Lewis ilustrou a universalidade destes princípios com citações de fontes tão diversas como o Antigo Testamento, o Novo Testamento, a Eneida de Virgílio, o Bhagavad Gita, os Analectos de Confúcio ou os textos dos aborígines australianos. Nenhuma citação do Alcorão e outras fontes muçulmanas aparecem.

Esta omissão poderia ser devida a certa ignorância sobre o islã por parte de Lewis, o que seria muito improvável, tendo em conta a época em que Lewis viveu e o papel desempenhado por seu país, o Reino Unido, no Oriente Médio e na Ásia. Poderia-se pensar que, certamente, poderia ter encontrados exemplos de alguns destes princípios no Alcorão. Talvez para Lewis o problema residisse no fato de que o islã não garantia o que ele chamava de "lei da caridade geral", apenas sendo benevolente com os fiéis. O inconveniente é que o islã diretamente não inclui o ensinamento da Regra de Ouro [159]. A frase de Jesus de que "Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles" (São Mateus 7: 12) aparece em praticamente todas as tradições religiosas do planeta, com exceção do islã. O Alcorão e os hádices estabelecem uma distinção tão nítida entre fiéis e infiéis que não dão lugar a nenhum mandamento referente a caridade generalizada. Os infiéis vão ser suspeitos, questionados e combatidos, e isso é tudo. Não serão tolerados. E nunca serão amados.

MAOMÉ vs. JESUS

"Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes. Aquele que disser a seu irmão: Raca, será castigado pelo Grande Conselho. Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da Geena."

Jesus (São Mateus, 5: 21-22)

"E quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado, e tomai (os sobreviventes) como prisioneiros. Libertai-os, então, por generosidade ou mediante resgate, quando a guerra tiver terminado [...] quanto àqueles que foram mortos pela causa de Alá, Ele jamais desmerecerá as suas obras."

Alcorão, 47: 4

Isto é o que situa o islã em uma posição radicalmente oposta do restante das tradições religiosas. Em qualquer ensinamento religioso moderno originário do islã resulta surpreendentemente na firme justificação do xeique Tabandeh de um castigo

[159] Ali Sina, «The Golden Rule and islam», Faith Freedom International, 28 de abril de 2005.

menos severo para os que matam não-muçulmanos que para aqueles que matam muçulmanos.

Mito politicamente correção: o islã proíbe matar os inocentes

Após os ataques de 11 de setembro, muitos porta-vozes muçulmanos e analistas do Oriente Médio no Ocidente nos asseguram que o islã proíbe tirar a vida de um inocente, e que para a grande maioria dos muçulmanos em todo o mundo o massacre de três mil pessoas no Word Trade Center orquestradas por Osama bin Laden não correspondem aos requisitos da *jihad* islâmica, mas foi um crime contra a humanidade.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

Solik Umdat-ol, traduzido por Nuh Ha Mim Keller ao inglês como *Relionce of fhe Trovefler: A Classic Manual of Islamic Socred Low [A confiança do viajante: manual clássico da sagrada lei islâmica], Amana Publications, 1994.* Este é um manual shafi'i concebido como um guia prático da lei islâmica para orientar os muçulmanos, chancelada pela Universidade Al-Azhar, a autoridade mais respeitada do islã sunita: a Academia de Investigações Islâmicas de Al-Azhar certifica que este livro "se adéqua a prática e a fé da comunidade ortodoxa sunita [160].

Contudo a lei islâmica não condena em forma definitiva o massacre de não combatente. Esta proíbe matar mulheres e crianças "a menos que estejam lutando contra os muçulmanos" [161]. Isto tem sido interpretado, em um sentido amplo, como uma autorização para a matança de civis se perceberem que estes estão colaborando de alguma maneira na guerra. Este é um dos fundamentos da difundida afirmação de que não existem civis em Israel. Alguns líderes muçulmanos têm argumentado a favor desta tese, observando que cada habitante de Israel, pelo mero fato de viver lá, está ocupando terra muçulmana, e por este motivo estão em guerra com o islã. Outras pessoas, como o xeique Yusuf al-Qaradawi, de fama internacional, tem esclarecido suas declarações: "as mulheres israelitas não são como as mulheres na nossa sociedade, porque as mulheres israelitas são militarizadas. Em segundo lugar, eu considero esse tipo de operação de martírio como uma indicação da justiça todo-poderosa de Alá. Alá é justo. Por meio de

[160] Umdat al-Salzk, op. Cit. XX
[161] Veja-se AI-Mawardi, op. cit" 4.2.

sua infinita sabedoria, Ele tem dado aos fracos aquilo que não possui os fortes, ou seja, a capacidade de transformar seus corpos em bombas, como tem feito os palestinos" [162].

[162] «Al-Qaradawi full transcript» BBCNews 8 de julho de 2004

Capítulo 7

Como Alá matou a ciência

O florecimento da cultura islâmica é lendário. Os muçulmanos inventaram a álgebra, o número zero e o astrolábio (um antigo instrumento de navegação). Abriram novos caminhos para a agricultura e preservaram a filosofia aristotélica enquanto a Europa adentrava a Alta Idade Média. Praticamente em todos os campos, os impérios islâmicos de épocas pretéritas superaram amplamente os êxitos de seus contemporâneos não-muçulmanos.

Foi realmente assim?

Bem, não exatamente, a não ser que se valham de imitações.

SABIA QUE...?

• A tão estimada "Idade de Ouro" da cultura islâmica foi basicamente alimentada por não-muçulmanos;
• Os principais elementos da crença islâmica conspiram contra o progresso científico e cultural;
• Somente o judaísmo e o cristianismo, não o islã, proporcionaram bases viáveis para a investigação científica.

A arte e a música

Todos nós temos ouvido falar da literatura islâmica, ou ao menos do poeta sufí Jalaluddin Rumi (1207-1273) e *As Mil e Uma Noites*. Também se conhece o poeta persa Abu Nuwas (762-814), cujos pontos de vista heterodoxos acerca da homossexualidade vão ser considerados no capítulo oito; cujo sobrenome significa "aquele que é considerado um profeta"; o heterodoxo sufí turco Nesimi (?-1417), e o épico poeta persa Abol-Ghasem Hassan ibn Ali Tusi (935-1020), que glosou em verso a história da Pérsia, utilizando como fontes as crônicas cristãs e zoroastras, extraviadas há muito tempo atrás.

Muitos destes homens eram hereges islâmicos declarados, e poucos deles parecem haver se inspirado no islã propriamente dito, possivelmente com a exceção da alegoria do século XII de Farid ud-Din Attar, *A Conferência dos Pássaros*. Eles deixaram como legado muitas obras importantes, mas a maioria tem se distinguido não

pelo seu caráter islâmico, mas por ser desprovido dele. Vale lembrar que comparar o poder de inspiração do islã seria o equivalente legar o mesmo ao sistema soviético pelas obras de Mandelstam, Sajarovo e inclusive Solzhenitsyn.

Além disso, o que ocorreu com as realizações islâmicas em outros campos artísticos? Onde estão o Beethoven ou o Michelangelo muçulmano? Onde se pode escutar o equivalente islâmico do Concerto para Piano nº 20 de Mozart, ou desfrutar-se com uma Mona Lisa ou uma Pietà islâmicas?

Não há necessidade de perder tempo nessa procura. Nos países islâmicos, existem a música e a arte, e alguns muçulmanos têm sido responsáveis por grandes realizações musicais e artísticas, mas sempre se tem produzido não graças ao islã, mas apesar do islã; não tem havido um desenvolvimento comparável com as tradições artísticas e musicais ocidentais, porque a lei islâmica proíbe representações da figura humana, tanto musicais e artísticas. No campo da música, não existe no islã nada parecido com a Missa em Si Menor (BWV 232) de Bach ou ao gospel, sobretudo porque nesta religião não há espaço para a criatividade musical.

A lei islâmica, citando alguns hádices, evoca o mesmo Maomé para aprovar a proibição de instrumentos musicais:

Alá Todo-Poderoso e Majestoso enviou-me como um guia e piedade para com os fiéis, e ordenou-me abolir os instrumentos musicais, as flautas, as cordas e tudo correspondente ao período pré-islâmico da ignorância. No Dia da Ressurreição, Alá verterá chumbo fundido nos ouvidos daquele que se deliciar a escutar canções. A música faz crescer a hipocrisia no coração como faz a água com as ervas daninhas. "Esta comunidade irá experimentar tais coisas: como algumas pessoas sendo tragadas pela terra, alguma delas irão metamorfosear-se em animais, e receberão uma avalanche de pedradas." Alguém perguntou-lhe: "Quando isso acontecerá, oh Mensageiro de Alá?", e ele respondeu: "Quando surgirem as canções e os instrumentos musicais e o vinho torna-se lícito. Quando haverá pessoas em minha comunidade que aceitarão a fornicação, a seda e o vinho, e os instrumentos musicais serão considerados lícitos" [163].

Aqui não está tratando de uma lei obsoleta que perdeu sua vigência universal no mundo atual, como algum decreto do período colonial dos Estados Unidos que proibia esculturas na calçada. O aiatolá Khomeini do Irã expressou-se com veemência acerca do caráter maligno da música, e não apenas de *rock and roll* ou *rap*, mas de todos os tipos de música:

A música corrompe as mentes da juventude. Não há nenhuma diferença entre música e o ópio. Ambos causam letargia de várias maneiras. Se queres que seu país seja

[163] Umdat al-Salik, op. cit., r40.1

independente, então proíba a música. A música é uma traição à nossa nação e nossa juventude.[164]

E o que se passa com a arte? A proibição da representação figurativa na arte possui um ainda mais absoluto. Maomé afirma: "Os anjos não entram em uma casa na qual há um cão ou imagens [...] de seres vivos (de um ser humano ou um animal, etc.)." [165]. Não há nenhuma palavra de motivação para o florescimento de um Caravaggio.

Claro, os museus ocidentais irão fazer todo o possível para expor as obras disponíveis em verniz ou caligrafias com a finalidade de honrar a arte islâmica (já que as obras arquitetônicas e artísticas que se encontram no interior das mesquitas não podem ser trazidas para fora delas), porém em comparação com a tradição artística ocidental, somente os mais ignorantes multiculturalistas se negarão a admitir que se trata de um repertório bastante escasso.

Mito politicamente correto: O islã, como base do florescimento cultural e científico

Em realidade, o islã não caracteriza o início de qualquer desenvolvimento significativo para o nível cultural ou científico. É inegável que houve um grande florescimento cultural e científico no mundo islâmico na Idade Média, porém não há nenhum indício de que este progresso tivera, de fato, sua origem no islã. Na realidade, há consideráveis evidências de que não proveio do islã, mas sim dos não-muçulmanos que estavam ao serviço de seus amos muçulmanos na execução das mais variadas tarefas.

Por exemplo, o esboço arquitetônico das mesquitas, que é uma fonte de orgulho entre os muçulmanos, fui copiado do das igrejas bizantinas (e, é claro, a construção de cúpulas e arcos teve seu desenvolvimento mais de mil anos antes do advento do islã). O Domo da Rocha, do século VII, considerada hoje em dia como a primeira grande mesquita, não só foi copiada de modelos bizantinos, como foi construída por artesãos bizantinos. Faz-se bastante interessante o fato de que as inovações arquitetônicas islâmicas tenham sua origem em necessidades militares. Oleg Grabar, um historiador da arte e da arquitetura islâmica, explica:

Independentemente da sua função social ou pessoal, é muito raro ver algum monumento importante da arquitetura islâmica que não reflete de alguma forma ao poder [...] a ostentação raramente se encontra ausente da arquitetura, e quase sempre constitui uma expressão de poder [...] Por exemplo, no século XI, no Cairo, ou no século XIV, em Granada, os portões foram construídos empregando uma incomum quantidade de diferentes técnicas de abóbodas. As trompas de ângulo coexistiam com

[164] Citado em Amir Taheri, The Spirt of Allah: Jomeini and the Islamic Revolution, op. cit., p.259
[165] Al-Bujari, op. cit., vol. 4, livro 59, nº 3.225.

os pendículos, as abóbodas de canhão com as abóbodas em cruz, os simples arcos de volta perfeita com arcos polilobados ou de ferraduras [...] É possível que algumas das inovações islâmicas nas técnicas para as abóbadas, particularmente as trompas de ângulo e de abóbodas em cruz, fossem o resultado direto da importância da arquitetura militar, dentro da qual a força e a prevenção de incêndios, tão comuns nos foros e telhados de madeira, eram seus objetivos primordiais [166].

Existem inúmeros exemplos adicionais a este respeito. O astrolábio foi desenvolvido e aperfeiçoado, muito antes do nascimento de Maomé. Avicena (980-1037), Averróis (1128-1198) e outros filósofos muçulmanos realizaram suas elaborações sobre a base da obra do pagão grego Aristóteles. Os cristãos preservaram as obras de Aristóteles dos estragos da Alta Idade Média, como o sacerdote do século V, Probus de Antioquia, que introduziu Aristóteles no mundo da linguagem árabe [167].

O cristão Hunain ibn Ishaq (809-873) traduziu diversas obras de Aristóteles, Galeno, Platão e Hipócrates para o sírio, e posteriormente seu filho as traduziu para o árabe [168]. O cristão sírio jacobita Yahya ibn Adi (893-974) também traduziu obras de filosofia ao árabe, e escreveu a sua própria; por vezes, seu tratado *A Reforma das Moralidades* têm sido atribuído, erroneamente, a alguns de seus contemporâneos muçulmanos. Seu discípulo, um cristão chamado Abu Ali ibn Isa Zur'a (943-1008), também fez traduções de textos de Aristóteles e outros escritores gregos do árabe ao sírio.

O primeiro tratado médico em língua árabe foi escrito por um sacerdote cristão e traduzido ao árabe no ano 683 por um médico judeu. O primeiro hospital em Bagdá durante o auge do califado abássida foi construída por um cristão nestoriano chamado Jabrail ibn Bakhtishu [169]. Os cristãos assírios fundaram uma escola médica pioneira em Gundeshapur, na Pérsia. A primeira universidade do mundo pode não ter sido, como se afirma muitas vezes, a dos muçulmanos de Al-Azhar, no Cairo, mas a escola assíria de Nisibis.

Estes fatos não têm nada de embaraçoso. Nenhuma cultura existe no vazio, mas se constrói sobre as bases da conquista de outras culturas e se nutre daquelas ao quais está em contacto. Mas os antecedentes históricos não podem sustentar a idéia de que o islã tem dado origem a uma cultura superiora as demais. Em algumas épocas, a cultura islâmica era mais avançada do que a europeia, porém essa superioridade corresponde exatamente ao período no qual os muçulmanos eram capazes de utilizar e continuar as realizações da civilização bizantina e outras mais. Depois de tudo, os muçulmanos que invadiram a Pérsia no século VII foram tão incivilizados, em comparação com os povos conquistados, que trocavam ouro (elemento que nunca haviam visto antes) por prata

[166] Oleg Grabar, «Palaces, Citadles and Fortifications», Architecture of the Islamic World: Its History and Social Meaning, editado por George Michell, Thames & Hudson, Nova Iorque, 1995.
[167] Caesar E. Farah, Islam, Barrons, Nova Iorque, 2000, p. 198
[168] Elias B. Skaff, The Place of the Patriarchs of Antioch in Church History, Sophia Press, Manchester, 1993, p. 169.
[169] Bat Ye'or, The Decline of Eastern Christianity Under Islam, op. cit., p. 233

(que já conheciam) e usavam cânfora, uma substância completamente nova para eles, para cozinhar [170]. Podemos supor que esses homens rudes ingressaram no seu novo domínio transportando sob seus armamentos, novos e ousados planos artísticos e arquitetônicos?

Contudo, quando se apropriaram de tudo o que podiam obter em Bizâncio e na Pérsia, e quando uma quantidade significativa de judeus e cristãos foram convertidos ao islã ou acabaram totalmente submetidos ao mesmo, este entrou em um período de estagnação intelectual do qual ainda não conseguiu sair. Acaba sendo ainda mais embaraçosa a pergunta de por que o islã, se realmente alcançou um nível tão alto de avanços culturais, caiu nessa acelerada e persistente decadência.

O que aconteceu com a Idade de Ouro?

É verdade: houve um tempo em que os muçulmano lideravam o resto do mundo em vários campos intelectuais, especialmente na matemática e na ciência. Porém, depois desta "Idade de Ouro" produziu-se um grau de decadência que quase não tem deixado vestígios deste período no mundo islâmico.

WINSTON CHURCHILL DISSERTA SOBRE O ISLÃ

Que terríveis são as maldições que maometismo tem feito recair sobre seus fiéis! Além do fanático frenesi, que é tão perigoso em um homem como a hidrofobia em um cachorro, existe esta temerosa fatal apatia. Em todos aqueles lugares onde governam ou vivem os seguidores do profeta existe o hábitos pela penúria, sistemas agrícolas descuidados, métodos comerciais pouco dinâmicos e insegurança para com a propriedade privada. Uma sensualidade degradada priva esta vida de sua graça e refinamento, e, por conseguinte, sua dignidade e santidade. O fato de que para a lei maometana cada mulher deva pertencer a um homem como propriedade absoluta, ou mesmo uma criança, uma esposa ou uma concubina, irá retardar a extinção definitiva da escravidão até que a fé no islã deixe de exercer esse grande poder sobre estes homens.
"Os indivíduos muçulmanos podem dar amostras de qualidades esplêndidas. Milhares deles tem tornado-se valentes e leais soldados da Rainha: todos sabem como hão de morrer. Porém, a influência da religião paralisa o desenvolvimento social de seus adeptos. Não há nenhuma outra força tão obstinada e retrógrada em todo o mundo. O maometismo, longe de estar moribundo, é uma fé militante e proselitista. Também tem se estendido através da África central, dando origem a cada ponto, a guerreiros intrépidos; e se o cristianismo não se acolher nos braços fortes da ciência, a ciência contra a qual tem lutado em vão, a civilização da Europa moderna pode chegar a sucumbir, igual a que sucumbiu civilização da Roma antiga".

[170] Philip Hitti, The Arabs.· A Short History, op. cit., p. 67.

Levemos em consideração, por exemplo, as ciências médicas. Os muçulmanos fundaram as primeiras farmácias e foram os primeiros em requerer um nível de conhecimento e competência para os doutores e farmacêuticos, que deveriam ser aprovados em um exame [171]. Na época do quinto califa abássida, Harun al-Rashid (763-809), estabeleceu-se o primeiro hospital de Bagdá, e logo em seguida muitos outros. Na verdade, não foi um muçulmano, mas um físico e investigador nascido em Bruxelas, Andrés Vesalio (1514-1564), quem abriu caminho aos modernos avanços médicos por meio da publicação, em 1543, da primeira descrição correta dos órgãos internos do ser humano: *De Humani Corporis Fabrica*. Por quê? Porque Vesalio podia dissecar corpos humanos, enquanto esta prática estava proibida no islã. Ademais, o livro de Vesalio contém desenhos anatômicos detalhados e no islã estão proibidas as representações artísticas do corpo humano.

O mesmo ocorreu no campo das matemáticas. Abu Ja'far Muhammad ibn Musa al-Khwarizmi (780-850) foi um matemático pioneiro cujo tratado sobre álgebra, uma vez traduzido do árabe, fez que várias gerações de europeus aderissem à escassas satisfações que oferecia esse ramo das matemáticas. Mas, na verdade, os princípios sobre os quais debruçava al-Khwarizmi haviam sido descobertos vários séculos antes de seu nascimento, inclusive o número zero, que com freqüência é atribuído aos muçulmanos. Inclusive o que atualmente se conhece como "algarismos arábicos" não tiveram sua origem na Arábia, mas na Índia pré-islâmica, e atualmente não é utilizado na língua árabe. De todo modo, não se pode negar a influência exercida por al-Khwarizmi. A palavra *álgebra* provem da primeira palavra do título de seu tratado *Al-Jabr wa al-Muqabalah*, e a palavra *algoritmo* é uma derivação de seu nome. O trabalho de al-Khwarizmi tem aberto novas formas de exploração matemática e científica na Europa; mas então, por que não ocorreu o mesmo no mundo islâmico? Os resultados são evidentes: os europeus utilizaram a álgebra, conjuntamente com outros descobrimentos, para realizarem significativos avanços tecnológicos, enquanto que os muçulmanos não. Por quê?

Uma das justificativas é que a Europa teria uma imensa tradição intelectual que tornou possíveis estas inovações, algo que não acontecia no mundo islâmico. Isto incluía também a utilização de palavras árabes de um modo que não faziam os muçulmanos: nas universidades europeias do século XII, e também *a posteriori*, se estudava Aristóteles e os seus comentaristas muçulmanos Avicena e Averróis, enquanto que no mundo islâmico seu trabalho era completamente ignorado e não era lecionado nas escolas, que nessa época, como atualmente, se concentravam majoritariamente no estudo e memorização do Alcorão. Houve também outros notórios filósofos islâmicos. Por que se liam Avicena e Averróis no Ocidente, porém só raramente eram lidos dentro de sua própria cultura? Por que nem sequer ensinavam filosofia nas escolas islâmicas daquela época?

[171] Ibid., pp. 141-142.

Grande parte dessa responsabilidade recai no sufi Abu Hamid Sufi Al-Ghazali (1058-1128). Apesar de ser um importante pensador, transformou-se no principal porta-voz de uma corrente de anti-intelectualismo que suprimiu enormemente parte do pensamento filosófico e científico islâmico. Segundo aponta Al-Ghazali, alguns filósofos eram um tanto quanto relutantes em abraçar as verdades reveladas do Alcorão: Abu Yusuf Yaqub ibn Ishaq al-Sabbah al- Kindi (801-873), por exemplo, havia sugerido que a religião e a filosofia eram duas estradas diferentes, porém equivalentes no caminho até a verdade [172]. Em outras palavras, os filósofos não precisam observar ou prestar homenagens ao Alcorão, com seu egoísta profeta e seu prostíbulo no Paraíso. Abu Bakr al-Razi (864-930), conhecido no Ocidente como Rasis, vai ainda mais longe ao dizer que somente a filosofia leva à verdade suprema [173]. Outros filósofos muçulmanos percorreram por caminhos de indagação igualmente perigosos. Al-Ghazali acusa desta forma os filósofos muçulmanos pela "negação das leis reveladas e das confissões religiosas", e de "recusar os detalhes do [ensinamento] religioso e sectário, crendo que se trata de leis enganadoras e de ardis exagerados" [174]. Acusa os filósofos muçulmanos Al-Farabi e Avicena de desafiar "os [verdadeiros] princípios da religião" [175].

Ao fim de *A Incoerência dos Filósofos*, Al-Ghazali coloca uma pergunta retórica sobre os filósofos: "Poderia-se afirmar então, de forma conclusiva, que são infiéis e que *é obrigatório matar aqueles que sustentam suas crenças?*" [176] Ao que responde: "É necessário declará-los infiéis por três questões", referindo-se a seus ensinamentos acerca da existência eterna do mundo, de que Alá não possui conhecimento dos assuntos particulares, mas somente dos universais, e de que não existe a ressurreição do corpo. Deste modo, segundo a lei islâmica, é "obrigatório" matá-los. Esta é uma boa maneira de promover o desenvolvimento de uma pujante tradição filosófica. Após Ghazali vieram outros filósofos muçulmanos, porém nunca conseguiram alcançar o nível de Avicena. Averróis (Abul-Walid Mohamed Ibn Ruschd) replicou Al-Ghazali em um livro titulado *Incoerência da Incoerência*, insistindo que os filósofos não têm que dobrarem-se ante os teólogos, mas o estrago já estava feito. A Idade de Ouro da filosofia islâmica, se é que a houve, havia chegado ao fim.

[172] «islam», Encyclopedia Britannica, 2005. Encyclopedia Britannica Premium Service, http://www.britannica.com/eb/ article?tocId=69186
[173] Ibid.
[174] Abu Hamid al-Ghazali, The Incoherence of the Philosophers, Brigham Young University Press, Provo, Utah, 2000, p. 2
[175] Ibid. p. 8
[176] Abu Hamid Al-Ghazali, op. cit., p. 226. Grifo nosso

MAOMÉ vs. JESUS

"Somente Deus é bom."

Jesus (São Marcos, 10: 18)

"Os judeus disseram: A mão de Alá está atada! Que suas mãos sejam atadas e sejam amaldiçoados por tudo quanto disseram! Qual! Suas mãos estão livres! Ele prodigaliza as Suas graças como Lhe apraz" [177].

Alcorão, 5: 64

O ataque de Al-Ghazali aos filósofos constitui uma sofisticada manifestação de uma tendência que sempre tem dificultado o desenvolvimento intelectual no mundo islâmico: há uma suposição prevalecente de que o Alcorão é o livro perfeito e não precisa de mais nada. Com a ideia de que o Alcorão é o livro perfeito e que a sociedade islâmica é a civilização perfeita, um grande número de muçulmanos pensam que não precisa ter nenhum conhecimento proveniente de outras fontes, e muito menos dos infiéis.

Alá mata a ciência

Porém o maior golpe de misericórdia na investigação islâmica científica e filosófica tem como origem, sem dúvida, no mesmo Alcorão. O livro sagrado do islã reflete Alá como plenamente soberano, sem quaisquer limitações. Esta soberania era tão absoluta que foi excluída a idéia fundamental que permitiu gerar o desenvolvimento da ciência na Europa: os judeus e os cristãos acreditam que Deus é bom e Sua bondade é coerente. No entanto, Ele criou o universo de acordo com leis racionais que podem ser descobertas, tornando possível a investigação científica. São Tomás de Aquino assim explica:

A medida que os princípios de algumas ciências – por exemplo, a lógica, a geometria e a aritmética – derivam-se exclusivamente dos princípios formais das coisas, das quais dependem de sua essência, se deduz que Deus não pode contradizer esses princípios; Ele não pode fazer que o sexo não seja previsível em espécie, nem que as linhas

[177] A ideia de que a mão de Alá não está atada é um reflexo de sua absoluta liberdade e soberania. Se Deus é bom, como diz Jesus, sua bondade pode ser perceptível na consistência de sua criação, mas no islã, até chamar Deus de bom, seria limitá-lo.

traçadas a partir do centro de um círculo até sua circunferência não sejam iguais, nem que os três ângulos de um triângulo retângulo não sejam iguais a dos ângulos retos [178].

Mas no islã, Alá é totalmente livre. Al-Ghazali e outros não estavam de acordo de que haviam leis naturais; isso seria blasfêmia, uma negação da liberdade de Alá [179].

Assim, o desenvolvimento da ciência moderna teve espaço na Europa cristã, em vez de ocorrer na Casa do Islã. No mundo islâmico, Alá matou ciência.

Nem tudo está perdido, há algumas coisas que podemos agradecer ao islã

No entanto, isso não quer dizer que não possamos atribuir ao islã certos êxitos intelectuais, científicos ou artísticos. Na verdade, podemos atribuir à Casa do Islã duas conquistas significativas: a descoberta do Novo Mundo e do Renascimento na Europa.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

The Rise of Early Modern Science: Islam, China and the West [O Surgimento da Prematura Ciência Moderna: o Islã, China e Ocidente], por Toby E. Huff, Cambridge University Press, Cambridge, 2003. Huff explica os motivos de por que não foi acidental o desenvolvimento da ciência moderna no Ocidente, ao contrário do mundo islâmico ou a China.

Todos os estudantes colegiais sabem, ou ao menos deveriam, que em 1492 Cristóvão Colombo atravessou o oceano e descobriu a América, quando buscava uma nova rota marítima para a Ásia. Por que ele estava à procura de uma nova rota para a Ásia? Porque a queda de Constantinopla nas mãos dos muçulmanos em 1453 obstruiu as rotas comerciais até o Oriente. Isto teve um efeito devastador sobre os comerciantes europeus, que até então viajavam para a Ásia por terra em busca de especiarias e outras especiarias. Colombo tentou contornar a grave situação destes mercadores, evitando o encontro com os muçulmanos, ao tornar possível que os europeus chegassem a Índia por rota marítima. Consequentemente, a beligerância e intransigência do islã finalmente permitiram que a Europa descobrisse a América. Outra das consequência da queda de Constantinopla, e da lenta e prolongada agonia do Império Bizantino, foi a imigração de intelectuais gregos à Europa Ocidental. A expansão territorial muçulmana à custa dos bizantinos determinou que muitos gregos buscassem refugio no Ocidente, com o qual as

[178] Santo Tomás de Aquino, Summa Contra Gentiles, Livro Dos: Criação, capítulo 25, secção 14.
[179] James V. Schall, S. J., War-Time Clanficat Zons' Who is Our Enemy? 2001

universidades ocidentais começaram a contar com uma quantidade sem precedentes de platônicos e aristotélicos. Isto levou à redescoberta da filosofia e da literatura, e um grau de florescimento intelectual e cultural nunca visto antes (e que nunca mais seria visto novamente). Pode ser que o declínio e queda do Império Bizantino tenha sido uma contribuição muçulmana para a história da filosofia e da vida intelectual do mundo ocidental maior ainda que a preservação árabe de Aristóteles.

Obviamente, nenhum desses dois efeitos tem sido realmente uma "conquista" islâmica. Trata-se do resultado da aplicação das violentas doutrinas do islã analisadas anteriormente. Mas em termos de seus efeitos reais sobre o mundo, transcendem amplamente a existência de toda uma coletânea de tratados filosóficos islâmicos e de um carregamento completo de escritos.

Capítulo 8

O sonho do Paraíso islâmico

Ainda pode parecer estranho aos ocidentais, que as tão divulgadas virgens do Paraíso prometida aos mártires islâmicos não são um mito nem uma distorção da teologia islâmica. Maomé desenhou para seus seguidores uma imagem do Paraíso claramente material e de uma sensual exuberância que continha tudo o que um árabe habitante do deserto no século VII poderia desejar: metais preciosos e refinados artefatos materiais, frutas, vinho, água, mulheres... e crianças. Claro, nem todo mundo acreditava nessa história ao pé da letra, nem sequer nos dias de juventude do profeta. Durante um dos confrontos com os coraixitas (a Batalha da Trincheira), Maomé perguntou a seus seguidores: "Quem haverá de ser o homem que observará o que o inimigo está a fazer, e retornar em seguida?" Lhes disse que em troca, perguntaria a Alá se o valente espião poderá ser "meu acompanhante no Paraíso". Ainda assim, ele não encontrou voluntários e, finalmente, teve de designar a missão de um de seus homens [180].

SABIA QUE...?

• O Alcorão descreve o paraíso como um lugar destinado meramente para satisfação de apetites físicos;
• Um dos sequestradores do 11 de setembro, Mohamed Atta, incluiu em sua bagagem naquele dia fatídico "um traje do casamento para o Paraíso".
• O Paraíso está garantido somente àqueles que "matam e são mortos" por Alá.

No entanto, a promessa do Paraíso foi um dos principais recursos de Maomé para motivar seus seguidores. Deste modo, converteu a *jihad* em uma proposta de ganhos absolutos: se um guerreiro muçulmano fosse vitorioso, desfrutaria do botim na Terra; se ele foi morto, ele desfrutaria de recompensas praticamente idênticas na vida após a morte, mas em uma escala maior. Durante a Batalha de Badr, Maomé encorajava os muçulmanos prometendo-lhes o Paraíso: "Por Alá, em cujas mãos está a alma de Maomé, a todo homem que for morto neste dia por lutar contra eles com bravura, e que avançar sem recuar, Alá o fará entrar ao Paraíso". Um de seus guerreiros, Umayr bin al-Humam, que estava sentado próximo dali comendo tâmaras, entusiasmou-se ao ouvir isto. "Ótimo, ótimo!" exclamou, "A única forma de ter minha entrada no Paraíso é

[180] The History of al-Tabari (Ta'rzkh al-rusul wa'l-muluk), vol. VIII: The Victory of Islam, State University of New York Press, Nova Iorque, 1997, p. 26.

sendo morto por estes homens?" lançou fora suas tâmaras e se lançou ao campo de batalha, e tão logo encontrou a morte que estava buscando [181].

O que há detrás da Porta Número Um?

No Paraíso, Umayr bin al-Humam esperava ser adornado "com braceletes de ouro e pérolas" (Alcorão, 22: 23) e ser "vestido com tafetá e ricos brocados" (Alcorão, 44: 53). Depois, reclinar-se-ia sobre "coxins, cobertos com pano verde e formosas almofadas" (Alcorão, 55: 76) e se recostaria em "leitos incrustados (com ouro e pedras preciosas)" (Alcorão, 56: 15) e seria servido "com bandejas e copos de ouro" nas quais as "almas lograrão tudo quanto lhes apetecer, bem como tudo que deleitar os olhos", inclusive uma "fartura de frutas" (Alcorão, 43: 71-73) e "tâmaras e romãs" (Alcorão, 55: 68). Para os famintos por carne, haverá "a carne de ave que lhes desejar" (Alcorão, 56: 21).

Para aqueles que passavam toda sua vida no deserto, a água é um elemento precioso, e o Alcorão promete que no Paraíso a teria em abundancia. O Paraíso consiste em "jardim por onde correm rios" (Alcorão, 3: 198; veja em 3: 136; 13: 35; 15: 45; 22: 23). Neles "brotarão dois mananciais de grande abundância" (Alcorão, 55: 66).

Não somente haverá água: o Paraíso oferece uma variedade de bebidas.

Além dos "rios de água impoluível", haverá "rios de leite de sabor inalterável; rios de vinho deleitante para os que o bebem; e rios de mel purificado" (Alcorão, 47: 15).

Vinho? Mas não é proibido aos muçulmanos beberem álcool? Não afirma o Alcorão que a "bebida forte" é "obra de Satanás" (Alcorão, 5: 90)? Então, como é possível encontrar a obra de Satanás no Paraíso?

Bem, como podemos ver, o vinho no Paraíso é diferente. É isento de efeitos embriagantes, e, portanto "acessíveis" (Alcorão, 37: 47) aos que o bebem.

Tudo isso será oferecido aos abençoados por Alá em um espaço perfeitamente climatizado: "onde, reclinados sobre almofadas, não sentirão calor nem frio excessivos, e as sombras (do vergel) os cobrirão, e os cachos (de frutos) estarão pendurados, em humildade" (Alcorão, 76: 13 -14).

[181] Ibn Ishaq, op. cit., p. 300

MAOMÉ vs. JESUS

"Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna."

Jesus (São João, 03: 16)

"Alá cobrará dos fiéis o sacrifício de suas vidas seus bens, prometendo-lhes em troca o Paraíso. [E assim] combaterão pela causa de Alá, matarão e serão mortos: uma promessa infalível, que Ele tem imposto"

Alcorão, 9: 111

A comida e o conforto nunca se esgotarão: "seus frutos serão eternos, e também sua sombra" (Alcorão, 13: 35).

O desfrute do sexo

Mas, certamente tudo isto, por mais que soasse atrativo, não lhe interessava muito a Umayr bin al-Humam, porque ele sabia que no Paraíso o esperavam "voluptuosas mulheres em todos os lugares" (Alcorão, 78: 31), "mulheres castas, restringindo os olhares, com grandes olhos" (Alcorão, 37: 48), "companheiras puras de formosos olhos" (Alcorão, 44: 54), "como rubi e como coral" (Alcorão , 55: 58), com as quais ele ira "casar-se" (Alcorão, 52: 20). Estas mulheres serão "jovens de olhares recatados que, antes deles, jamais foram tocadas por homem ou ser invisível" (Alcorão, 55: 56). Alá as tem "ressuscitadas como virgens" (Alcorão, 56: 36), e segundo a tradição islâmica, seguirão sendo virgens para sempre.

O Paraíso tampouco seria um lugar entediante para os muçulmanos com outras inclinações. Alá também prometia a seus bem-aventurados que no Paraíso "serão servidos por mancebos, formosos como se fossem pérolas em suas conchas" (Alcorão, 52: 24), "mancebos imortais" (Alcorão, 56: 17), "quando os vires, parecer-te-ão pérolas dispersas" (Alcorão, 76: 19).

A HISTÓRIA SE REPETE: OS TERRORISTAS SUICIDAS E O PARAÍSO

A promessa do Paraíso para aqueles que "matam e são mortos", por Alá é a principal justificativa dos homens-bomba: bombas humanas estão pondo em prática essa promessa ao matar os inimigos de Alá e serem mortos no processo.
E é claro, os porta-vozes muçulmanos na América têm se apressado em apontar que o

Alcorão proíbe o suicídio: "Ó fiéis, não consumais reciprocamente os vossos bens, por vaidades, realizai comércio de mútuo consentimento e não cometais suicídio" (Alcorão, 4: 29). Maomé acrescenta em um hádice: "Aquele que comete suicídio por estrangulamento seguirá sendo estrangulado no fogo do inferno para sempre, e qualquer um que comete suicídio por punhalada, seguirá apunhalando no fogo do inferno para sempre" [182].

Mas o xeique Yusuf al-Qaradawl influente especialista islâmico, que tem sido aclamado como "reformista" por outro especialista islâmico, John Esposito, sintetizou o ponto de vista mais comum. A proibição do suicídio não se aplica aos suicidas que são bombas humanas, porque sua intenção não é matarem a si próprios, mas aos inimigos de Alá: "Não é suicídio, é o martírio em nome de Alá, e teólogos e jurisconsultos islâmicos têm debatido esta questão, referindo-se a mesma como uma forma de *jihad*, a fim de por em risco a vida do *mujahid*. Está permitido por em perigo vossa alma e cruzar o campo do inimigo e ser morto" [183].

Umm Nidal, a mãe do terrorista suicida do Hamas, Mohamed Farhat, considera assim a morte de seu filho como uma grande vitória: "A *jihad* é uma obrigação [religiosa], que nos é imposta", explica ela, "nós devemos incutir essa ideia constantemente na mente de nossos filhos [...] o que vemos todos os dias - massacres, destruição, bombardeio de casas - reforçada, nas almas dos meus filhos, especialmente Mohamed, o amor pela *jihad* e pelo martírio [...] Alá seja louvado, eu sou uma muçulmana e eu creio na *jihad*, *jihad* é um dos elementos da fé, e é isso que me tem incentivado a sacrificar Mohamed na *jihad* pelo bem de Alá. Meu filho não foi destruído, não está morto; está a viver "uma vida mais feliz que a minha", Umm Nidal continuou: "Como amo meu filho, o tenho incentivado a morrer no martírio por causa de Alá [...] *jihad* é uma obrigação religiosa que fomos encarregados, e devemos levá-la a cabo" [184]

Mas, certamente, o Alcorão não está consentindo com a homossexualidade, apesar de tudo, este texto descreve Ló dizendo ao povo de Sodoma: "acercando-vos licenciosamente dos homens, em vez das mulheres. Realmente, sois um povo transgressor." (Alcorão, 7: 81), e "acaso, dentre as criaturas, achais de vos acercar dos varões, deixando de lado o que vosso Senhor criou para vós, para serem vossas esposas? Em verdade, sois um povo depravado! (Alcorão, 26: 165-166). Em um hádice ordena-se que "Se um homem que não está casado é encontrado cometendo sodomia, será apedrejado até a morte" [185]. Outra hádice mostra Maomé dizendo: "Matai a quem sodomiza e aquele que se deixa sodomizar" [186]. Estas críticas tem sido introduzidas nos códigos legislativos islâmicos, de tal modo que dois sauditas estavam tão afoitos para evitarem os açoites ou a condenação a prisão, que assassinaram um paquistanês,

[182] Ibid, vol. 2, livro 23, nº 1.365.
[183] «Al-Qaradawi full transcript», BBC News, 8 de julho de 2004. Veja-se o elogio de Esposito em John L. Esposito, «Practice and Theory: A response to islam and the Challenge of Democracy'», Boston Review, abril/maio de 2003.
[184] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «An Interview with the Mother of a Suicide Bomber», MEMRI Special Dispatch nº 391,19 de junho de 2002
[185] Abu Dawud, op. Cit., livro 38, nº 4.448.
[186] Umdat al-Salik, op. Cit., p, 17.3 (1).

testemunha de seus "atos vergonhosos", atropelando-o, esmagando sua cabeça com uma pedra e queimando-o [187].

Mas os jovens como pérolas do Paraíso têm gerado uma estranha dupla preocupação acerca da homossexualidade no islã, o grande poeta Abu Nuwas tem falado abertamente sobre a homossexualidade em seu notável poema *O Jardim Perfumado*:

"Oh, a alegria da sodomia! Então agora sedes sodomitas, vocês árabes. Não a rejeitem, porque o prazer é maravilhoso. Tome um rapaz tímido com cachos nas faces e monte-o enquanto ele permanece de pé como uma gazela frente a seu parceiro. Um rapaz para que todos vejam cingindo sua espada e seu cinturão, e não como vossa puta que tem que usar o velo. Dirijo-me aos garotos de pele suave e faço o possível para montá-los, porque as mulheres são a cavalgadura dos demônios!" [188]

SÃO PAIO: O CASO DO MENINO ESPANHOL MARTIRIZADO

No início do século X, partiram-se do Califado de Córdoba numerosas incursões ao norte cristão da Península Ibérica com o propósito de capturar escravos. Em uma dessas pilhagens, Paio, um menino de dez anos de idade, sobrinho do bispo de Tui, é aprisionado e arrancado de sua família. O jovem primeiro foi encarcerado nas masmorras do alcácer córdoba e depois adscrito ao serviço de limpeza dos parques e jardins do palácio. Ali, chamou a atenção do califa Abderrahmán III. O mandatário, possuidor de um harém masculino, não aceita as negativas de Paio de consentir a seus desejos, assim procura tentá-lo com toda sorte de privilégios e riquezas. Porém o garoto se manteve firme, e por isso foi torturado e finalmente atirado de cima do castelo para o rio Guadalquivir. Morreu em 925. Sua festividade se celebra todos os anos em 26 de junho.

Esta atitude paradoxal em relação à homossexualidade é mantida durante toda a história do islã. Até mesmo o sultão otomano Maomé II, o conquistador de Constantinopla, tinha uma aberta disposição para ela. Quando a cidade conquistada ainda estava ardendo em chamas, Maomé II quis espairecer sua mente da guerra e batalhas e pediu para ser levado a presença do famoso e belo filho de um funcionário bizantino, Lukas Notaras. O funcionário disse ao sultão que preferia ver seus filhos

[187] «Two Saudis beheaded for killing Pakistani who witnessed 'shameful' incident», Associated Press, 15 de março de 2005
[188] Citado en Ibn Warraq, op. cit., pp. 342-343.

mortos antes de entregá-los aos prazeres de Maomé II. Este o forçou a obedecê-lo e logo em seguida o decapitou [189].

Como ganhar a entrada para o Paraíso

Segundo o Alcorão, como temos visto, a garantia mais segura para entrar no Paraíso lhes é dada para aqueles que "matam e são mortos" por Alá: "prometendo-lhes em troca o Paraíso. [...] uma promessa infalível, que Ele tem imposto" (Alcorão, 9: 111). Maomé também declara: "Sabei que o Paraíso se encontra sob a sombra das espadas (a *jihad* pela causa de Alá)" [190]. Ele assegura aqueles aos que estão na terra que aqueles que morrem por Alá não estarão mortos, mas mais vivo do que nunca: "E não digais que estão mortos aqueles que sucumbiram pela causa de Alá. Ao contrário, estão vivos, porém vós não percebeis isso" (Alcorão, 2: 154).

A HISTÓRIA SE REPETE: O PARAÍSO AINDA ATRAI OS JOVENS

"Os norte-americanos gostam de Coca-Cola, nós gostamos da morte", gabou-se Maulana Inyadulá, pertencente a Al-Qaeda [191]. Os muçulmanos gostam da morte porque Alá lhes ordena valorar as alegrias do Paraíso acima das deste mundo: '[...] Quanto àqueles que preferem a vida terrena à outra vida, e desviam os demais da senda de Alá, procurando fazê-la tortuosa, esses estão em profundo erro' (Alcorão 14: 3). Ao serem tão exuberantes, as alegrias do Paraíso exercem uma clara e continua atração, que também está mais acentuada nos adolescentes. No ano de 2004, um aspirante a terrorista suicida palestino de quatorze anos disse as tropas israelenses que o desarmaram: "Atirem! Esta é a minha única oportunidade de fazer sexo com setenta e duas virgens no Jardim do Éden" [192]. Outro adolescente de quatorze anos explicou de que modo o recrutador da *jihad* o havia incitado a unir-se a ela no Iraque: "Ele me falou do Paraíso, das virgens, do islã" [193].

[189] Steven Runciman, The Fall of Constantinople 1453, Cambridge University Press, Cambridge, 1965, p. 151. Possui edição em espanhol: A Queda de Constantinopla, Reino de Redonda, Madrid, 2006.
[190] Al-Bujari, op. cit., vol. 4, livro 56, n.º 2.818.
[191] David Brooks, «Among the Bourgeoisophobes: Why the Europeans and Arabs, each in their own way, hate America and Israel», Weekly Standard, 15 de abril de 2002
[192] «'Little bomber' fascinates Israeli media», BBC News, 25 de março de 2004.
[193] Tom Lasseter, «Iraqi teen tells how he joined Ansar al islam», Knight Ridder, 13 de fevereiro de 2004.

Os Assassinos e o sonho do Paraíso

Na época das Cruzadas tomou impulso uma relevante seita de muçulmanos ismaelitas xiitas, conhecidos como "Os Assassinos". Embora não sejam os inventores do assassinato político, após matarem várias figuras proeminentes que se opunham a seu movimento, introduziram sua aplicação em grande escala na política do mundo islâmico e até mesmo nas Cruzadas. Depois de levar a cabo seus crimes, os assassinos quase sempre se rendiam docilmente para serem capturados, ainda quando nessa época isto implicasse uma morte certa [194].

O que incentivava os jovens a aderir a esta seita e sacrificar suas vidas desse modo? Em primeiro lugar, os ismaelitas se apresentavam como expoentes do "islã puro" e entregavam sua vida para restabelecê-lo. Mas também é possível que uma de suas motivações fosse a atração do Paraíso. Quando Marco Pólo viajou pela Ásia no final do século XIII, informou que havia escutado "muitas pessoas dizerem" sobre o tenebroso líder os assassinos, o Velho (ou xeique) da Montanha:

Tem-se construído em um vale entre duas montanhas o maior e mais belo jardim que jamais se viu, com os melhores frutos do mundo e com as mansões e palácios mais esplêndidos, ornamentado em ouro e as coisas mais belas deste mundo, e também com quatro arroios, um que derrama vinho, outro leite, outro mel e outro água. Ali se encontram agradáveis damas e donzelas, as mais encantadoras do mundo, inigualáveis na execução de toda classe de instrumentos, no canto e na dança. E ele fez inculcar em seus homens que esse jardim era o Paraíso. Este é o motivo pelo qual o fez segundo este modelo: porque Maomé lhes assegurou aos sarracenos que aqueles que fossem ao Paraíso possuiriam formosas mulheres para que seus corações possam eleger entre elas, e encontrariam rios de vinho e leite e mel água […] Ninguém tem entrado no jardim, salvo aqueles a quem ele tem desejado converter em assassinos [195].

Aparentemente, esta descrição é mais lendária do que real. Mas ao longo da história, os guerreiros muçulmanos têm sido motivados pelo Paraíso islâmico. Inclusive um dos sequestradores do 11 de setembro, Mohamed Atta, naquele dia fatídico incluiu "um traje do casamento para o Paraíso" em sua bagagem, embora não pode vesti-lo porque a linha aérea só permitia levar uma bagagem de mão. Uma carta encontrada na bagagem de Atta falava sobre seu "casamento" com a "mulher do Paraíso [...] vestida com suas roupas mais belas" [196].

[194] Bernard Lewis, op. cit., p. 127
[195] Marco Polo, The Travels, Penguin, Nova Iorque, 1958, pp. 70-71. Tem edição em espanhol: As viagens de Marco Pólo, Visión Net, Madrid, 2006.
[196] Paul Sperry, «Airline denied Atta paradise welding suit», Worldnetdaily.com, 11 de setembro de 2002.

Capítulo 9

O islã se difunde por meio da espada? Com certeza

Praticamente todos os ocidentais aprendeu que tem-se que pedir perdão pelas Cruzadas, mas o menos conhecido é o fato que elas possuem uma contrapartida islâmica pela qual ninguém pede perdão, e que inclusive pouca gente conhece. O primeiro contacto em grande proporção dos muçulmanos com o mundo ocidental não se deu através das Cruzadas, mas sim 450 anos antes. Quando as forças do islã unificaram as tribos dispersas da Arábia em uma só comunidade, a nova Arábia esteve rodeada por territórios cristãos, especialmente pelos domínios imperiais bizantinos da Síria e Egito, bem como pelas veneráveis terras cristãs do norte da África. Quatro das cinco principais cidades da Cristandade – Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém – encontravam-se não muito longe da Arábia. A Pérsia, o grande rival do Império Bizantino, também possuía uma significativa quantidade de cristãos.

SABIA QUE...?

• O que é hoje conhecido como "mundo islâmico" foi criado por uma série de conquistas brutais de territórios não-muçulmanos;
• Estas foram guerras de imperialismo religioso, não em autodefesa;
• A diferença entre a expansão do islã e do cristianismo reside no fato de que a propagação do islã era pela força, mas a do cristianismo não.

No entanto, há séculos no Oriente Médio, norte da África e da Pérsia (Irã) tem sido considerados o coração do mundo islâmico. Esta transformação deu-se por meio da pregação e conversão das mentes e coração? De forma alguma, o islã se propagou através de golpes de espada. Sob o domínio islâmico, a maioria não-muçulmana dessas religiões foram paulatinamente reduzidas às escassas minorias que vemos na atualidade, por meio da repressão, da discriminação e do assédio, que fizeram que a conversão ao islã fosse o único caminho para uma vida melhor.

Mito politicamente correto: os primeiros muçulmanos não nutriam intenções hostis para com seus vizinhos

Até o fim da vida de Maomé, após sua bem sucedida expedição contra as tribos pagãs Hawazin e Thaqif, as quais derrotou em Hunain (um vale perto de Meca), conseguiu avançar mais além da Arábia, iniciando uma expedição contra os bizantinos em Tabuk. Também estabeleceu contacto epistolar com o imperador bizantino Heráclito e com outros chefes da região: "O Profeta de Alá escreveu a Cosroes (rei da Pérsia), César (imperador de Roma) [ou seja, a Heráclito], Negus (rei de Abissínia) e a todos os (demais) déspotas convidando-los a aceitarem Alá, o Excelso" [197]. Os intimou a "abraçarem o islã, e estariam a salvo" [198].

Nenhum deles acatou, e logo demonstrou-se a exatidão da advertência de Maomé: nenhum deles estariam salvos. Não muito depois da morte de Maomé, os muçulmanos invadiram o Império Bizantino, exaltados com a promessa de Maomé de que "ao primeiro exército de meus seguidores que invadir a cidade do César [Constantinopla] lhes serão perdoados seus pecados" [199].

No ano 635, passado somente três anos da morte de Maomé, a cidade de Damasco, para qual se dirigia São Paulo quando experimentou sua dramática conversão ao cristianismo, caiu em mãos dos invasores muçulmanos. Em 636, o califa Omar, que governou e expandiu o império islâmico entre os anos de 634 e 644, dominou Baçorá, no Iraque. Omar deu instruções a seu lugar-tenente Utbah ibn Ghazwan, utilizando de palavras que parafraseava a tríplice escolha oferecida por Maomé aos infiéis: "Convocai a população a Alá; aqueles que responderem a vossa chamada, aceitai-os, mas aqueles que a recusarem deverão pagar o imposto com humilhação e subserviência. Se negarem-se, utilizar-se-á da espada sem indulgência. Temei a Alá, a quem haveis sido confiados" [200].

Antioquia, onde os discípulos de Jesus foram chamados "cristãos" pela primeira vez (Atos 11: 26), caiu no ano seguinte. Em 638, dois anos depois, chegou a vez de Jerusalém. Naquela época, assim como Damasco e Antioquia, Jerusalém era uma cidade cristã. Sofrônio, o patriarca de Jerusalém, ficou a cargo da ingrata tarefa de entregar a cidade ao conquistador Omar. O califa erigiu com satisfação uma citação no Templo de Salomão, de onde deveriam passar a crer que o profeta Maomé, seu antigo mestre, teria ascendido ao Paraíso ("Glorificado seja Aquele que, durante a noite, transportou o Seu servo, tirando-o da Sagrada Mesquita [em Makka] e levando-o à Mesquita de Alacsa [em Jerusalém], cujo recinto bendizemos, para mostrar-lhe alguns dos nossos sinais.

[197] Sahzh Muslin, op. Cit.., livro 19, nº 4.382.
[198] Al-Bujari, op. Cit., vol. 4, livro 56, nº 2.941
[199] Ibid., nº 12.924.
[200] The History of al- Tabari, volumen XII: The Battle of al-Qadisiyyah and the Conquest of Syria and Palestine, State University of New York Press, Nova Iorque, 1992, p. 167. Citado em Andrew Bostom, «The Legacy of Yihad in Palestine», ProntPage Magazine.com, 7 de dezembro de 2004.

Sabei que Ele é Oniouvinte, o Onividente", um versículo que deu origem a séculos de debate acerca de seu significado preciso). Sofrônio que observava de perto aquela cena com profunda dor, recordou um versículo da Bíblia: "Temos aqui a instalação a abominação do devastador, mencionada por Daniel, o Profeta" [201].

Mito politicamente correto: Os cristãos do Oriente Médio e do norte da África receberam os muçulmanos como libertadores

Muitos que analisam atualmente as Cruzadas e as relações gerais entre cristãos e muçulmanos parece imaginar que Sofrônio falou: "Sejam bem-vindos libertadores!". De acordo com as informações habituais, o governo bizantino era tão opressor que os cristãos do Oriente Médio e do norte da África, especialmente os egípcios, estavam ansiosos para expulsá-los a pontapés e receber de braços abertos os muçulmanos que os libertariam dessa opressão. Mas, na verdade, os muçulmanos conquistaram e mantiveram o poder no Egito tendo que enfrentar uma grande resistência. Em dezembro de 639, o general Amir começou a invasão do Egito; em novembro de 642 Alexandria caiu, e quase todo o Egito estava em poder dos muçulmanos. Porém esta rápida conquista não esteve isenta de oposição, e os muçulmanos responderam brutalmente a resistência. Em uma cidade egípcia estabeleceu-se um patrão de conduta que logo se estenderia a todo o país. Um observador contemporâneo relata o seguinte:

Então os muçulmanos chegaram a Nikiu. Não havia nem um só soldado para resistir-lhes. Tomaram a cidade e mataram a todos os que viam nas ruas e nas igrejas: homens, mulheres e crianças, sem exceção. Logo foram a outros locais, pilhando e matando a todos os habitantes que encontravam [...] Mas agora não diremos mais nada, porque é impossível descrever os horrores cometidos pelos muçulmanos quando ocuparam a ilha de Nikiu.

Não somente matou muitos cristãos, outros foram escravizados:

Amir subjugou o Egito [...] se apropriou de consideráveis riquezas desse país e tomou um grande número de prisioneiros [...] os muçulmanos envolveram o país em botins e em cativos. O patriarca Ciro sentiu profunda tristeza pelas calamidades ocorridas no Egito, porque Amir, que era de origem bárbara, não mostrou nenhuma piedade no trato com os egípcios, e não cumpriu com os acordos que haviam sido pactuados.[202]

Também a cristã Armênia caiu sob julgo dos muçulmanos e suportou carnificinas similares: "O exército inimigo invadiu e massacrou os habitantes da cidade a golpes de espada [...] Depois de alguns dias, os ismaelitas [árabes] regressaram por

[201] Steven Runciman, op. cit., p. 3.
[202] Citado em Bat Ye'or, op. Cit., pp. 271-272

onde haviam vindo, arrastando com eles uma multidão de prisioneiros, calculadas em uma quantia de trinta e cinco mil" [203].

O mesmo padrão foi aplicado em 650, quando os muçulmanos chegaram a Cilícia e Cesaréia da Capadócia. Um relato medieval conta o seguinte:

Eles [os taiyaye ou muçulmanos árabes] se deslocaram para Cilícia e tomaram prisioneiros [...] e quando chegou Mu'awiya ordenou que todos os habitantes fossem transpassados pela espada; e designou guardas para assegurar que ninguém escapasse. Depois que recolher todas as riquezas da cidade, torturou os chefes da cidade para que indicassem os objetos [tesouros] que haviam sido escondidos. Os taiyaye tomaram todos como escravos, homens e mulheres, meninos e meninas, e cometeram muitas atrocidades nesta desafortunada cidade, cometeram covardes imoralidades dentro das igrejas. [204]

O califa Omar admitiu verbalmente isso em sua mensagem a um subalterno, quando lhe indagou: "Não acredita que países tão vastos como Síria, Mesopotâmia, Kufa, Baçorá, Misr [Egito] deveriam estar cobertos com tropas muito bem remuneradas? [205]

Por que estas áreas teriam que "estarem cobertas com tropas", se os habitantes davam boas-vindas aos invasores e conviviam amistosamente com eles?

Mito politicamente correto: os primeiros combatentes da *jihad* se limitavam a defender as terras muçulmanas de seus vizinhos não-muçulmanos

Exércitos muçulmanos arrasaram rapidamente grandes regiões que nunca os tinham ameaçado, e provavelmente nunca tinham ouvido falar deles até chegarem. Na época em que Egito, Oriente Médio e Armênia caíram sob julgo dos muçulmanos, nem a Europa estava a salva: outras forças muçulmanas realizaram incursões no Chipre, Rodas, Creta e Sicilia, apropriando-se de botins e de milhares de escravos. Estes foram somente o prelúdio do primeiro grande cerco muçulmano a que fora então a maior cidade da cristandade oriental, e uma das maiores do mundo: Constantinopla. Os exércitos muçulmanos sitiaram a cidade em 668 (e durante vários anos a partir de então) e em 717. Ambos os sítios fracassaram, mas deixaram claro que a Casa do Islã iria continuar a sua sangrenta política imperialista em relação ao cristianismo.

[203] Ibid., p. 275
[204] Ibid., p. 276-277
[205] Ya'qub Abu Yusuf, op. cit., p. 274.

MAOMÉ vs. JESUS

"Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão".

Jesus (São Mateus, 26: 52)

"Deveis saber que o Paraíso se encontra a sombra das espadas" [206]

Os guerreiros muçulmanos atuavam em consonância com as ordens de seu deus e de seu profeta. Um dos líderes muçulmanos daquela época a expressava desta maneira: "O Grande Alá diz no Alcorão: 'Oh, verdadeiros fiéis, quando encontrardes com os que não crêem, golpeai-os na cabeça'. Este mandamento do Grande Alá é um grande mandamento, e deve ser respeitado e acatado" [207]. Ele estava se referindo, é claro, ao Alcorão: e "quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado, e tomai (os sobreviventes) como prisioneiros" (Alcorão, 47: 4).

O presidente francês, Jacques Chirac, disse o seguinte: "A Europa deve ao islã tanto quanto ao cristianismo" [208]. Porém isso equivale a diz que a galinha deve tanto à raposa quanto as fábricas de caldo concentrado. A Europa do século VIII conheceria muito em breve até que ponto os muçulmanos levavam a sério os mandamentos de Alá acerca do encontro com infiéis no campo de batalha. Os muçulmanos avançaram rapidamente através do norte da África, e até o ano de 711 já estavam em condições de invadir a Espanha. A Europa cristã estava acossada tanto do leste quanto do oeste. A campanha ia muito bem, até o ponto que o comandante muçulmano Tarik excedeu as ordens que havia recebido fazendo com que o exército inimigo avançasse sobre seu exército. Quando Musa, o emir do norte da África, o reprimiu e o questionou por que havia ido tão longe, adentrando na Espanha cristã e desafiando suas ordens, Tarik simplesmente respondeu: "Para servir o islã" [209].

Apesar dessa derrota, os muçulmanos não se renderam. No ano de 792, o governador da Espanha muçulmana, Hisham, convocou uma nova expedição para a França. Os muçulmanos de todo o mundo responderam com entusiasmo a este convite à *jihad*, e formaram um exército que chegou a proporções de produzir consideráveis danos, mas que finalmente não logrou êxito na vitória.

Não obstante, é importante notar que a chamada de Hisham tinha uma base religiosa e, sobretudo, que antecede em mais de trezentos anos as Cruzadas, que

[206] Al Bujari , op. cit., vol. 4, livro 56, nº 2.818
[207] Citado em V. S. Naipaul, op. cit., p. 103.
[208] Lance Pierre, «]acques Chirac, avez-vous des racines?» Les 4 Vérités, 17 de janeiro de 2004
[209] Citado em Paul Fregosi, Jihad in the West: Muslim Conquests from the 7th to the 21th Centuries, Prometheus Books, Nova Iorque, 1998, p. 99.

supostamente marcaram o começo da hostilidade entre muçulmanos e cristãos. Cerca de 50 anos depois, em 848, outro exército muçulmano invadiu a França e causou grandes estragos. Mas com o tempo seu fervor foi decaindo e, no curso da ocupação muçulmana, muitos invasores se converteram ao cristianismo e a força foi se desintegrando.

Não muito antes disso, no ano de 827, os guerreiros da *jihad* fixaram seus olhos na Sicília e na Itália. O comandante da força de invasão era um dos maiores especialistas no Alcorão que diretamente definiu a expedição como uma guerra religiosa. Em todos estes territórios cometeram pilhagem e saques em igrejas cristãs, aterrorizando monges e estuprando freiras. Por volta do ano 846 haviam chegado a Roma, onde exigiram ao Papa a promessa de pagar o tributo. Seu domínio sobre a Itália não se consolidou, mas em vez disso permaneceu na Sicília até 1091, quando foram expulsos pelos normandos.

A HISTÓRIA SE REPETE: O ISLÃ DEVE DIFUNDIR-SE PELA FORÇA

Alguns dos pensadores islâmicos mais reconhecidos hoje pelos terroristas da *jihad* tem transmitido (de maneira nada ambígua) que o islã deve ser imposto aos não-muçulmanos pela força, mas não como uma religião, porque isso violaria os ditames do Alcorão referidos a que "não há imposição quanto à religião" (Alcorão 2: 256) mas como um sistema de leis e normas sociais. Eles têm ensinado que os muçulmanos devem lutar para impor a lei islâmica em estados não-muçulmanos, relegando os cidadãos à condição de *dhimmis* ou a outra ainda pior.

Na Espanha, é claro, a Reconquista foi minando o domínio muçulmano até 1492, quando os cristãos recuperaram o controle total do território No entanto, enquanto as batalhas se alastravam na Espanha, os muçulmanos continuavam pressionando o flanco oriental dos territórios cristãos. Em 1071 os turcos seljúcidas derrotaram decisivamente as forças do Império Bizantino na cidade armênia de Manziquerta, preparando o terreno para a ocupação de quase toda a Ásia Menor, um dos territórios mais importantes da cristandade. Dali em diante, os cristãos iriam estar taxados com um status de segunda categoria, correspondente aos *dhimmis*, nas grandes cidades cristãs, as quais São Paulo havia dirigido muitas de suas epístolas canônicas. Como veremos, assim estavam as coisas quando o papa Urbano II convocou a Primeira Cruzada, no ano 1095.

Não somente o Ocidente, o Oriente também

As forças muçulmanas pressionavam tanto o leste quanto o oeste efetuando uma invasão marítima na Índia ainda no ano 634. Os invasores terrestres avançavam sobre os territórios que atualmente corresponde o Afeganistão, Paquistão e Índia, começando no século VIII e progredindo lentamente, mas de forma constante. O historiador Sita Ram Goel diz que até 1206 os invasores muçulmanos tinham conquistado "de Punjab, Sind, Déli e Doab até Kannauj"[210].

Outras incursões posteriores expandiriam estes domínios até o Ganges e mais além. Já que os muçulmanos consideravam os hindus como pagãos, não faziam jus as "proteções" derivadas da condição de *dhimmi*, e os tratavam com especial brutalidade. Sita Ram Goel observa que os invasores muçulmanos da Índia não respeitaram os códigos de guerra que havia prevalecido nesse lugar há séculos:

O imperialismo islâmico trouxe um código diferente: a suna [tradição] do Profeta, que exigia a seus guerreiros que esmagassem a indefesa população civil após haverem obtido decisiva vitória no campo de batalha. Orientava-lhes que saqueassem e queimassem povos e cidades depois que seus defensores fossem mortos em combate ou fugissem. As vacas, os brâmanes e os monges budistas concentravam sua especial atenção para os assassinatos em massa de civis. Os templos e monastérios foram seus objetivos principais em uma orgia de pilhagens e incêndios premeditados. Os sobreviventes eram capturados e vendidos como escravos. A magnitude do botim, espoliado inclusive dos corpos dos mortos, era considerada uma marca de êxito da missão militar. Tudo isso era realizado na condição de mujahidin (guerreiros sagrados) e ghazis (assassinos de kafirs [infiéis]) no serviço de Alá e seu profeta. [211]

O que queriam os muçulmanos?

Qual era o real objetivo desse permanente de estado de guerra? Aparece claramente refletido nos mandamentos do Alcorão e do profeta, que lhes disse a seus adeptos que Alá lhe havia ordenado "lutar contra os povos até que testemunhem que somente Alá tem direito de ser adorado, e que Maomé é o Enviado de Alá" [212].

Nenhuma seita islâmica jamais renunciou a premissa de que a lei islâmica deva reinar de forma absoluta no mundo, e que os muçulmanos, sob certas circunstâncias

[210] Sita Ram Gael, The Story of Islamic Imperialism in India, Voice af India, Nova Déli, 1994, pp. 70-71
[211] Ibid., pp. 44
[212] Al-Bujari, op. cit., vol. 1, livro 2, nº 25. A transcrição árabe da confissão muçulmana de fé tem sido omitida desta tradução para facilitar a leitura. A mesma declaração aparece reiterada em Bujari, vol. 1, livro 8, nº 392; vol. 4, livro 56, nº 2.946; vol. 9, livro 88, nº 6.924, e vol. 9, livro 96, nº. 7284-7285, assim como também em outras coletâneas de hádices.

devam tomar em armas em prol desse objetivo. Depois de 1683 puseram fim a *jihad* em grande escala, mas não porque haviam modificado ou rejeitado as doutrinas que a motivavam, mas porque o mundo islâmico tornou-se debilitado demais para continuar, situação que começou a mudar em épocas recentes com a descoberta de petróleo no Oriente Médio.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

Yihad in the West: Muslim Conquests from the 7th to the 21th Centuries [A Jihad no Ocidente: As Conquistas Muçulmanas desde o Século VII até o Século o XXI], de Paul Fregosi, Prometheus Books, Nova Iorque, 1998, é um relato popular e de fácil leitura das atrocidades realizadas pela *jihad* na história do mundo ocidental, e uma vívida ilustração da postura belicosa que, desde seu início, tem mantido o mundo islâmico em relação ao cristianismo e o Ocidente pós-cristão.

Sayyid Qutb (1906-1966), comentarista egípcio do Alcorão e teórico da Irmandade Muçulmana, destaca claramente:

Não é função do islã o comprometimento com os conceitos da Jahiliyyah [a sociedade dos infiéis] que estão presentes no mundo, ou de coexistir na mesma terra em conjunto com um sistema jahili [...] o islã não pode aceitar qualquer mistura com a Jahiliyyah. Vou irá prevalecer o islã ou irá prevalecer a Jahiliyyah, não possível ambos. O domínio pertence a Alá, ou a Jahiliyyah; prevalecerá a sharia [lei] de Alá ou os desejos do povo: "E se não te atenderem, ficarás sabendo, então, que só seguem as suas luxúrias. Haverá alguém mais desencaminhado do que quem segue sua concupiscência, sem orientação alguma de Alá? Em verdade, Alá não guia os iníquos". (Alcorão , 28: 50) [...] a tarefa principal do islã é eliminar a Jahiliyyah, a liderança dos homens, com a intenção de elevar os seres humanos a essa posição excelsa que Alá escolheu para eles [213]*. (Grifo nosso)*

Além disso, Sayyid Abul Ala Maududi (1903-1979), fundador do partido político paquistanês Jamaat-e-Islami, declarou que não-muçulmanos "de maneira nenhuma tem direito a tomar as rédeas do poder em nenhum lugar da terra de Alá, nem de dirigir os assuntos coletivos dos seres humanos em função de suas próprias doutrinas equivocadas". Se o fizerem, "os fiéis são obrigados a fazer tudo ao seu alcance para desalojá-los do poder político e fazê-los viver sob o modo de vida islâmico" [214].

[213] Sayid Qutb, «The Right to Judge», http: //www.islamworld.net/justice.html.
[214] Sayid Abul A'la Maududi [aqui, Mawdudi], Towards Understanding the Qur'an, The Islamic Foundation, vol. 3, 1999, 202.

Mito politicamente correto: Os processos de difusão do cristianismo e do islã têm sido basicamente similares

Este é um dos muitos argumentos de equivalência moral em vigor na atualidade, tão comum que parece que algumas pessoas não são capazes de aceitar que pode haver aspectos negativos no islã, a menos que se empenhem em pontuar que estes últimos também existam no cristianismo. É certo que nenhum grupo, seja religioso ou não, possui o monopólio dos defeitos ou das virtudes, porém isto não implica que todas as tradições religiosas sejam equivalentes em quanto a natureza de seus ensinamentos ou a capacidade das mesmas para fomentar a violência.

Durante seus primeiros três séculos de existência, o cristianismo esteve proscrito e sujeito a perseguições esporádicas por parte das autoridades romanas. Não somente era uma religião que não se difundia por meio da violência, mas que as listas de mártires cristãos incluem numerosos nomes de pessoas que foram alvos de atos de violência porque haviam se convertido ao cristianismo. Em contrapartida, na época da morte de Maomé, os muçulmanos não tiveram que enfrentar uma oposição forte ou organizada, e, no entanto seguiram brandindo a espada em defensa de sua fé. Nas primeiras épocas do cristianismo, a Igreja enviou missionários para pregar entre os pagãos e convencê-los da verdade de sua fé. Todas as antigas nações cristãs da Europa recordam-se dos missionários cristãos que chegaram com sua fé: São Patrício, na Irlanda, Santo Agostinho de Canterbury, na Inglaterra, São Cirilo e São Metódio na Europa Central e Oriental, e outros. Todos eles eram sacerdotes e monges, não militares. Em vez disso, os muçulmanos levaram exércitos ao campo de batalha, e estes enfrentavam as forças não-muçulmanas oferecendo-lhes a escolha entre as três alternativas dadas por Maomé: a conversão, a submissão ou a morte. O maior número de convertidos adveio nas populações conquistadas dos *dhimmis*, que encaravam a adesão ao islã como o único meio de terem uma existência digna. Tendo em conta todas as desumanidades causadas pela *dhimmitude*, é bastante surpreendente que finalmente muitos *dhimmis* escolheram o islã.

Atualmente, muitos muçulmanos negam enfaticamente que o islã se difundiu por meio da força e apontam que a conversão forçada é proibida no islã. Isto é absolutamente correto: o que se difundiu pela força foi a hegemonia política e social do sistema islâmico. As conversões ao islamismo foram uma consequência da imposição desse sistema, quando os *dhimmis* começaram a ter que experimentar sua miséria.

PARTE II

AS CRUZADAS

Capítulo 10

Por que se convocaram as Cruzadas?

De acordo com a declaração do jornalista Amin Maalouf em *The Crusades Through Arab Eyes [As Cruzadas Vistas Pelos Árabes]*, o saque de Jerusalém pelos cruzados em 1099 foi "o início de uma hostilidade milenar entre o islã e o Ocidente" [215]. O especialista e apologista do islã John Esposito é mais incisivo e culpa as Cruzadas ("as chamadas guerras santas") de uma forma geral de interrupção do desenvolvimento de uma civilização pluralista: "Haviam transcorrido cinco séculos de coexistência pacífica antes que certos acontecimentos políticos e um poder papal imperialista conduzissem a uma sucessão das chamadas *guerras santas*, que durante séculos confrontaram o cristianismo com o islã, deixando um persistente legado de incompreensão e desconfiança" [216].

SABIA QUE...?

• As Cruzadas não constituíram atos de agressão desmotivados por parte da Europa contra o mundo islâmico, mas foram uma resposta tardia a séculos de agressões muçulmanas, fortemente alavancadas durante o século XI;
• Foram guerras de reconquista das terras cristãs e de defensa dos cristãos e não de imperialismo religioso;
• As Cruzadas não foram convocadas para converter pela força os muçulmanos nem a outros povos ao cristianismo.

Maalouf parece não levar em consideração o fato de que a "hostilidade milenar" pode haver começado com a ameaça velada do profeta Maomé dirigida aos líderes vizinhos não-muçulmanos, e proferida a mais de 450 anos antes que os cruzados entrassem em Jerusalém, para que "abraçassem o islã e então estariam a salvo" [217]. Tampouco considera a possibilidade de que os muçulmanos possam haver alimentado essa "hostilidade milenar" ao apropriarem-se de territórios cristãos - que alcançavam a terça parte do que anteriormente havia sido o mundo cristão vários séculos antes das Cruzadas. Os "cinco séculos de coexistência pacífica" a que se refere Esposito foram exemplificados, segundo disse, pela conquista muçulmana de Jerusalém no ano de 638: "As igrejas e a população cristão não foram molestadas" [218]. Porém não menciona o

[215] Anún Maalouf, The Crusades Through Arab Eyes, Schocken Books, Nova Iorque, 1984, pp. xvi. Tem edição espanhola: As Cruzadas vistas pelos árabes, Alianza, Madrid, 1989.
[216] John Esposito, Islam: The Straight Path, terceira edição, Oxford University Press, Oxford, 1998, p. 58
[217] Al-Bujari, op. cit., vol. 4, livro 56, nº 2.941
[218] John Esposito, op. cit., p. 58

sermão de Sofrônio no Natal do ano de 634, quando se queixava da "espada selvagem, bárbara e sangrenta" dos muçulmanos, e quão difícil havia se tornado a vida dos cristãos por causa dessa espada [219].

Mito politicamente correto: As Cruzadas constituíram um ataque europeu, sem nenhuma provocação, contra o mundo islâmico

Este é o pior. A conquista de Jerusalém no ano de 638 marcou o começo de séculos de agressão muçulmana, e os cristãos da Terra Santa tiveram que suportar uma escalada crescente de perseguições. Têm-se aqui alguns exemplos: no começo do século VIII, sessenta peregrinos de Amório foram crucificados, na mesma época, o governador muçulmano da Cesareia capturou um grupo de peregrinos de Icônio e os executou sob a acusação de espionagem, exceto um reduzido número, que se converteu ao islã, o qual os muçulmanos os extorquiram, para que entregassem seu dinheiro, com a ameaça de saquear a Igreja da Ressurreição se não pagassem. No final do século VIII, um governante muçulmano proibiu a exibição da cruz em Jerusalém. Também aumentou o tributo (*jizya*) que os cristãos deviam pagar, e os proibiu de dar orientação religiosa a outras pessoas, incluindo seus próprios filhos.

A brutal subserviência e a violência passaram ser a regra geral do tratamento aos cristãos na Terra Santa. No ano de 772, o califa ordenou que se estampasse um símbolo de identificação nas mãos dos cristãos e judeus de Jerusalém. As conversões ao cristianismo estavam punidas com particular severidade. No ano de 789, muçulmanos decapitaram um monge que havia se convertido do islamismo e saquearam o mosteiro de São Teodósio, em Belém, matando vários monges. Outros mosteiros da região sofreram o mesmo destino. No início do século IX, as perseguições aumentaram a tal ponto que um grande número de cristãos fugiu para Constantinopla e outras cidades cristãs. No ano de 923, novas perseguições destruíram mais igrejas, e em 937 muçulmanos geraram enormes tumultos no Domingo de Ramos em Jerusalém, saqueando e destruindo a Igreja do Calvário e da Ressurreição. [220]

[219] Citado em Bat Ye'or, op. cit., p. 44

[220] Moshe Gil, A History o/ Palestine 634-1099, Cambridge University Press, Cambridge, 1992, pp. 473-476. Como elemento em seu favor, pode dizer-se que o califa Al-Muqtadir respondeu as perseguições do ano de 923 com a ordem de reconstruir a igreja.

MAOMÉ vs. JESUS

"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!"

Jesus (São Mateus, 5: 8-10)

"Alá atribui a pessoa a participar nas guerras santas pela Causa de Alá, e nada a leva a fazer exceto a crença em Alá e em Seus Enviados, e será recompensado por Alá seja como um prêmio ou botim (caso sobreviva) ou a admissão no Paraíso (caso morra na batalha como mártir) [221]

Como reação a estas perseguições aos cristãos, os bizantinos passaram de uma política defensiva para com os muçulmanos a uma posição ofensiva que objetivava reconquistar alguns dos territórios perdidos. Na década de 960-970, o general Nicéforo Focas (futuro imperador bizantino) realizou uma série de campanhas bem sucedidas contra os muçulmanos, reconquistando Creta, Cilícia, Chipre e até mesmo algumas áreas da Síria. No ano de 969, reconquistou a antiga cidade cristã de Antioquia. Na década de 970-980, os bizantinos estenderam sua campanha Síria adentro [222].

Na teologia islâmica, se um território pertenceu em algum momento a Casa do Islã, então este lhe pertencerá para sempre e os muçulmanos devem empregar a guerra para restaurar seu controle sobre eles. No ano de 974, quando se deparou com uma série de derrotas frente aos bizantinos, o califa abássida (sunita) de Bagdá declarou a *jihad*. Isto deu origem as primeiras campanhas da *jihad* contra os bizantinos lançadas por Saif al-Dawla, governante da dinastia xiita hamdaní de Aleppo entre os anos 944 e 967. Saif al-Dawla convocou os muçulmanos a lutarem contra os bizantinos com o pretexto de que estes estavam apropriando-se de terras que pertenciam a Casa do Islã. Esta convocação teve tanto êxito que guerreiros muçulmanos de lugares tão longínquos como a Ásia Central se uniram as *jihads* [223].

No entanto, a desunião entre sunitas e xiitas, finalmente obstaculizou os esforços da *jihad* islâmica e no ano de 1001 o imperador bizantino Basílio II firmou uma trégua com o califa (xiita) fatímida [224].

No entanto, Basílio logo se deu conta que a assinatura de tais tréguas eram irrelevantes. No ano de 1004, o sexto califa fatímida, Abu Ali al-Mansur al-Hakim (985-1021) assumiu uma violenta oposição a fé de sua mãe cristã e de seus tios (dois dos quais eram patriarcas), ordenando a destruição de igrejas, a queima de crucifixos e o

[221] Al-Bujari, op. CIt., vol. 1, livro 2, nº 36.
[222] Steven Runciman, op. Cit., pp. 30-32
[223] Carole Hillenbrand, The Crusades.· Islamic Perspectives, Routledge, Oxford, 2000, p. 101.
[224] Steven Runciman, op. cit., p. 33

confisco de bens eclesiásticos. Ao mesmo tempo, perseguiu os judeus com semelhante ferocidade. Durante os dez anos seguintes, trinta mil igrejas foram destruídas, e um número incontável de cristãos se converteu ao islã somente para salvar suas vidas. No ano de 1009, Al-Hakim deu sua ordem mais esdrúxula contra os cristãos: decretou a destruição da Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém, conjuntamente com algumas outras igrejas (incluindo a Ressurreição). A Igreja do Santo Sepulcro, reconstruída pelos bizantinos no século VII depois de os persas queimarem sua versão mais antiga, marca o tradicional local do enterro de Cristo; ela também serviu como um modelo para a Mesquita de Al-Aqsa. Al-Hakim ordenou que a tumba em seu interior fosse reduzida a escombros. Também ordenou que os cristãos carregassem pesadas cruzes penduradas no pescoço (e judeus, pesados blocos de madeira em forma de bezerro). Também foi acumulando outros decretos humilhantes, que culminaram com a ordem de que deviam aceitar o islã ou deixarem seus domínios [225].

O errante califa finalmente atenuou a perseguição dos não-muçulmanos, inclusive devolveu grande parte das propriedades confiscadas da Igreja [226]. Uma das causas prováveis da mudança de atitude de Al-Hakim pode ter sido o fortalecimento de sua fraca conexão com a ortodoxia islâmica. No ano de 1021, desapareceu em circunstâncias misteriosas; alguns de seus seguidores proclamaram seu caráter divino e fundaram uma seita baseada neste mistério e nos ensinamentos esotéricos de um clérigo muçulmano, Mohamed ibn Ismael al-Darazi (a partir do qual surge a denominação da seita drusa) [227]. Graças a esta mudança de política por al-Hakim, que continuou depois de sua morte, os bizantinos foram capazes de reconstruir no ano de 1027 a Igreja do Santo Sepulcro [228].

Não obstante os cristãos estavam em uma situação muito precária e os peregrinos continuaram sob ameaças. No ano de 1056, os muçulmanos expulsaram três mil cristãos de Jerusalém e proibiram os cristãos europeus de entrarem na Igreja do Santo Sepulcro [229]. Quando os ferozes e fanáticos turcos seljúcidas arrasaram a Ásia Central, tiveram que suportar uma nova onda islâmica com a qual a vida foi se tornando cada vez mais difícil tanto para os cristãos da região como para os peregrinos (cujas peregrinações foram impedidas). No ano de 1071, depois de esmagar os bizantinos em Manziquerta, e tendo feito prisioneiro o imperador bizantino Romano IV Diógenes, toda a Ásia Menor estava a sua disposição e seu avanço se tornou praticamente ininterrupto. Em 1076 conquistaram a Síria, e em 1077, Jerusalém. O emir seljúcida Atsiz Ibn Uwaq prometeu não haver abusos aos habitantes de Jerusalém, porém uma vez que seus homens adentraram a cidade assassinaram três mil pessoas [230]. Nesse mesmo ano, os seljúcidas instituíram o sultanato de Rum (Roma, referindo-se à Nova Roma, Constantinopla) em Nicéia, perigosamente perto de Constantinopla; a partir de lá

[225] Moshe Gil, op. cit., p. 376.
[226] Steven Runciman, op. cit., pp. 35-36; Carole Hillenbrand, op. cit., pp. 16-17; Jonathan Riley-Smith, The Crusades: A Short History, Yale University Press, New Haven CT, 1987, pp. 44
[227] Bernard Lewis, op. cit., p. 33. 227
[228] Steven Runciman, op. cit., p. 36
[229] Ibid., p. 4
[230] Moshe Gil, op. elt., p. 412

continuaram ameaçando os bizantinos e acossando os cristãos em todos seus novos domínios.

O império cristão de Bizâncio, que antes das guerras de conquista do islã havia dominado vastas extensões que incluíam o sul da Itália, norte de África, Oriente Médio e Arábia, havia sido reduzido a um território pouco maior que a Grécia. Seu desaparecimento nas mãos dos seljúcidas parecia iminente. A Igreja de Constantinopla considerava os papas como cismáticos, e haviam se enfrentado durante séculos, mas o novo imperador Aleixo I Comneno (1081-1118) engoliu seu orgulho e pediu ajuda. Assim surgiu a Primeira Cruzada: em resposta ao pedido de ajuda do imperador bizantino.

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram um exemplo inicial do imperialismo predador de Ocidente

Imperialismo predatório? É difícil que fosse. O papa Urbano II, que fez a convocação à Primeira Cruzada no Concílio de Clermont do ano de 1095, pedindo uma ação defensiva que era necessária a muito tempo. Como explicado, convocava a Cruzada, pois caso não fosse realizada nenhuma ação defensiva, "a fé em Deus irá ser atacada com uma intensidade ainda maior" pelos turcos e outras forças muçulmanas. Depois de haver advertido a seus fiéis de que mantivessem a paz entre eles, centrou sua atenção em Oriente:

Visto que seus irmãos que vivem no leste necessitam urgentemente de ajuda, devem apressar-se em lhes dar a ajuda que com frequência os têm prometido. Isto porque, como a maioria de vocês já ouviu, os turcos e os árabes os atacaram e tem conquistado o território da Romênia [do império grego], chegando em marcha do oeste até a costa do Mediterrâneo e o Helesponto, denominado o Braço de São Jorge. Têm sido ocupadas extensões cada vez maiores dos territórios cristãos, os vencendo em sete batalhas. Eles têm matado e capturado a muitos deles, destruído as igrejas e devastando o império. Se permitirmos que continuem assim com impunidade, a fé em Deus irá ser atacada com uma intensidade ainda maior. Dada esta situação, eu, ou melhor, o Senhor, os suplica que, como anunciadores de Cristo, difundais isso por todas as partes e persuadam toda a gente, sem distinção de classes, e sejam soldados ou cavaleiros, ricos ou pobres, e que se aprontem rapidamente para ajudar os cristãos e para destruir essa raça vil que está nas terras de nossos amigos [...] Ademais, Cristo ordena. [231]

[231] Papa Urbano II, «Speech at Council of Clermom, 1095, according to Fulcher of Chartres», citado em Bongars, Gesta Dezper Francos, 1,382 ff., trans. em Oliver]. Thatcher, y Edgar Holmes McNeal, eds., A Source Bookfor Medieval History, Scribners, Nova Iorque, 1905, pp. 513-517.

Desde os confins de Jerusalém e da cidade de Constantinopla tem circulado uma penosa informação e chegado repetidas vezes a nossos ouvidos; a saber, uma raça do império persa, uma raça maldita, uma raça completamente estranha a Deus, "uma geração sem firmeza no coração e cujo espírito não está com Deus", tem invadido violentamente as terras desses cristãos e as tem despojado por meio do saque e do fogo. Vem levando boa parte dos prisioneiros para seu país, e a outros os tem matado por meio de cruéis torturas. Tem destruído as igrejas de Deus, ou apropriam-se dela para usá-las nos ritos de sua própria religião. Destroem os altares, depois os haver profanado com seus excrementos [...] agora o reino dos gregos foi desmembrado por eles, e tem sido privado de um território tão vasto em extensão que necessita de períodos de dois meses para atravessá-lo [...] contudo, esta Cidade Real, situada no centro da Terra, agora foi capturada pelos inimigos de Cristo, e tem sido submetida àqueles que não conhecem a Deus para a adoração do pagão. Consequentemente, esta busca e deseja ser libertada, e não deixa de implorar que apressem em sua ajuda. Os pede ajuda especialmente a vós, porque, como tenho dito, Deus os tem conferido, acima de outras nações, a grande glória das armas. [232]

A HISTÓRIA SE REPETE: DEFENSORES DO ISLÃ?

Na lei islâmica, a *jihad* é obrigatória sempre que um território muçulmano esteja sujeito a ataque: "Quando os não-muçulmanos invadem um país muçulmano ou outro próximo [...] a *jihad* é uma obrigação pessoal para o povo desse país que deve repelir os não-muçulmanos com todos os meios que dispuserem" [233].

Ao longo da história do islã sempre houve convocações para à *jihad*, quando em meados do século X, o governante Saife Aldaulá lançou as campanhas anuais de *jihad* contra os bizantinos, os muçulmanos chegavam de todas as partes para participar das mesmas, e assim fizeram porque, do ponto de vista, os bizantinos estavam desencadeando guerras agressivas para apropriarem-se de terras muçulmanas. Posteriormente, durante a Primeira Cruzada, um poeta fez uma exortação para que muçulmanos dessem uma resposta: "Acaso não tenhais uma obrigação para com Alá e o islã de defender os jovens e os anciãos? Respondei a Alá! Pobre de vós, Respondei!"[234]. O venerável jurista islâmico, e o mais querido pelos *jihadistas* atuais ibn Taymiyya (Taqi al-Din ibn Taymiyya, 1263-1328) considerava que a *jihad* era uma obrigação absoluta: "Se o inimigo quer atacar os muçulmanos, então enfrentá-los torna-se um dever para todos aqueles que são atacados e aos demais a ajudar" [235]. Estes são alguns dos outros exemplos de convocações à *jihad* ocorridos durante os últimos cem anos: em 1914, no início da Primeira Guerra Mundial, o califa otomano sultão Maomé V proclamou a fátua (decreto religioso) convocando para a *jihad*; no ano de 2003, um grupo de *jihadista* checheno anunciava: "Quando o inimigo entra em um território,

[232] James Harvey Robinson, ed., Readings in European History: Vil. I, Ginn and ea., Bastan, MA, 1904, pp. 312-316

[233] Umdat al-Salik, op. cit., 09.1

[234] Carole Hillenbrand, op. cit., p. 71.

[235] Ibn Tayrniyya, «The Religious and Moral Doctrine of YihacD>, em Rudolph Peters, Ythad in Classical and Modem islam: A Reader, Markus Wiener Publishers, Princeton, NJ, 1996, p. 53.

uma cidade ou um povoado onde vivem muçulmanos, então todo o mundo muçulmano está obrigado a ir à guerra" [236]. Em 2003, o Centro Islâmico de Investigação da Universidade de Al-Azhar do Cairo fez esta declaração: "De acordo com a lógica e a lei religiosa islâmica, se o inimigo invade a terra dos muçulmanos, a *jihad* passa a ser uma ordem individual que se aplica a todo muçulmano, homem ou mulher, porque nossa nação muçulmana estará sujeita a uma nova invasão dos cruzados que tomam como objetivo a terra, a honra, as crenças e a pátria" [237]. No final do ano de 2002, o xeique Omar Bakri Mohamed, eminente imã *jihadista* residente em Londres, disse que "quando o inimigo entra em terra muçulmana, tal como Palestina, Chechênia, Kosovo [sic] ou Caxemira, todos os muçulmanos que vivam a um dia de viagem da agressão" devem combater, com todo o suporte possível dos muçulmanos de todo o mundo.[238]

A convocação do Papa invocava a destruição muçulmana da Igreja do Santo Sepulcro: "Que o Santo Sepulcro de Nosso Senhor e Salvador, que foi tomado por nações impuras, os façam despertar, e também os lugares santos que agora são alvos de tratamento blasfemo, e que são profanamente contaminados com os excrementos dos impuros." [239]

A HISTÓRIA SE REPETE: *JIHADISTAS* DE TODA PARTE

Como se tem visto, ao longo da história, os guerreiros muçulmanos *jihadistas* atravessaram grandes distâncias para participar nas últimas *jihads*. Na década de 1990, os Bálcãs passaram a ser o destino favorito dos veteranos da *jihad* do Afeganistão e da Chechênia. Um preeminente chefe da *jihad* na Bósnia, Abu Abdel Aziz, explicava que ele foi para lá depois de encontrar-se com algumas autoridades islâmicas na Arábia Saudita, e revelou: "Todos eles respaldam o ditame religioso de que o combate na Bósnia é uma luta para que a palavra de Alá seja suprema, e para proteger a castidade dos muçulmanos. Isto é assim porque Alá disse (em seu livro sagrado): 'Mas se vos pedirem socorro, em nome da religião, estareis obrigados a prestá-lo' (literalmente "socorrê-los na religião", Alcorão, Al-Anfal, 8: 72). Portanto, é nossa obrigação (religiosa) defender os nossos irmãos muçulmanos em qualquer parte quando forem perseguidos, porque são muçulmanos e por nenhum outro motivo" [240].
Antes, durante e depois da guerra de Iraque de 2003, *jihadistas* provenientes de toda parte do mundo se deslocaram até esse país, inclusive de alguns lugares inesperados; no final de 2003, um oficial alemão disse: "Desde o fim da guerra, tem havido um

[236] Shariah Council of State Defense Council «Majlis al-Shura» de la República Chechena de Ichkeria, «Yihad And Its Solution Today», Yihad Today, nº 7.
[237] Middle East Media Research Institute (MEMRI), «Yihad Against the U. S.: AlAzhar's Conflicting Fatwas», MEMRI Special Dispatch N.O 480,16 de março de 2003.
[238] Middle East Media Research Institute (MEMRl), <<lslamic Leader in London: No Universal Yihad As Long As There Is No Caliphate», MEMRI Special Dispatch 435,30 de outubre de 2002.
[239] Ibid.
[240] Tawfiq Tabib, «Interview with Jequeh Al-Mujahideen Abu Abdel Aziz», Al-Sirat Al-Mustaqeem (The Straight Path), agosto de 1994

amplo deslocamento de gente motivada pelo extremismo islâmico, que tem partido da Alemanha e o resto da Europa para o Iraque". [241]

Nas Cruzadas confluíram distintas peregrinações: os cristãos da Europa rumavam para a Terra Santa por motivos religiosos, com a intenção de defenderem-se caso seu caminho fosse bloqueado ou fossem atacados. Muitos deles faziam votos religiosos. Especialmente no começo, muitos soldados foram à Terra Santa; a maioria dos participantes nesta "Cruzada Popular" foram ignominiosamente massacrados pelos turcos na Ásia Menor ocidental em agosto de 1096.

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram realizadas por ocidentais ávidos por dinheiro

Claro, nem todas as motivações dos cruzados eram puras. Em mais de uma ocasião, muitos deles abandonaram os elevados ideais de peregrinos cristãos. Porém o dogma politicamente correto de que as Cruzadas constituíram ações não provocadas e imperialistas contra uma população muçulmana pacífica é, em si, historicamente inverídica e reflete uma aversão para com a civilização ocidental em vez de ser o resultado de uma investigação genuína.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

The New Concise History of the Crusades [A Nova Breve História das Cruzadas], de Thomas F. Madden, Rowman & Littlefield, Lanham, MD, 2005, é uma resenha dinâmica que dissipa inúmeros mitos dos politicamente corretos acerca das causas que deram origem as Cruzadas, de seus participantes e do ocorrido em cada uma delas.

O papa Urbano II não enxergou as Cruzadas como uma oportunidade para obter ganhos, decretando que as terras recuperadas dos muçulmanos fossem entregues a Aleixo I Comneno [242] e ao Império Bizantino. O Papa via as Cruzadas mais como um ato de sacrifício do que como uma ocasião para saques. [243]

[241] Stephen Graham, «Muslim Militants From Europe Drawn to Iraq», Associated Press, 3 de novembro de 2003.
[242] Imperador de Bizâncio entre 1081 a 1118
[243] Ibid

Na verdade, o emprego das Cruzadas foi extremadamente oneroso. Os cruzados vendiam suas propriedades com objeto de angariar fundos para sua longa viagem à Terra Santa, e assim faziam sabendo que talvez nunca mais regressassem.

Um exemplo típico de cruzado foi Godofredo de Bolhão, duque da Baixa Lorena e um dos mais preeminentes senhores europeus que "tomaram a cruz" (tal como se conhecia o feito de unir-se as Cruzadas). Ele vendeu muitas propriedades para financiar sua viagem, porém decidiu firmemente regressar ao seu lar em vez de estabelecer-se no Oriente Médio, porque não renunciou a seu título nem a totalidade de suas propriedades[244].

Estudos recentes de documentos envolvendo os cruzados revelam que a maioria deles não eram "secundogênitos" que iam atrás de ganhos e patrimônio no Oriente Médio. A maioria era como Godofredo, senhores de propriedades e homens que tinham muito a perder [245]. É evidente que alguns cruzados foram pessoalmente beneficiados após a Primeira Cruzada. Fulquério de Chartres escreve: "Aqueles que lá eram pobres, aqui Deus os fazem ricos. Aqueles que possuíam poucas moedas, aqui possuem inúmeros besantes [moeda de ouro do Império Bizantino], e aqueles que não possuíam uma vila, aqui, pela graça de Deus, possuem uma cidade" [246]. Mas a maioria dos que regressaram a Europa voltavam sem bens materiais que recompensassem seus esforços.

Mito politicamente correto: As Cruzadas se formaram para converter pela força os muçulmanos ao cristianismo

Segundo versões politicamente corretas, os cruzados varreram o Oriente Médio com espadas em punhos e se dedicaram a matar a todos os "infiéis" que encontrassem em seu caminho, exceto aqueles que foram obrigados a converter-se ao cristianismo. Mas isso é uma fantasia escabrosa derivada de motivações políticas. Nas informações sobre o discurso do papa Urbano II no Concilio de Clermont não há o menor indicio de ordem alguma de converter os muçulmanos. A única preocupação do Papa era defender os peregrinos cristãos e recobrar as terras cristãs. Os cristãos europeus não realizaram nenhuma ação de conversão de muçulmanos ao cristianismo, somente a mais de cem anos depois da Primeira Cruzada (no século XIII), quando os franciscanos começaram seu trabalho missionário entre os muçulmanos nas terras dominadas pelos cruzados. Estes esforços resultaram-se totalmente infrutíferos.

Quando os cruzados obtiveram a vitória e estabeleceram reinos e principados no Oriente Médio, geralmente deixavam os muçulmanos em paz em seus domínios, que

[244] Thomas Madden, The New Concise History of the Crusades, Rowman & Littlefield, Lanham, 2005, pp. 19-20
[245] Ibid, p. 12
[246] Citado em August C. Krey, The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants, Princeton, 1921, pp. 280-281

praticavam livremente sua religião, formando novas mesquitas e madraças e manterem seus tribunais religiosos. Alguns têm comparado a nova condição dos muçulmanos com a dos demais *dhimmis* em terras muçulmanas; conservavam certo grau de autonomia, porém estavam sujeitos ao pagamento de encargos impositivos desfavoráveis e a outras restrições. É possível que os cruzados tenham adotado algumas das leis *dhimmis* vigentes, mas não submeteram os judeus ou os muçulmanos a códigos de vestimenta. Por conseguinte, tanto os judeus como os muçulmanos evitavam ser objeto de assédio e de discriminações cotidianas [247]. Isto era o oposto das praticas muçulmanas. A diferença essencial é que a *dhimma* nunca formou parte da doutrina e das leis cristãs, como tem sido, e seguem sendo, no islã.

Ademais, o muçulmano espanhol Ibn Jubair (1145-1217), que no começo dos anos de 1180 atravessou o Mediterrâneo em sua peregrinação a Meca, viu que os muçulmanos estavam melhores nas terras controladas pelos cruzados que nos territórios islâmicos. Nessas terras havia mais ordem e estavam melhores geridas que as que tinham governo muçulmano, no qual inclusive os mesmos muçulmanos preferiam viver nos reinos cruzados:

Depois de deixar Tibnin (perto de Tiro), atravessamos por uma diversidade de fazendas e povoados cujas terras estavam cultivadas de maneira eficaz. Os habitantes eram todos muçulmanos, mas conviviam confortavelmente com os francos [os cruzados], que Deus os livrem da tentação! Suas moradias lhes pertencem, e suas propriedades não lhes são tomadas. Todas as regiões controladas pelos francos na Síria respondem ao mesmo sistema: os domínios de terras, povoados e fazendas tem ficado nas mãos dos muçulmanos. Agora, no coração de muitos destes homens está alojado a dúvida quando comparam a sua parte com a de seus irmãos que vivem em território muçulmano. Na verdade, estes últimos padecem da injustiça de seus correligionários, enquanto os francos atuam com equidade.[248]

Tudo isto vem de encontro a discussão da ideia de que os cruzados eram bárbaros que atacaram uma civilização superior muito mais avançada.

[247] Jonathan Riley-Smith, op. Cit., p. 116.
[248] Citado em Amin Maalouf, op. CIt., p. 263

Capítulo 11

As Cruzadas. Mito e realidade

Muitas vezes tem se afirmado que: "Os cruzados marcharam através da Europa até o Oriente Médio. Uma vez lá, saquearam e assassinaram muçulmanos e judeus, homens, mulheres e crianças indiscriminadamente, e obrigaram os sobreviventes a converterem-se ao cristianismo. Em meio a um banho de sangue, estabeleceram protocolônias europeias no Oriente, inspirando e gerando modelos a serem seguidos por posteriores legiões de colonialistas. Assentaram as bases do primeiro crime em massa, numa escala mundial, transformando-se em uma mancha na história da Igreja Católica, da Europa e da civilização ocidental. Foram tão terríveis que o papa João Paulo II pediu perdão ao mundo islâmicos pelas Cruzadas". Há verdades nisso? Não. Praticamente todas as afirmações deste parágrafo, que ainda são realizadas rotineiramente por inúmeros "especialistas", estão erradas.

SABIA QUE...?

• As Cruzadas não foram uma manifestação precoce do colonialismo europeu no Oriente Médio;
• A matança de judeus e muçulmanos cometidos pelos cruzados em Jerusalém em 1099 foi uma terrível atrocidade, mas isso não foi nada de anormal em termos dos códigos de guerra daquela época;
• As Cruzadas não foram convocadas nem contra os judeus, nem contra os muçulmanos.

Mito politicamente correto: Os cruzados instalaram colônias europeias no Oriente Médio

Quando os cruzados viajaram para o leste em resposta da convocação do papa Urbano II, seus principais líderes se encontraram com o imperador bizantino Aleixo I Comneno. Este encontro serviu para firmar o pacto, em função do desejo do papa Urbano II, de que as terras que conquistassem deveriam ser devolvidas ao Império Bizantino. Os cruzados concordaram, porém mudaram de idéia após o cerco de Antioquia em 1098. Como o cerco se prolongou ao longo do inverno e os exércitos muçulmanos avançavam pelo norte de Jerusalém, os cruzados esperavam que o imperador bizantino chegasse com suas tropas. Mas o imperador havia recebido um relatório onde se dizia que a situação dos cruzados na Antioquia estava perdida,

regressando assim com suas tropas. Os cruzados sentiram-se traídos e ficaram irados. Depois de haverem superados enormes adversidades e tomado Antioquia, renunciaram aos acordos pactuados com Aleixo I e começaram a estabelecer seus próprios governos.

No entanto, não se tratava de planos coloniais. Os estados cruzados não podem ser reconhecidos como colônias por alguém que esteja familiarizado com a Virginia, a Austrália ou as Índias Orientais Holandesas nos últimos séculos. Numa forma geral, uma colônia é um território governado por um poder externo. Mas os estados cruzados não eram governados da Europa Ocidental, e os governos que se estabeleceram não respondiam a nenhum poder ocidental. Tampouco os chefes dos cruzados transferiam riquezas de suas terras à Europa, ou formalizaram acordos econômicos com algum país europeu. Seus estados foram organizados com base no objetivo de fornecer uma proteção permanente aos cristãos na Terra Santa.

Na verdade, muitos cruzados deixaram de se considerar europeus. O cronista Fulquério de Chartres escreveu o seguinte:

Peço-lhes para considerarem e refletirem sobre a medida que, em nossos dias, Deus transferiu o Ocidente ao Oriente. Nós, que éramos ocidentais, agora passamos a ser orientais. Quem era romano ou francês agora é galileu ou habitante da Palestina. O que era cidadão de Reims ou de Chartres agora passou a ser cidadão de Tiro ou de Antioquia. Também esquecemo-nos de nossas terras natais, que passaram a ser desconhecidas para muitos de nós, ou ao menos já não são mencionadas. Aqui alguns possuem agora casas e servos que receberam como herança. Alguns têm tomado por esposas mulheres que não são apenas de seu povo, mas sírias, armênias ou inclusive sarracenas que tem recebido a graça do batismo. Outros já possuem sogro, ou nora, ou genro, ou meio-irmãos, ou padrastos. Há também aqui netos e bisnetos. Uns cultivam vinhas e outros campos. Tanto uns como outros utilizam mutuamente o falar e os modos das distintas línguas. Estas línguas diferentes, que agora passaram a ser comuns, tornaram-se conhecidas para ambas as castas, e a fé une aqueles cujos antepassados eram estranhos. Como está escrito, "o leão e o boi comerão juntos do mesmo capim". Aqueles que eram estranhos agora são nativos, e aquele que era um forasteiro passou a ser um residente. [249]

Ao mesmo tempo, outra característica do colonialismo, a imigração em larga escala do país de origem, não ocorreu. Da Europa não foram colonos se estabelecer nos estados cruzados.

[249] Citado em August C. Krey, The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants Princeton, NJ, 1921, pp. 280-281.

Mito politicamente correto: A tomada de Jerusalém gerou a insegurança dos muçulmanos pelo Ocidente

Depois de um cerco de cinco semanas, os cruzados entraram em Jerusalém, em 15 de julho de 1099. O relato contemporâneo e anônimo de um cristão marcou na memória do mundo, os acontecimentos posteriores:

Um de nossos cavaleiros, chamado Letoldo, escalou a muralha da cidade. Quando ele chegou ao topo, todos os defensores da cidade fugiram rapidamente ao longo dos muros e através da cidade. Nossos homens os seguiram e os perseguiram até o Templo de Salomão, matando-os e dando-lhes machadadas, e ali era tal a matança que o sangue do inimigo chegava a nossos homens até o calcanhar. O emir que estava no comando da Torre de Davi rendeu-se ao conde [de Saint-Gilles] e abriu o portão por onde os peregrinos iam pagar seu tributo. Entrando na cidade, os nossos peregrinos avançaram e mataram os sarracenos até o Templo de Salomão. Ali os sarracenos estavam reunidos e resistiram com firmeza durante todo o dia, com o qual seu sangue fluía por todo o templo. Finalmente, os pagãos foram sobrepujados e nossos homens capturaram muitos homens e mulheres no templo, matando-os ou deixando-os com vida se lhes fosse conveniente. No telhado do templo havia uma grande quantidade de pagãos de ambos os sexos, a quem Tancredo e Gastão de Beert estabeleceram as condições [para dar-lhes proteção]. Depois os cruzados se dispersaram por toda a cidade, apoderando-se de prata e ouro, de cavalos e mulas, e entraram nas casas repletas de todo tipo de mercadorias. Logo nossos homens expressaram sua satisfação, e choraram de alegria de poder venerar o sepulcro de Jesus Nosso Salvador, e ali saldaram a dívida que tinham com Ele. [250]

É contrária as nossas modernas sensibilidades a leitura em um olhar positivo de um massacre tão gratuito; essa é a diferença entre as atitudes e pressupostos dessa época e as de nossos dias. Da mesma forma, em setembro 1099, três dos principais chefes cruzados, o arcebispo Dagoberto, Godofredo, duque de Bolhão, e Raimundo, conde de Tolosa, vangloriavam-se ante o papa Pascoal II das proezas dos cruzados em Jerusalém: "Se quereis saber o que se tem feito com o inimigo que foi encontrado ali, sabei que no pórtico de Salomão e em seu templo nossos homens os lavaram com o sangue dos sarracenos chegando aos joelhos de seus cavalos" [251]. É significativo que o mesmo Godofredo, um dos líderes cruzados mais respeitados, não participou do massacre; talvez fosse mais consciente do que os soldados rasos de que essa conduta representava uma traição aos princípios dos cruzados.

O bispo Balderico, autor de uma história sobre Jerusalém do princípio do século XII, informa que os cruzados mataram entre vinte e trinta mil pessoas na cidade [252]. Isto

[250] R. G. D. Laffan, Select Documents of European History 800-1492, volumen 1, Henry Holt, 1929.
[251] Arzobispo Daimbert, duque Godfrey y conde Raymond, «Letter to Pope Paschal II, September, 1099», [em Colman]. Barry, ed., Readings In Church History, Christian Classics, Michigan, 1985, p. 328.
[252] Moshe Gil, A History of Palestine 634-1099, Cambridge University Press, Cambridge, 1992, p. 827.

é um pouco exagerado, mas fontes muçulmanas dão cifras ainda maiores. Enquanto as primeiras fontes muçulmanas não especificam o número de mortos, Ibn al-Jawzi quando escreve cerca de cem anos após o ocorrido, diz que os cruzados "mataram mais de setenta mil muçulmanos" em Jerusalém. Ibn al-Athir, contemporâneo de Saladino, o líder muçulmano que obteve impressionantes vitórias sobre os cruzados no final do século XII, apresenta uma cifra similar [253]. O historiador do século XV, Ibn Taghribirdi fala de cem mil pessoas. Consequentemente, na história deste massacre, sua envergadura foi crescendo ao longo dos séculos, até o ponto do ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, relatar na universidade católica de Georgetown, em novembro de 2001, que os cruzados mataram não somente todos os guerreiros muçulmanos, ou inclusive a todos os varões muçulmanos, mas também "todas as mulheres e crianças muçulmanos que formavam parte da multidão que estava no Monte do Templo", até que o sangue chegava não somente até seus calcanhares, como dizia o cronista cristão, mas "até seus joelhos", como haviam relatado Dagoberto, Godofredo, e Raimundo. [254]

Estas atrocidades e estes ultrajes foram, como já foi dito muitas vezes, o "ponto de partida de uma hostilidade milenar entre o islã e o Ocidente" [255]. Seria mais correto dizer que foi o início de um milênio de ódio provocativo e propaganda anti-ocidental. O saque a Jerusalém por parte dos cruzados foi um crime atroz, especialmente a luz dos princípios morais e religiosos que diziam manter. No entanto, segundo os baluartes militares da época, não estavam fora do habitual. Naqueles tempos aceitava-se como principio geral da guerra que se uma cidade sitiada resistisse a entregar-se poderia ser saqueada, caso contrário, ter-se-ia piedade dela. Alguns relatos indicam que os cruzados prometeram o perdão aos habitantes de Jerusalém, mas logo denegaram essa promessa. Outros nos contam que permitiram a muitos judeus e muçulmanos abandonarem a cidade. O conde Raimundo deu uma garantia pessoal de proteção ao governador fatímida de Jerusalém, Iftikhar al-Dawla [256]. Quando receberam essas garantias, na mente dos cruzados estava a idéia de que os que permanecessem na cidade eram mais propensos a serem identificados com uma resistência, de modo que suas vidas já não valeriam nada. [257]

O que acontece com esses rios de sangue até os joelhos ou até aos tornozelos? Este é um dispositivo retórico. Quando o cronista cristão e os chefes da Cruzada vangloriaram-se deste modo, todo o mundo a considerava como uma forma de embelezar um relato. Na verdade, não era nem remotamente possível que corressem rios

[253] Francesco Gabrieli, ed., Arab Historians of the Crusades, University of California Press, Berkeley, CA, 1957, p. 11
[254] Bill Clinton, «Remarks as delivered by President William]efferson Clinton, Georgetown University, 7 de novembro de 2001», Georgetown University Office of Protocol and Events, www.georgetown.edu.
[255] Amin Maalouf, The Crusades Through Arab Eyes, op. cil.
[256] Warren Carroll, The Building of Christendom, Christendom College Press, Front Royal, Virginia, 1987, p. 545
[257] A respeito à traição dos cruzados, veja-se Moshe Gil, op. cit., p. 827. Com relação a permissão outorgada a alguns deles para retirar-se, veja-se Thomas F. Madden, The New Concise History of tthe Crusades, op. cit., p. 34.

de sangue. Não havia gente suficiente em Jerusalém para produzir tanto sangue, ainda que sua população tivesse sido somada com os refugiados das regiões vizinhas. O fato de que o saque a Jerusalém não era fora do comum provavelmente explica a natureza lacônica dos primeiros relatos muçulmanos do incidente. Até 1160, dois cronistas sírios, Al- Azimi e Ibn al-Qalanisi escreveram separadamente sobre o saque. Nenhum dos dois faz uma estimativa do número de mortos. Al-Azimi simplesmente dizia que os cruzados "voltaram a Jerusalém e a conquistaram das mãos dos egípcios"; "Godofredo se apoderou da cidade. Queimaram a igreja dos judeus". Ibn al-Qalanisi acrescentou alguns outros detalhes: "Os francos assaltaram a cidade e tomaram posse da mesma. Um certo número de cidadãos fugiu para o santuário, e grande número deles acabaram mortos. Os judeus se reuniram na sinagoga e os francos a queimaram sobre suas cabeças. O santuário se rendeu perante eles para obter garantia de segurança em 22 Sha'ban [14 de julho] desse ano, e eles destruíram os lugares santos e a tumba de Abraão" [258]. Somente a *posteriori* os escritores muçulmanos tomaram consciência do valor de propaganda da ênfase sobre o número total de mortos (e de fazê-lo aumentar).

Em qualquer caso, cabe demonstrar que com freqüência os exércitos muçulmanos agiam exatamente iguais quando entravam em uma cidade conquistada. Isto não significa justificar a conduta dos cruzados pelo pretexto de incidentes similares, e sugerindo que "todos fazem a mesma coisa", como acontece muitas vezes com os apologistas islâmicos hoje, quando se vêem confrontados com a realidade do terrorismo *jihadista* moderno. Uma atrocidade não justifica a outra. Porém em todo caso é nítido o fato de que a conduta dos cruzados em Jerusalém era equivalente a de outros exércitos daquela época, na medida em que todos os Estados subentendiam as mesmas noções do que era um cerco e uma resistência.

De fato, em 1148, o comandante muçulmano Nuredín não hesitou em ordenar a matança de todos os cristãos em Aleppo. Em 1268, quando as forças da *jihad* do sultão mameluco Baibars tomou Antioquia dos cruzados, ficou chateado ao saber que o chefe cruzado, o conde Boemundo VI já tinha deixado a cidade, e escreveu para assegurar de que tomara conhecimento do que seus homens haviam feito em Antioquia:

Você deveria ter visto vossos cavaleiros prostrarem-se diante os cascos dos cavalos, vossas casas assaltadas por ladrões e saqueadas por depredadores, vossas riquezas avaliadas nos quintais, suas mulheres vendidas em levas de quatro por vez e compradas a um dinar por vossas próprias moedas. Você deveria ter visto as cruzes quebradas em vossas igrejas, as páginas rasgadas dos falsos Testamentos, as tumbas dos patriarcas reviradas do avesso. Você deveria ter visto vosso inimigo muçulmano pisoteando o lugar onde celebravas, cortando o pescoço dos monges, sacerdotes e diáconos sobre os altares, levando a morte súbita os patriarcas e tomando como escravo os príncipes da realeza. Você deveria ter visto como o fogo alastrou-se por vossos palácios, vossos mortos queimavam neste mundo antes de descerem ao fogo do próximo, vossos palácios ficando irreconhecíveis, a Igreja de São Paulo e a Catedral de São Pedro derrubadas e

[258] Carole Hillenbrand, op. cit., pp. 64-65.

destruídas; então você teria dito: "Oxalá se tivesse eu antes reduzido tudo isso a pó, e não tivesse recebido nenhuma carta com esta notícia!"[259]

O mais chocante de tudo deveria ter sido a entrada dos *jihadistas* em Constantinopla em 29 de maio de 1453, quando - como os cruzados em Jerusalém no ano de 1099 – finalmente quebraram uma prolongada resistência no cerco da cidade. Aqui novamente correm rios de sangue, como mostra o historiador Steven Runciman. Os soldados muçulmanos "mataram todos que encontraram nas ruas, homens, mulheres e crianças, sem qualquer distinção. Rios de sangue correram por entre as ruas íngremes do alto da Petra em direção ao Corno de Ouro. Mas, de pronto, o desejo pela matança foi se apaziguando. Os soldados se deram conta de que os cativos e os objetos de valor lhes podia trazer grandes benefícios". [260]

Como os cruzados, que violaram tanto o santuário da sinagoga como a mesquita, os muçulmanos assaltaram monastérios e conventos, arrastaram para fora seus moradores, e cometeram pilhagens nas casas de particulares. Entraram em Santa Sofía, que por cerca de mil anos havia sido a igreja mais importante da Cristandade. Os fiéis haviam se reunido dentro de seus muros santos para rezar durante a agonia final da cidade. Os muçulmanos realizaram a celebração do *dhur* (oração da manhã), enquanto os sacerdotes, segundo a lenda, pegaram os vasos sagrados e desapareceram por detrás do muro oriental da catedral, por onde deveriam regressar para completar o ofício religioso. Então os homens muçulmanos mataram os anciões e os mais debilitados, e tomaram o resto como escravos.

Quando terminaram com a chacina e a pilhagem, o sultão otomano Maomé II ordenou a um erudito islâmico subir no elevado púlpito de Santa Sofía e declarar que não havia outro Deus além de Alá, e que Maomé era seu profeta. A magnífica e antiga igreja havia sido transformada em mesquita; tanto em Constantinopla como em outros lugares, centenas de igrejas sofreram o mesmo destino. Milhões de cristãos foram incorporados às fileiras dos infortunados *dhimmis*, outros foram escravizados, e muitos torturados.

Mito politicamente correto: O líder muçulmano Saladino foi mais misericordioso e magnânimo que os cruzados

Uma das figuras mais famosas das Cruzadas é o guerreiro muçulmano Saladino, que reunificou grande parte do mundo islâmico e infligiu significativas derrotas aos cruzados. Em nossa era, Saladino tornou-se o protótipo do guerreiro muçulmano tolerante e magnânimo, e "prova" histórica da nobreza do islã, inclusive sobre sua

[259] Thomas F. Madden, op. cit., pp. 181-182

[260] Steven Runciman, The Fall of Constantinople 1453, Cambridge University Press, Cambridge, 1965, p. 145. Tem edição em espanhol: A queda de Constantinopla, Espasa Calpe, Madrid, 1998.

superioridade a respeito do cristianismo frágil e colonialista ocidental. Nas Cruzadas vistas pelos árabes, Amin Maalouf dá uma imagem dos cruzados como pessoas pouco superiores aos selvagens quando se empanturram da carne daqueles que matam. Mas Saladino não é assim! "Sempre era afável com os visitantes, a quem insistia que se alimentassem e recebia a todos com honra, ainda que fossem infiéis, e satisfazia todos seus pedidos. Não podia suportar que alguém que havia chegado até ele fosse decepcionado, e não faltavam os que se aproveitavam desta qualidade. Um dia, durante uma trégua com os francos, o senhor de Antioquia chegou inesperadamente até a tenda de Saladino e lhe pediu que devolvessem um distrito do qual o sultão havia se apropriado há quatro anos. E ele acatou!" [261]. Que patife adorável! Se o tivessem pedido, poderia ter dado toda Terra Santa!

Isto é fato neste ponto: Saladino se propôs a conquistar Jerusalém em 1187 porque os cruzados, sob o comando de Reinaldo de Châtillon, estavam assaltando caravanas muçulmanas. Os chefes cristãos de Jerusalém ordenaram que Reinaldo parasse, porque sabiam que suas ações punham em risco a própria sobrevivência do reino. Mas ainda assim, ele persistiu no erro; por fim, Saladino, que estava procurando um pretexto para guerrear contra os cristãos, encontrou um nas atitudes de Reinaldo.[262]

A HISTÓRIA SE REPETE: O DUPLO GRAU DE MORALIDADE

Bill Clinton sugeriu que o saque a Jerusalém em 1099 foi a principal causa dos ataques de 11 de setembro. Mas o saque de Constantinopla pelos muçulmanos em 1453 não se faz presente na memória de ninguém. Nenhum presidente apontou como a principal causa de qualquer ato terrorista na atualidade. Na verdade, hoje ele é menos conhecido que outro saque a Constantinopla: o perpetrado pelos cruzados em 1204.

Este é um exemplo do estranho e não reconhecido duplo grau de moralidade que as pessoas politicamente corretas usam para avaliar o comportamento dos ocidentais e não-ocidentais: aos que não são ocidentais, nem brancos, nem cristãos, pode-se perdoar quaisquer atos de atrocidades, mas os registros dos cristãos (e dos pós-cristãos) ocidentais ocupam um lugar permanente na memória mundial. Durante os anos de 2004 e 2005, os escândalos da prisão de Abu Graib chamaram a atenção do mundo inteiro, e de igual modo, das mesmas pessoas que encobriram ou ignoraram atos piores protagonizados por Sadam Husein, Osama bin Laden e Hamas. Tacitamente, se admite um fato que a correção política oficial nega enfaticamente em todos os demais casos: o cristianismo ensina uma moral mais elevada que a do islã, que não só é identificada por cristãos praticantes, mas também por aqueles que têm assimilado estes grandes princípios ao viverem em sociedades baseadas nos mesmo.

[261] Amin Maalouf, op cit., p. 179
[262] Thomas F. Madden, op. cit., p. 74

Tem-se dado bastante importância ao fato de que quando Saladino reconquistou Jerusalém para os muçulmanos em outubro em 1187, foi magnânimo em seu tratamento com os cristãos, claramente em contraste com a conduta dos cruzados em 1099. No entanto, o Saladino real não era o protomulticulturalista ou a primeira versão do Nelson Mandela que nos mostram hoje em dia. Quando em 4 de julho de 1187 suas forças derrotaram definitivamente os cruzados em Hattin, ordenou execuções em massa dos adversários cristãos. Segundo seu secretário, Imad ad-Din, Saladino "ordenou que eles deveriam ser decapitados [de acordo com o versículo do Alcorão 47: 4: 'E quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços'], escolhendo matá-los no lugar de enviá-los a prisão. Com ele havia todo um bando de eruditos e sufís e centenas de homens devotos e de ascetas; cada um pediu para que pudessem matar pelo menos um dos prisioneiros, e desembainharam suas espadas e arregaçaram suas mangas paras prepararem-se. Saladino com o rosto alegre, estava sentado em sua tarima, os infiéis davam sinais de sóbria desesperança" [263].

Além disso, quando Saladino e seus homens entraram em Jerusalém no final desse mesmo ano, viu-se que sua magnanimidade era na realidade mero pragmatismo. De início havia planejado mandar matar todos os cristãos da cidade. No entanto, quando o chefe dos cristãos de Jerusalém, Balião de Ibelín, ameaçou destruir a cidade e matar todos os muçulmanos que se encontravam nela antes que Saladino pudesse entrar na mesma, Saladino cedeu, embora uma vez dentro da cidade matou muitos cristãos que não podia pagar por sua divida. [264]

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram realizadas contra os judeus, além dos muçulmanos

Lamentavelmente, é fato que em algumas ocasiões os cruzados atacaram os judeus. Alguns grupos de cruzados se permitiram desviar-se da missão que lhes havia encarregado o papa Urbano II. Incentivado por pregadores anti-semitas, um contingente de homens que foram para o leste para participar da Primeira Cruzada retornaram e se dedicaram a aterrorizar os judeus na Europa, massacrando muitos. O conde Emich Leiningen e seus seguidores avançaram por entre a Renânia, matando e roubando judeus em cinco cidades alemãs: Seller, Worms, Mainz, Tréveris e Colônia. A notícia dessas atrocidades correu o Oriente Médio, e foram a causa de muitos judeus aliarem-se com os muçulmanos para lutar contra os cruzados. Cinquenta anos depois, outro grupo na Renânia que estava destinado a integrar a Segunda Cruzada começou novamente a massacrar judeus.

Tudo isso é imperdoável, além de ser um incalculável erro de avaliação. Teria sido mais inteligente que os cruzados considerassem os judeus, que eram *dhimmis*,

[263] Ibid., p. 76
[264] Ibid., p. 78.

como seus aliados naturais na resistência a *jihad* islâmica. Os muçulmanos possuíam um tratamento em comum para os judeus e para os cristãos: tratá-los mal. É lamentável que nenhum grupo tenha considerado nunca o outro como um companheiro nos sofrimentos causados pela *dhimmitude* e como camaradas no combate contra seus opressores. No entanto, se ainda hoje, oito séculos após a última Cruzada, esse tipo de raciocínio raramente existe, seria ilógico esperar que os cruzados o tivessem.

MAOMÉ vs. JESUS

"Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! [...] Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto também os pagãos?"

Jesus (São Mateus, 5: 7, 46-47)

"Maomé é o Mensageiro de Deus, e aqueles que estão com ele são severos para com os incrédulos, porém compassivos entre si."

Alcorão, 48: 29

De qualquer forma, foi o mau trato aos judeus uma característica fundamental das Cruzadas? De acordo com a documentação disponível, não. A convocação do papa Urbano II à Primeira Cruzada no Concílio de Clermont nem sequer menciona os judeus, e os clérigos eram os mais destemidos adversários de Emich. Na realidade, o mesmo Urbano II condenou os ataques Emich. Bernardo de Claraval, um dos principais organizadores da Segunda Cruzada, foi à Renânia e pôs fim pessoalmente a perseguição dos judeus declarando o seguinte: "Indagai a qualquer um que conheça as Sagradas Escrituras para que os diga o que os Salmos pregam a respeito dos judeus. Eles dizem: "Eu não rezo por sua destruição" [265]. O papa e os bispos fizeram repetidos apelos para que cessassem os maus tratos aos judeus. Inclusive após o saque a Jerusalém e a matança de judeus durante o período das Cruzadas, no Oriente Médio, eles geralmente preferiam viver em áreas controladas pelos francos, apesar da inegável hostilidade evidenciada para com eles pelos cristãos da Europa [266]. Todos eles sabiam muito bem que o que os esperava em terras muçulmanas era ainda pior.

[265] Ibid., p. 54
[266] Jonathan Riley-Smith, The Oxford Illustrated History 01 the Crusades, op. cit., p, 116

Mito politicamente correto: As Cruzadas foram mais sanguinárias que as *jihads* islâmicas

Os cruzados praticaram massacres em Jerusalém; Saladino e suas tropas muçulmanas não. Esta idéia se tornou símbolo da sabedoria convencional sobre as Cruzadas: a verdade é que os muçulmanos conquistaram territórios, mas os habitantes das terras conquistadas os acolheram. Eles foram justos e magnânimos em suas atitudes em relação as minorias religiosas nestas terras. Por outro lado, os cruzados foram sanguinários, vorazes e impiedosos.

AS CRUZADAS: HILAIRE BELLOC APRESENTA UMA PROFECIA FASCINANTE:

"Na religião, que é o mais importante de tudo, temos retrocedido, e o islã basicamente apresentou sua alma [...] nos encontramos divididos frente ao mundo maometano, divididos de muitas maneiras - por diferentes rivalidades nacionais, pelos interesses enfrentados entre possuidores e despossuídos - e que a divisão não pode ser corrigida porque os fundamentos que mantiveram unida a nossa civilização, os fundamentos cristãos, foram derrubados, quiçá antes que [estas linhas sejam impressas], a situação no Oriente Médio tenha experimentado uma mudança significativa, talvez essa mudança se protele, porém de todas as formas irá ocorrer, e será importante e contínua, não parece provável que ao final dessa mudança, especialmente se o processo se prolongar, o islã venha a ser o perdedor." [267]

Temos posto em evidência que esse saber convencional é totalmente falso. Saladino se absteve de massacrar os habitantes de Jerusalém somente por motivos pragmáticos, e em muitas ocasiões os conquistadores muçulmanos emularam e excederam amplamente o nível de crueldade dos cruzados em Jerusalém. Os conquistadores muçulmanos não foram bem-vindos, mas tenazmente resistidos, e se enfrentaram com essa resistência com extrema brutalidade. Uma vez no poder, instauraram severas medidas repressivas contra as minorias religiosas.

[267] Hilaire Belloc, The Crusades.· The World's Debate, Rockford, IL: Tan, 1992, pp, 248250. Tem edição em espanhol: As Cruzadas, Horno Legens, Madrid, 2006

O Papa pediu desculpas pelas Cruzadas?

Vocês poderiam dizer: "Pois bem, mas apesar de tudo o que você está dizendo, as Cruzadas continuam sendo uma mancha na história da civilização ocidental. Além do mais, até o papa João Paulo II pediu perdão. Por que o faria se as Cruzadas não fossem vistas de forma negativa?"

Não há dúvida de que está muito difundida a crença de que o papa João Paulo II pediu desculpas pelas Cruzadas. Quando ele morreu, o Washington Post lembrou seus leitores que "durante o seu longo pontificado, o papa João Paulo II pediu desculpas aos muçulmanos para as Cruzadas, para os judeus pelo o anti-semitismo, aos cristãos ortodoxos para o saque de Constantinopla, aos italianos pelas associações do Vaticano com a máfia e para os cientistas pela perseguição contra Galileu". [268]

Esta é uma longa lista, mas João Paulo II não pediu desculpas pelas Cruzadas, o mais próximo que ele esteve disso foi em 12 de março de 2000, no "Dia da Expiação", quando ele disse durante a homilia: "Não devemos deixar de reconhecer as infidelidades ao Evangelho cometidas por alguns de nossos irmãos, especialmente ao longo do segundo milênio. Peçamos perdão pelas divisões que tiveram lugar entre os cristãos, pela violência que alguns usaram ao servir a Verdade, e pela desconfiança e atitudes hostis que as vezes tem existido para com os adeptos de outras religiões" [269]. Dificilmente isto pode ser considerado "desculpas" pelas Cruzadas. Sendo assim, ao levar em consideração a sua verdadeira história, não poderia garantir-se a pertinência dessas eventuais desculpas.

Os cruzados não merecem o opróbrio do mundo, mas como veremos, sua gratidão.

[268] Alan Cooperman, «For Victims, Strong Words Were Not Enough», Washington Post, 3 de abril de 2005.

[269] Papa João Paulo II, «Homily of the Holy Father; 'Day of Pardon'», 12 de março de 2000, http://www.vatican.va/ho!yJather/john-pauUi/homl!ies/2000/documents/hf-.Jp_ii_hom_20000312pardon_en.html

Capítulo 12

O que as Cruzadas lograram. E o que não lograram

Houveram várias Cruzadas, porém quando os historiadores falam "das Cruzadas" referem-se em geral as setes campanhas que foram realizadas pelas tropas da Europa Ocidental contra os muçulmanos na Terra Santa. A primeira foi convocada em 1095, e começou em 1099; a sétima terminou em 1250. A última das cidades cruzadas caiu nas mãos dos muçulmanos em 1291.

SABIA QUE...?

• Após as Cruzadas, os muçulmanos retomaram seus ataques para conquistar a Europa através da *jihad*;
• Os cristãos foram tão responsáveis quanto os muçulmanos pela conquista islâmica da Europa Oriental; seu foco era limitado e estabeleceram alianças desastrosas com forças da *jihad*;
• Os líderes ocidentais que pensam que não-muçulmanos podem "ganhar os corações e as mentes" dos *jihadistas* islâmicos só demonstram a mesma ingenuidade e miopia.

1- A Primeira Cruzada (1098-1099) foi a mais bem sucedida: os cruzados tomaram Jerusalém e estabeleceu vários estados no Oriente Médio.

2- A Segunda Cruzada (1098-1148) foi uma missão fracassada – na verdade, desastrosa - de reconquistar um estado cruzado, Edessa, que havia sido tomado pelos muçulmanos em 1144. No caminho para o Oriente, participaram da reconquista de Lisboa das mãos dos muçulmanos em 1147; então, quando finalmente chegaram ao Oriente, a maior parte do exército cruzado foi derrotado em dezembro 1147, na Ásia Menor, antes de alcançar à Terra Santa.

3- A Terceira Cruzada (1188-1192) foi convocada pelo papa Gregório VIII depois que Saladino tomou Jerusalém e destruiu as forças cruzadas em Hattin em 1187. Esteve dominada por fortes personagens que com freqüência rivalizavam-se entre si: o imperador Federico Barbarossa, o rei Ricardo Coração de Leão da Inglaterra e o rei Felipe da França. Não conseguiram recuperar Jerusalém, mas reforçaram os estados cruzados de Ultramar [270], ao longo da costa do Oriente Médio.

4- A Quarta Cruzada (1201-1204) foi desvirtuada por uma decisão de um aspirante ao trono bizantino, que convenceu os cruzados para que fossem a Constantinopla para ajudá-lo e pressionarem em favor de sua pretensão. Os cruzados terminaram saqueando

[270] *Outremer* no original. Assim se denominava os estados estabelecidos pelos cruzados. Trata-se de um termo equivalente a "Terra Santa", "Levante", "Síria" ou "Palestina".

a grande cidade, chocando assim o mundo cristão. Estabeleceram um reino latino em Constantinopla, ganhando a eterna inimizade dos bizantinos e debilitando o já frágil Império Bizantino.

5- A Quinta Cruzada (1218-1221) centrou-se no Egito. Os cruzados esperavam reconquistar Jerusalém minando o poder egípcio. Sitiaram Damietta, uma cidade localizada no Delta do Nilo, que era a porta de entrada das cidades mais importantes do Egito, o Cairo e Alexandria. Como o cerco se prolongava, a preocupação do sultão Al-Kamil foi aumentando, e em duas ocasiões ofereceu aos cruzados o auxílio na restauração do Reino de Jerusalém se deixassem o Egito. Os cruzados se negaram, e finalmente tomaram Damietta; contudo, as rebeliões internas e a desunião conduziram ao fracasso. Em seguida, os cruzados concordaram com uma trégua de oito anos com Al-Kamil e abandonaram Damietta em troca da Vera Cruz (a relíquia da Cruz utilizada na crucificação de Jesus), a qual Saladino havia se apoderado.

6- A Sexta Cruzada (1228-1229) foi principalmente uma continuação da Quinta. Depois de anos adiando seus votos como cruzado, o imperador do Sacro Império Romano, Frederico II foi excomungado pelo papa; mas mesmo assim, ele marchou para a Terra Santa. A mera perspectiva de outra Cruzada parecia aterrorizar Al-Kamil, que também estava tentando conquistar Damasco. Ofereceu uma trégua de dez anos em troca da reconquista de Jerusalém, Belém e Nazaré. No entanto, Federico consentiu em deixar Jerusalém indefesa, e permitiu que os muçulmanos se estabelecessem lá sem nenhum tipo de restrição. Isto tornou inevitável que, eventualmente, os muçulmanos tornassem a reconquistar a cidade, e eles assim fizeram em 1244, matando um grande número de cristãos e queimando várias igrejas, incluindo o Santo Sepulcro.

7- A Sétima cruzada (1248-1250) foi a melhor e mais bem equipada e organizada de todas, e foi comandada pelo piedoso rei francês Luís IX, que voltou a por os olhos no Egito e em conquistar Damietta. Porém, quando tomou a cidade do Cairo, os cruzados foram derrotados em Mansura; logo depois, o mesmo Luis IX foi feito prisioneiro. Finalmente, pagou-se um resgate por ele e regressou à Europa após um breve período em um centro cruzado de Acre. Mais tarde tentou empreender outra cruzada, que chegou a concluir-se muito parcialmente.

Os reinos cruzados se sustentaram durante mais algumas poucas décadas. Antioquia, onde os cruzados estabeleceram seu primeiro reino em 1098, caiu nas mãos dos guerreiros da *jihad* em 1268. No ano de 1291, os muçulmanos tomaram Acre, arrasando o exército cruzado neste processo. Pouco depois foram caindo o resto das cidades cristãs do Ultramar. Na Europa houve outras tentativas de organizar cruzadas, mas deram em nada. No Oriente Médio já não voltaria restabelecer a presença dos cruzados.

As negociações com os mongóis

Quando a última das cidades do Ultramar enfrentava sua extinção, chegou uma oferta de ajuda do lugar mais inesperado: Arghun, chefe mongol da Pérsia e vassalo do grande conquistador Kublai Khan, enviou em 1287 um emissário à Europa. Arghun não era simplesmente um excêntrico; durante muito tempo, os mongóis haviam estado de relações cortadas com os muçulmanos. Em 1258, Hulagu Khan, o irmão de Kublai Khan, acabou com o califado abássida. Dois anos depois, um líder cristão mongol chamado Kitbuga tomou Damasco e Aleppo colocando-as sob controle mongol. Arghun queria despertar o interesse dos reis cristãos da Europa para uma causa comum, extirpar de uma vez por todas os muçulmanos da Terra Santa. Arghun era budista; seu melhor amigo era o chefe, o *catholicós*, da Igreja Nestoriana, uma seita cristã que havia rompido com a grande Igreja do Império, em 431. Por outro lado, seu vizir era judeu. Parecia que Arghun tinha em alta conta qualquer religião que não fosse o islã. Havia chegado ao poder na Pérsia derrotando o chefe muçulmano Ahmed (um converso do cristianismo nestoriano), depois tentou unir forças com os mamelucos do Cairo.

No ano de 1285, Ahmed havia escrito ao papa Honório IV sugerindo uma aliança, mas como o papa não lhe respondeu, o chefe mongol enviou Raban Sauma, um cristão nestoriano, do centro da Ásia Central à Europa para discutir pessoalmente sobre este tema com o papa e os reis cristãos. A viagem de Sauma foi um dos mais extraordinários feitos do mundo antigo: ele deixou Trebizonda e percorreu todo o caminho para Bordéus para se encontrar com o rei Eduardo I da Inglaterra. No trajeto encontrou-se com o imperador bizantino Andrónico em Constantinopla (a quem se referia como "Rei Basileu", ou Rei Rei, demonstrando que os tradutores do século XIII não eram infalíveis); viajou a Nápoles, Roma (onde Honório IV tinha acabado de falecer e que ainda não havia eleito o novo papa) e Genova; depois foi para Paris, onde ele jantou com o rei Filipe IV da França, encontrou-se com Eduardo I em Bordéus e regressou a Roma para um encontro triunfal com o papa Nicolau IV.

Todos os líderes europeus receberam de bom grado a proposta de Sauma de fazer uma aliança mongol-cristã para liberar Terra Santa. Felipe IV ofereceu-se para ir pessoalmente a Jerusalém encabeçar um exército cruzado. Eduardo I também se mostrou muito entusiasmado, pois Sauma estava oferecendo uma aliança que ele mesmo havia proposto no passado. O papa Nicolau IV cobriu de presentes Sauma, Arghum e os *catholicós* nestorianos. Porém nenhum desses homens, nem ninguém na Europa puderam definir uma data para esta nova grande cruzada, e seu entusiasmo tornou-se vago e suas promessas imprecisas.

Os reis que lideravam a Europa estavam demasiadamente desunidos e dedicavam sua atenção aos desafios domésticos, por isso, não puderam assumir a oferta oferecida pelos mongóis; talvez, também apresentassem reservas sobre um rei não-cristão que queria organizar uma guerra para libertar a Terra Santa cristã. Deviam estar temerosos que uma vez que ajudassem o lobo a devorar os muçulmanos, o lobo se voltasse contra eles. Mas de qualquer maneira, foi uma oportunidade perdida. Em 1289, insatisfeito com os resultados da viagem de Raban Sauma, Arghun enviou à Europa

outro emissário, Buscarel de Gisolf, para requerer ajuda a Filipe IV e Eduardo I, oferecendo a tomar conjuntamente Jerusalém com soldados enviados pelos reis cristãos; nesse momento ele entregaria a cidade aos cruzados. A resposta de Eduardo I, que era até então único sobrevivente, foi cortês, porém neutra. Consternado, Arghun voltou a insistir novamente em 1291, mas nessa altura já havia caído os reinos de Ultramar. Quando os emissários regressaram, Arghun estava morto. [271]

Certamente que, se o papa e os reis cristãos tivessem firmado uma aliança com Arghun, os cruzados poderiam ter reconquistado Jerusalém e restabelecido uma presença significativa na Terra Santa. Isto, pelo menos, teria atrasado a marcha de muçulmanos para a Europa Oriental, que iniciou com o ponta-pé de um século depois da destruição final no Ultramar. Entretanto, os líderes europeus estavam distraídos e cegos, preocupados com suas rixas internas, relativamente insignificantes, que não se deram conta da magnitude do que estava em jogo. Se houvessem reconhecido de modo cabal quais eram os objetivos dos guerreiros da *jihad*, seguramente teriam sido mais maleáveis a fazer uma aliança com Arghun. Contudo, há evidências consideráveis de que realmente não compreendiam nada da natureza desses objetivos.

As negociações com os muçulmanos

Até então, a *jihad* já era um projeto com setecentos anos de idade, que havia avançado com o fortalecimento dos muçulmanos e ruído com a fragilidade dos mesmos, porém nunca havia sido deixada de lado ou rejeitada por nenhum líder ou seita muçulmana. Isso não quer dizer que eles não quiseram chegar a um acordo com os cristãos. O historiador inglês Matthew de París relata que em 1238 foram enviados muçulmanos que visitaram França e Inglaterra, na esperança de obter apoio para uma ação conjunta contra os mongóis, um fato que abre uma nova perspectiva sobre a visão moderna muçulmana e politicamente correta que os cruzados não eram outra coisa além de "invasores" do território islâmico. [272]

Com o término da atividade cruzada na Terra Santa, a *jihad* ganhou novo impulso. Em parte, esta nova energia provinha de cristãos pouco esclarecidos: em 1345, em um caso que foi muito marcante, o imperador bizantino João VI Cantacuzeno procurou a ajuda dos turcos para resolver uma disputa dinástica.

Não era a primeira vez que os cristãos celebravam acordos com os muçulmanos. João VI se baseada em inúmeros precedentes. Uma das principais fontes de inimizade entre os cristãos orientais e ocidentais durante as primeiras Cruzadas foi a falta de bom-senso dos bizantinos em firmar pactos com os inimigos da Cristandade. Aleixo I Comnemo causou a ira dos primeiros cruzados por iniciar processos de negociações

[271] Steven Runciman, A History of the Crusades, op. cit., volumen 3, pp. 398-402
[272] Bernard Lewis, op. cit., p. 5. Para uma consideração do caráter espoliador das Cruzadas, veja-se Amin Maalouf, op. cit

com o Egito. Outro imperador bizantino, Manuel I Comneno (1143-1180), também atraiu o desprezo dos cruzados por negociar com os turcos, e muitos o culparam pelo desastre da Segunda Cruzada. Mas desde já, o imperador Frederico II e outros cruzados realizaram pactos posteriores com os guerreiros da *jihad*. Contudo, de acordo com a lei islâmica, os muçulmanos só podem celebrar tréguas durante a guerra *jihad* com os não-muçulmanos, quando se encontrarem em uma posição de debilidade e necessitarem ganhar tempo para fortalecer-se para uma nova batalha. Aqueles que estabeleceram acordos com os cruzados nunca perderam esse princípio de vista, e nunca fizeram acordos que, em última instância, enfraquece a posição dos muçulmanos.

O pedido de João VI foi um exemplo da falta de visão dos cristãos. Os muçulmanos chegaram a Europa para proporcionar-lhe apoio; e em 1348 atravessaram os Dardanelos e em 1354 ocuparam Galípoli. No ano de 1357 tomaram posse da imponente fortaleza bizantina de Adrianópolis. Em 1359, o sultão Murad I fundou o corpo dos janízaros, uma força de choque de homens jovens que haviam sido raptados de suas famílias cristãs quando eram crianças, e logo escravizados e convertidos a força ao islã. Segundo o historiador Godfrey Goodwin, "nenhuma criança que tinha sido recrutada poderia ter se convertido ao islã senão fosse de sua própria e livre vontade, se é que a escolha entre a vida e a morte pode ser chamada de livre vontade". [273]

Os janízaros se tornaram os guerreiros mais formidáveis do Império Otomano contra a Cristandade. Em alguns lugares, o recrutamento de crianças para este corpo tornou-se um evento anual: os pais cristãos eram obrigados a apresentarem-se nas praças da cidade com seus filhos; os muçulmanos se apoderavam dos jovens mais fortes e brilhantes, que nunca mais retornavam as suas casas, a menos que formassem parte de uma força de combate muçulmana enviada para essa área.

A HISTÓRIA SE REPETE: A TAREFA DE GANHAR OS CORAÇÕES E AS MENTES

Quando um tsunami mortal atingiu o sul da Ásia em dezembro de 2004, o secretário de Estado Colin Powell expressou a esperança de que a assistência prestada pelos Estados Unidos para os países afetados pelo tsunami modificaria a onda de sentimento antiamericano no mundo muçulmano. No entanto, mais de um ano e meio antes de a declaração de Powell, o mufti sul-africano Ebrahim Desai, imã do *site* "Pergunte ao islã", de uma página web muçulmana de perguntas e respostas, fez uma declaração que, ao chegar ao conhecimento de Powell, derrubou por terra a confiança do efeito religioso de seu auxílio. Um internauta perguntou se o Ocidente receberia elogios dos muçulmanos pelo envio de tropas para a Bósnia e a condenação dos assassinatos de muçulmanos em outros lugares. A resposta de Desai foi breve: "Na realidade, você

[273] Godfrey Goodwin, The Janissaries, Saqi Books, Londres, 1997, p. 34

nunca pode confiar no kafir [infiel], independentemente das suas boas ações. Eles carregam seus próprios interesses em seus corações". [274]
É apenas a opinião de um homem? Claro. Mas é uma opinião que tem profundas raízes na tradição islâmica e, portanto, seria ingênuo rejeitá-la como se fosse apenas uma expressão de humor de Desai. O Alcorão diz aos fiéis para que "[...] não tomem por confidentes os incrédulos, em detrimento de outros fiéis. Aqueles que assim procedem, de maneira alguma terão o auxílio de Alá, salvo se for para vos precaverdes e vos resguardardes" (Alcorão, 3: 28). Será que João VI Cantacuzeno e Powell fazem idéia da existência desse versículo?

Os muçulmanos chegaram a Europa para ficar, e nos anos subsequentes retomaram a *jihad*. Com uma Europa desunida e ocupada com assuntos internos, conseguiram apoderar-se de territórios europeus cada vez mais vastos: Grécia, Bulgária, Sérvia, Macedônia, Albânia, Croácia e outros. Em 15 de junho de 1389 entraram em confronto com forças cristãs em uma batalha no Kosovo. Na noite anterior, o grão-vizir abriu o Alcorão de forma aleatória para buscar inspiração. Seus olhos caíram sobre o verso que dizia: "Ó Profeta! Combatei aos hipócritas e infiéis". "Esses cães cristãos são infiéis e hipócritas", disse ele; "Vamos lutar contra eles". [275]

MAOMÉ vs. JESUS

"E virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus."
Jesus (São João, 16: 2)

"Lutai contra aqueles que, apesar de haverem recebido a revelação, não crêem em Alá nem no Dia do Juízo Final, nem abstêm do que Alá e Seu Mensageiro proibiram, e não seguem a religião da verdade que Alá lhes tem prescrito, até que, submissos, paguem o *Jizya*."
Alcorão, 9: 29

Na verdade, ele lutou contra eles e derrotou um exército mais numeroso e poderoso, fazendo de 15 de junho o dia de luto mais emblemático para os sérvios. O avanço por entre a Europa Oriental acabava de começar; é de presumir que a falta de visão de João VI foi o que lhes abriu as portas. O que João VI sabia sobre os motivos e objetivos dos turcos? Até que ponto estava ciente do imperialismo da *jihad* que os levou

[274] Mufti Ebrahim Desai, Ask the Imam Question 1394, «The west is often criticised by Muslims for many reasons, such as allowing women go to work», 25 de outubro de 2000 http://islam.te!ask-imam/viewphp?q=1394
[275] Paul Fregosi, Jihad, Prometheus Books, Nova Iorque, 1998, p. 225.

a aceitar o seu pedido de ajuda e, mais tarde, já dentro da Europa, continuar a guerra contra os cristãos? Talvez pensasse que a teologia e a superestrutura jurídica da *jihad* era apenas uma teoria, e que os muçulmanos eram realmente homens com quem pudesse negociar. Quiçá pensou que os homens cultos poderiam chegar a um entendimento sobre as divisões culturais e religiosas. Poderia ter chegado ao ponto de pensar que o convite aos muçulmanos iria por em evidencia suas boas intenções, ganhando suas mentes e corações e freando o ataque contra os domínios imperiais. Não seria o primeiro estadista europeu a pensar desse modo; tampouco o último.

A *jihad* na Europa Oriental

O que fizeram os europeus frente ao ataque islâmico? Continuaram convocando as cruzadas, mas em vez de lutar em Jerusalém ou em Damietta encontravam-se lutando contra os *jihadistas* cada vez mais perto da Europa, e finalmente dentro dela, com a espada os pondo cada vez mais contra a parede. O Reino de Jerusalém passou a ser o Reino de Chipre, cujo rei conservou o título de rei de Jerusalém. Porém esse título já não passava de uma ficção. Certo rei cipriota, Pedro I (1359-1369), tentou obter respaldo na Europa para uma nova cruzada, e finalmente conquistou Alexandria em 1365. Mas logo teve de renunciá-la por não haver recebido ajuda de uma Europa dedicada a seus problemas internos. Em 1426, até mesmo o Chipre sucumbiu a *jihad* dos mamelucos egípcios.

Os cruzados foram movidos implacavelmente para o oeste. Em 1395, uma grande força cruzada foi derrotada em Nicópolis, uma cidade às margens do Danúbio. Naquela época, a Europa ficou escancarada aos turcos. Parecia que finalmente as tentativas muçulmanas de conquistar Europa teriam êxito. Estas intenções haviam começado setecentos anos antes, quando os exércitos da *jihad* sitiaram Constantinopla e entraram na Espanha, e ao longo desses séculos foram incentivadas pela teologia e a superestrutura jurídica da *jihad* ensinadas pelo Alcorão, e pelas palavras e ações do profeta Maomé. Pela primeira vez em mais de mil anos, desde antes do imperador romano Constantino se declarar cristão e legalizar o cristianismo, parecia que o mais provável era que o mesmo desapareceria totalmente, e que praticamente todos os cristãos do mundo fossem relegados a condição de *dhimmis.*

Uma ajuda inesperada

Mas então veio um inesperado feixe de luz em auxilio ao cristianismo: a dos mongóis. Aqui já não se tratava dos mongóis pagãos do século anterior, que esperaram por uma causa comum com os cristãos contra os muçulmanos. Estes mongóis eram muçulmanos. É provável que Tamerlão ("Timur, o Coxo", 1336-1405), o sanguinário conquistador da Ásia Central, foi membro da seita sufí naqshbandi [276]. Este dado é relevante, porque atualmente os sufis são frequentemente apresentados como uma seita pacífica e tolerante do islã; no entanto, sua história está repleta de *jihads* (por exemplo, na Chechênia).

Tamerlão, que era descendente direto de Genghis Khan, começou seu ataque sobre as terras muçulmanas do Oriente Médio. Frente as grandes perdas sofridas, os *jihadistas* turcos mamelucos e otomanos se viram obrigados a tirarem seus olhos da Europa. Mas Tamerlão não aparentava estar muito interessado na Europa, apesar de que suas vitórias foram o suficiente para obrigar o imperador João I a pagar-lhe o tributo. Depois de esmagar, em 1402 os otomanos em Ancara, Tamerlão focou sua atenção na China, deixando os muçulmanos do oeste debilitados demais para continuarem a *jihad* na Europa. Na realidade, foi um muçulmano que salvou o cristianismo.

Porém, este alívio foi apenas temporário. O sultão otomano Murad II (1421-1451) voltou seus olhos para a jóia do cristianismo, Constantinopla, sitiando-a em 1422, mas sem poder invadi-la. Entretanto, não se dando por vencido, tomou Tessalônica em 1430, bloqueando Constantinopla. O imperador bizantino João VIII solicitou a ajuda de Roma, inclusive aceitou uma reunião entre as igrejas Católica e Ortodoxa nos termos ocidentais do Conselho de Florença, na esperança de convencer aos ocidentais socorrê-lo no já fragilizado império. O papa Eugênio IV realizou uma convocação para uma cruzada, e um exército foi formado com homens dos estados da Europa: Polônia, Valáquia e Hungria. Contudo, as últimas esperanças a respeito de Constantinopla morreram em 1444. Murad II derrotou avassaladoramente um exército cruzado de trinta mil homens em Varna, na Hungria. Enquanto iam para Vama, os cruzados invadiram um território muçulmano (os muçulmanos conquistaram a cidade em 1391), isso representava um distante reflexo dos dias do que foram os cruzados que estabeleceram seus próprios reinos em Antioquia e Jerusalém e inocularam medo no coração do sultão do Egito.

Depois do desastre em Varna, a queda de Constantinopla era somente uma questão de tempo. O fim chegou numa terça-feira de 29 de maio de 1453. Após várias semanas de resistência, finalmente a grande cidade caiu perante uma força muçulmana esmagadora que, como temos visto, massacrou brutalmente quem se achava nela. Mas nem sequer naquele momento o avanço muçulmano havia terminado. Os turcos

[276] Beatrice Forbes Manz, The Rise and Rule of Tamerlane, Cambridge University Press, Cambridge, 1989, p. 17

cercaram Belgrado em 1456, inclusive tentando chegar até Roma, contudo neste ponto foram detidos. Finalmente, os tempos começaram a mudar. No século XVI, os muçulmanos foram expulsos de Malta, e o seu primeiro cerco a Viena em 1529, fracassou. Em seguida, venceram os poloneses em 1672 e se apossaram de vastas porções da Ucrânia, mas em menos de dez anos depois perderam o que haviam conquistado. Finalmente, eles tornaram a sitiar Viena, para serem escorraçados pelo rei polonês João III Sobieski e trinta mil hussardos poloneses, no dia que marca o ápice da expansão muçulmana na Europa: 11 de setembro de 1683.

Os cruzados não cumpriram com nenhum dos objetivos que se haviam definido, e sua empreitada haveria entrar para a história como um dos mais espetaculares fracassos do Ocidente.

Mas o que foi na realidade?

Capítulo 13

O que teria acontecido se as Cruzadas não tivessem existido?

Se as Cruzadas nunca tivessem existido, em que tipo de mundo viveríamos hoje? Haveria paz, compreensão e boa vontade entre cristãos e muçulmanos? Estaria o mundo islâmico livre da desconfiança e da nítida paranóia advindas do Ocidente? Amin Maalouf diz que "não há dúvida de que a cisma entre estes dois mundos data das Cruzadas, que têm sido, e continuam a ser, profundamente sentida pelos árabes como um ato de espoliação" [277]. Ou, será que, o mundo teria sido diferente em alguns aspectos imprevisíveis? As palavras "a Mesquita de São Pedro" significam algo para vocês?

SABIA QUE...?

• Apesar de que as Cruzadas fracassaram em seu objetivo principal, desempenharam um papel fundamental na prevenção da conquista da Europa por meio da *jihad*;
• Os povos que viviam nas "sociedades islâmicas tolerantes e plurais" foram reduzidas a escassas minorias perseguidas e desprezadas;
• O repudio islâmico pelos infiéis é uma constante na história do islã, e segue persistente até hoje.

Mito politicamente correto: As Cruzadas não lograram êxito algum

Diante da continuidade das *jihads* de muçulmanos, até mesmo no centro da Europa, a ineficácia dos cruzados para fundar estados duradouros ou manterem uma presença contínua na Terra Santa, e a inimizade que, sem dúvida, tem gerado não só entre os cristãos e os muçulmanos, mas também entre os cristãos orientais e ocidentais, a maioria dos historiadores têm considerado que as Cruzadas foram um fracasso.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

O livro que leva o esplêndido título de *The Monks of Kublai Khan Emperor of China, or The History of the life and Travels of Rabban Sawma, Envoyand Plenipotentiary of the Mongol Khans to the Kings of Europe, and Markos Who As Mar Yahbh-Aliaha III Became Patriarch of the Nestorian Church in Asia [Os Monges de Kublai Khan,*

[277] Amin Maalouf, op. cit

Imperador da China, ou a História da Vida e Viagem de Rabban Sawma, Enviado e Plenipotenciário de Khan Mongol aos Reis da Europa, e Markos, que, como Mar Yahbh-Allaha III Chegou a ser o Patriarca da Igreja Nestoriana na Ásia] traduzido por Sir E. A Budge Waliis, publicado pela primeira vez em Londres em 1928, há muito tempo se encontra esgotado e é o tipo de livro que os acadêmicos politicamente corretos de nossos dias querem que não seja reeditado. Contudo, a Agência Assíria de Notícias Internacional tem prestado um serviço fenomenal ao torná-lo disponível para os leitores em sua página web em *http://www.aina.org/books/mokk/mokk.htm#c72* Aqui está contida toda a história, desde a ascensão e glória dos Nestorianos às perseguições monstruosas que destruíram o cristianismo na Ásia Central. Também conta a história da extraordinária jornada à Europa de Rabban Sawma, o emissário do líder mongol Arghun, para tentar obter o respaldo dos reis europeus em uma operação conjunta contra os muçulmanos. O livro é o resultado de uma pesquisa incansável, e o relato é elegante e eloqüente.

Afinal, seu objetivo era proteger os peregrinos cristãos na Terra Santa, e foi este o motivo que deu origem ao estabelecimento dos estados cruzados. Porém depois da Segunda Cruzada esses estados ficaram muito debitados e não se recuperando, desapareceu depois do ano de 1291. Os cruzados tampouco impediram que os guerreiros islâmicos avançassem através da Europa.

No entanto, é significativo o fato do nível de aventureirismo islâmico pela Europa diminuiu consideravelmente durante o período das Cruzadas. Tanto as conquistas da Espanha, do Oriente Médio e do norte da África como o primeiro cerco a Constantinopla ocorreram muito antes da Primeira Cruzada. As Batalhas do Kosovo e Varna, que denunciaram um ressurgimento expansionista islâmico na Europa Oriental, ocorreu após o colapso das últimas possessões dos cruzados no Oriente Médio.

Então o que obtiveram as Cruzada? Conseguiram ganhar tempo para a Europa que poderia ter significado a diferença entre seu desaparecimento e a conseqüente *dhimmitude*, e seu renascimento e retorno à glória. Se Godofredo de Bolhão, Ricardo Coração de Leão e outras inúmeras figuras não tivessem arriscado suas vidas para sustentar a honra de Cristo e de sua Igreja a milhas de quilômetros de seus lares, os *jihadistas* certamente haveriam invadido a Europa muito antes. Os exércitos cruzados não somente os manteve a distância em um período crucial, guerreando na Antioquia e Ascalão em vez de Varna ou Viena, mas também unificaram exércitos que em outra ocasião jamais teriam existido. A convocação do papa Urbano II uniu os homens em torno de uma causa; se esta convocação não tivesse existido, ou não tivesse se difundido pela a Europa, muitos desses homens nunca teriam se tornado guerreiros, e estariam mal equipados para repelir uma invasão muçulmana em suas terras.

Esta não é uma questão de menor importância. Afinal, a maior parte das investigações filosóficas e científicas, assim como também os avanços tecnológicos, se difundiram a partir da Europa cristã, apesar das reticências da correção política oficial

para admiti-lo. Já temos apresentado uma das principais razões pela qual a ciência tem se desenvolvido no mundo cristão e não no muçulmano: os cristãos acreditavam em um universo coerente e consistente governado por um Deus bom; os muçulmanos acreditavam em um universo governado por um Deus cuja vontade era tão absoluta como para excluir qualquer tipo de coerência e consistência. Mas as implicações desta fundamental diferença filosófica não poderiam haver operado sem a liberdade. Esta liberdade não estava permitida aos cristãos ou a não-muçulmanos que tiveram a desgraça de viver sob um governo muçulmano. Na verdade, todos os que viveram ao longo da história sob governos muçulmanos foram, por fim, aniquilados - não importa quanto foram, nem quão significativos tenham sido suas conquistas antes da dominação muçulmana – ao status de uma minoria escassa e sem especificidade cultural. Muitos poucos povos conquistados puderam escapar desse destino. Os únicos que contornaram a *dhimmitude* muçulmana foram aqueles que conseguiram resistir ante a *jihad* islâmica: os cristãos da Europa e os hindus da Índia.

Os outros não tiveram a mesma sorte.

Um caso de estudo: Os zoroastras

O que haveria de tão negativo se os muçulmanos tivessem conquistado a Europa? Afinal, os cristãos ainda poderiam continuar a praticar a sua religião. Simplesmente, eles teriam de suportar um certo grau de discriminação...

Até porque "um certo grau de discriminação" é tudo que a maior parte dos apologistas islâmicos vem a reconhecer na *dhimmitude*, seus efeitos a longo prazo tem sido muito mais prejudiciais para os não-muçulmanos. Vários séculos depois da conquista muçulmana do Egito, os cristãos coptas mantiveram-se com esmagadora maioria nesse país. Hoje, os coptas representam apenas dez por cento, se não menos, da população. O mesmo se aplica a qualquer grupo não-muçulmano, que tenha ficado completamente submetido a um governo islâmico.

Os zoroastras, ou parsis, são seguidores do sacerdote e profeta persa Zoroastro, ou Zaratustra (628-551 a. C.) Antes do advento do islã, o zoroastrismo foi durante um longo tempo a religião oficial da Pérsia (atual Irã), e era a religião dominante quando o Império Persa se estendeu desde o mar Egeu até o rio Indo. Era comum encontrar zoroastras da Pérsia até a China. Porém, depois da conquista muçulmana da Pérsia, os zoroastras passaram à condição de *dhimmis* e foram alvos de cruéis perseguições, que com freqüência incluíam conversões forçadas. Muitos deles fugiram para a Índia a fim de escapar do domínio muçulmano, mas foram vítimas de guerreiros da *jihad* quando eles começaram a avançar sobre a Índia.

Os sofrimentos dos zoroastras sob o islã foram surpreendentemente similares aos dos cristãos e judeus sob o islã, em terras mais ocidentais, e continuaram até o raiar da

Era Moderna (até hoje, sob a "mulacracia" iraniana). Em 1905, um missionário chamado Napier Malcolm publicou um livro que relata suas aventuras entre os zoroastras na cidade persa de Yezd:

Até 1895, a nenhum parsi (zoroastra) era permitido portar guarda-chuvas. Até o momento em que eu estive em Yezd não podiam utilizá-lo na cidade. Até 1895 estavam estritamente proibidos a eles os óculos e os monóculos; até 1895 não podiam usar anéis; seus cintos tinham de ser confeccionados com lona rústica, mas depois de 1885 não lhes foi autorizado possuírem qualquer material de cor branca. Até 1896, os parsis foram forçados a retorcer seus turbantes, em vez de enrolá-los. Até 1898 somente lhes eram permitidas as cores marrom, cinza e amarelo para a qaba [residência] ou a arkhaluq [roupa], mas depois lhes formam permitidas todas as cores, exceto azul, preto, vermelho brilhante ou verde. A eles também foram proibidos meias brancas, e até cerca de 1880, os parsis tiveram que usar um tipo especial de sapato horrível e estranho com uma ponta grande e revolvida.

Até 1885 tiveram que usar gorros rasgados. Até 1880 eles tiveram que usar calções apertados, de apenas uma cor, em vez de calças. Até 1891 todos os zoroastras tinham que deslocar-se pela cidade a pé, e inclusive no deserto tinham que apear de suas montarias caso encontrassem um muçulmano, de qualquer classe social que fosse. Havia outras restrições semelhantes para vestimenta, muito numerosas e insignificantes para mencioná-las.

Além disso, as casas dos parsis e judeus, com os muros em torno delas, deviam de ser construídos em um nível tão baixo para que um muçulmano pudesse tocá-lo seu topo com suas mãos estendidas; porém, deviam estar cavadas sob o nível da rua [...] Até cerca de 1860, os parsis não poderiam realizar atividades comerciais. Poderiam esconder coisas em seus sótãos e vende-las em segredo. Poderiam realizar atividades comerciais em caravanas ou pousadas, mas não em bazares, nem mesmo poderiam comerciar tecidos de linho. Até 1870 não lhes era permitido enviar seus filhos à escola.

A alíquota da jaziya, o imposto para os infiéis, variava segundo o nível econômico de cada parsi, porém nunca era inferior a dois tomans [10.000 dinares], um tomam agora valia três xelins e oito pence, mas podia valer muito mais. Mesmo agora, quando o dinheiro tem se desvalorizado consideravelmente, isto representa o salário de dez dias. O valor devia ser pago no imóvel, quando o farrash [literalmente, varredor de tapetes, mas na verdade se trata de um criado, que serve principalmente no lado externo da residência], que atuava como coletor, encontrava-se com o pagador. O farrash possuía a liberdade de fazer o que quisesse quando arrecadava a jaziya. O pagador não tinha nem sequer permissão de ir à sua casa pegar o dinheiro, e era golpeado imediatamente após o pagamento. Por volta de 1865 um farrash que estava a recolher este imposto amarrou um homem junto a um cão e os agrediu um de cada vez.

Em 1891 um mujtahid [autorizado a interpretar a sharia e o Alcorão] viu que um comerciante zoroastra estava usando meias brancas em uma praça pública da cidade, e ordenou que o homem fosse agredido e que lhe fossem recolhida suas meias. Por volta

de 1860 um homem de setenta anos foi aos bazares usando calças brancas de linho rústico. O mujtahid o agrediu reiteradamente, lhe tomou as calças e o mandou a casa com elas debaixo do braço. Às vezes podiam-se obrigar os parsis a ficarem parado equilibrando-se sobre uma das pernas na casa de um mujtahid até que aceitassem pagar uma considerável soma de dinheiro. [278]

A HISTÓRIA SE REPETE: SISTANI COMPARA OS INFIÉIS A EXCREMENTOS

A aversão que sentem os muçulmanos pelos infiéis, os chamando de "as criaturas mais vis" no Alcorão (98: 6), não é coisa do passado. O grande aiatolá Sayid Ají Husaini Sistani, líder xiita iraquiano, que tem sido aclamado por muitas pessoas no Ocidente como reformador, moderado e a esperança de democracia no Iraque e em todo Oriente Médio, expressa claramente suas normas religiosas em que o desprezo islâmico pelos infiéis ainda seguem a pleno vapor. Esta perspectiva é a que causou a diminuição no número de zoroastras, que formava uma dinâmica maioria, passando a ser uma minoria desprezada. Entre as extensas normas de Sistani relativas a todo tipo de questões a lei islâmica, encontra-se esta pequena e ilustrativa lista:

Estas dez coisas são essencialmente *najis* [impura]:

1- Urina
2- Fezes
3- Sêmen
4- Cadáver
5- Sangue
6- Cachorro
7- Porco
8- *Kafir* [infiel]
9- Bebidas alcoólicas
10- O suor de um animal que come constantemente *najasat* [coisas asquerosas]. [279]

Sistani acrescenta: "Todo o corpo de um *kafir*, incluindo o seu cabelo e unhas, e todas as substâncias líquidas em seu corpo são *najis*." Isto representa um sinal de alerta sobre o dublo padrão existente: Sistani é respeitado em todo o mundo ocidental. Mas imaginemos o protesto internacional que se geraria se, digamos, Jerry Falwell dissesse que os não-cristãos estão ao nível dos porcos, das fezes e do suor de um cão.

Qual é o efeito de ter de viver assim durante um longo período de tempo? A resposta está nos números: depois de quase 1.400 anos de vivência como *dhimmis* e experimentarem a verdadeira natureza da tolerância islâmica, zoroastras atualmente

[278] Napier Malcolm, Five Years in a Persian Town, E. P. Dutton, Nueva York, 1905, pp. 45-50. Citado em Andrew G. Bostom, «The Islamization of Europe», FrontPageMagazine.com, 31 de dezembro de 2004
[279] Acessado do site web de Sistani: *www.sistani.org*

representam menos de dois por cento da população do Irã (menos ainda do que na Índia, onde fugiram buscando por refúgio). No Afeganistão onde os zoroastras também experimentaram uma época de prosperidade, estes são praticamente inexistentes. Isso não deveria ser surpreendente: com freqüência, a conversão ao islã era a única forma em que este povo perseguido poderia ter qualquer esperança de viver uma vida decente.

Se os cruzados não tivessem detido os avanços muçulmanos, e a *jihad* tivesse finalmente acabado com o cristianismo, haveria os cristãos da Europa tornado uma ínfima minoria, igual seus correligionários no Oriente Médio (onde na época o cristianismo era a religião dominante), e zoroastras? As conquistas da civilização cristã europeia, teriam sido tratadas como lixo, como as sociedades islâmicas tendem a considerar, em geral, o "período pré-islâmico da ignorância" dentro de sua história?

As ideias sobre a igualdade de direitos e da dignidade universal, que foram desenvolvidos com o cristianismo e que entram em conflito em muitos aspectos com a lei islâmica, seriam atualmente conhecidas na Europa ou nas Américas?

Um caso de estudo: Os assírios

Um caso similar encontramos na história da Igreja Assíria: Se trata da antiga Igreja de Edessa, a cidade que iria converter-se no centro do primeiro reino latino instaurado pelos cruzados. Nos séculos IV e V, os vínculos desta Igreja com outras mais distantes do Ocidente tornaram-se cada vez mais tensas, até que no ano de 424 a Igreja do Oriente se declarou finalmente, em um sínodo que seu líder o *catholicós* de Seleucia-Ctesifonte (a capital persa), não dependeria das Igrejas de Roma e de Antioquia, e que teria o mesmo grau de autoridade. Mais tarde, os assírios adotaram a visão de Cristo articulada por Nestório, patriarca de Constantinopla, o qual em 431 foi deposto por heresia pelo terceiro Concílio Ecumênico de Éfeso. Isto contribuiu para separar os assírios tanto dos cristãos bizantinos quantos dos cristãos latinos. Depois do ano 424, durante séculos os contactos dos assírios com as grandes Igrejas de Constantinopla e Roma foram praticamente nulos.

A HISTÓRIA SE REPETE: A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS NO IRAQUE

No ano de 775, a sede a Igreja Assíria foi transferida para a cidade persa de Seleucia-Ctesifonte, e tem permanecida ali desde então. Entretanto, com o ressurgimento do islã *jihadista*, as condições são cada vez mais desfavoráveis para os cristãos no Oriente Médio, o que tem levado o atual *catholicós*, Mar Dinkha IV, transferir sua residência para Chicago a partir dos anos 1980. O patriarca Emmanuel Delly, líder dos católicos caldeus (um grupo de assírios que durante séculos restauraram sua comunhão com a Igreja de Roma), tem permanecido em Bagdá, só para ver que, após a queda de Sadam

Hussein, os terroristas da *jihad* dedicar-se-iam a perseguir especialmente os cristãos em todo Iraque. O governo de Sadam era relativamente laico; os *jihadistas* aguardavam poder instalar finalmente um governo que seguisse as normas da *sharia* em sua forma mais rígida. Portanto, os cristãos que trabalham com lojas de bebidas foram marcados como alvos, em concordância com as leis *dhimmis* que proíbem aos cristãos "expor vinho" ou vende-lo nos lugares onde os muçulmanos possam comprá-lo. [280] As mulheres cristãs têm sido acossadas para que usem a *hijab*, o véu islâmico sobre a cabeça, e várias outras coisas [281]. Muitos cristãos têm sido assassinados e milhares deles têm abandonado o país. Em setembro de 2004, o colunista iraquiano Majid Aziza afirmou que "é difícil recordar outro período no qual os cristãos árabes tenham estado em uma situação de maior perigo que atualmente.[282]

Se considerarmos Tamerlão, isto é muito a se dizer.

Ao longo desses séculos, os assírios provaram ser os missionários cristãos mais entusiastas que se têm conhecido. A Igreja Nestoriana foi atravessando ponto a ponto todo o caminho desde o Mediterrâneo até o Oceano Pacífico. Os cristãos nestorianos eram encontrados por toda a Ásia Central, assim como também no Império Bizantino e especialmente no Oriente Médio e Egito. No mesmo nível, os assírios tinham sedes metropolitanas no Azerbaijão, Síria, Jerusalém, Pequim, Tibete, Índia, Samarcanda, Edessa e Arábia (em Saná e Iêmen), e igrejas desde Aden até Bombaim e Xangai. O missionário nestoriano Alopen levou o Evangelho à China no ano de 635; a primeira igreja na China foi concluída três anos mais tarde. Até o século VIII, havia quantidade suficiente de nestorianos na China como para estabelecer ali algumas dioceses; um imperador chinês chamou o cristianismo "a doutrina luminosa", e fomentou seu crescimento.

Porém, nuvens escuras surgiam no horizonte. Perto do final do século VII, o califa Muawiya II (683-684) começou uma perseguição e destruiu muitas igrejas depois que os *catholicós* rejeitaram suas exigências por ouro. A perseguição continuou com o califa Abdelmalik (685-705). O califa abássida Al-Mahdi (775-786) tomou conhecimento que os assírios haviam construídos novas igrejas após a conquista muçulmana, violando as leis da *dhimmitude*, e ordenou que fossem destruídas. Aparentemente, pensou que os cristãos haviam violado os termos do *dhimma*, o contrato de proteção; a cinco mil cristãos da Síria foi-lhes dado a opção de converter-se ao islã ou morrer. O sucessor de Al-Mahdi, Harun al-Rashid (786-809), ordenou a destruição de outras igrejas. Meio século depois, o califa Al-Mutawakkil (847-861) começou uma ativa perseguição contra a Igreja. Durante os séculos IX e X, os cristãos de Bagdá e seus arredores foram atacados em várias ocasiões por uma multidão de manifestantes e assaltantes. Muitas das igrejas destruídas e das vítimas cristãs eram assírias. Enquanto

[280] Umdat al-Salik, op. cit., 011.5(6)
[281] «Fundamentalists vow to kill female students without head cover», AsiaNews, 22 de outubro de 2004
[282] «Iraqi Columnist: 'It Is Difficult to Recall a Period in Which Christian Arabs Were in Greater Danger Than Today'», Middle East Media Research Institute, Special Dispatch nº. 789, 24 de setembro de 2004

isso, na China, um novo imperador iniciou uma perseguição tão feroz que até o ano 981 os missionários nestorianos que visitaram a China encontram-se com uma igreja completamente dizimada. Não obstante, a Igreja Assíria continuava atraindo um grande número de conversos entre os turcos e outros grupos, e manteve sua presença na China; até final do século XIII houve um governante nestoriano que foi governador da província chinesa de Gansu.

Os assírios voltaram a padecer novos sofrimentos quando no ano de 1268 o principado cruzado de Antioquia foi tomado pelos muçulmanos, muitos assírios foram tomados como escravos e suas igrejas foram destruídas, um bispo assírio foi apedrejado até a morte, e seu corpo exibido nos portões da cidade como um aviso para os cristãos. Durante outros ataques árabes, curdos e mongóis ao longo dos séculos XII e XIII, um número incontável de assírios foram assassinados ou escravizados. Mas o pior veio quando o mongol Tamerlão, um muçulmano devoto, levou a cabo furiosas campanhas de *jihad* contra os nestorianos, devastando suas cidades e igrejas. Foi uma verdadeira guerra contra os cristãos assírios: Tamerlão ofereceu-lhes escolher entre a conversão ao islã, *dhimmitude* ou morte. Por volta do ano de 1400 os vastos domínios nestorianos haviam deixado de existir, e na Pérsia, Ásia Central e China o cristianismo havia praticamente deixado de existir. [283]

MAOMÉ vs. JESUS

"E sereis odiados de todos por causa de meu nome. Mas o que perseverar até o fim será salvo."

Jesus (São Marcos, 13: 13)

"Tivestes um excelente exemplo em Abraão e naqueles que o seguiram, quando disseram ao seu povo: Em verdade, não somos responsáveis por vossos atos e por tudo quando adorais, em lugar de Alá, Renegamos-vos e iniciar-se-á inimizade e um ódio duradouros entre nós e vós, a menos que creiais unicamente em Alá!"

Alcorão, 60: 4

Depois destes acontecimentos, quase todos os nestorianos viviam como *dhimmi*s sob o domínio muçulmano. Assim como os zoroastras, sua comunidade foi reduzida a um escasso remanescente sob o julgo implacável desta injustiça institucionalizada.

Se os cristãos da Europa tivessem sofrido a mesma sorte, é muito provável que o mundo nunca tivesse conhecido as obras de Dante Alighieri, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Mozart ou Bach. É provável que nunca houvesse existido um Greco, Giotto ou

[283] E. A. Wallis Budge, The Monks of Kublai Khan, Emperor of China, The Religious Traet Society, 1928.

um Olivier Messiaen. Não é fácil para uma comunidade que tenha de usar toda a sua energia apenas para sobreviver, se dedique à arte ou música.

Pode ser que as Cruzadas tenham tornado possível o pleno florescimento da civilização europeia.

Capítulo 14

O islã e o cristianismo são equivalentes?

"Isto não é como um filme estúpido de Hollywood", disse a atriz francesa Eva Green do filme *Cruzada, Reino dos Céus*, do diretor inglês sir Ridley Scott.

Na verdade, é como um filme estúpido. Falando do novo "sucesso de público", o The New York Times afirmou: "Os muçulmanos mostravam-se simpáticos à coexistência até os extremistas cristãos acabarem com tudo. E mesmo quando os cristãos foram derrotados, os muçulmanos lhes deram salvo-conduto para que regressassem à Europa". Sir Ridley, segundo a revista Times, disse que esperava "demonstrar que cristãos, judeus e muçulmanos poderiam viver em harmonia, se o fanatismo for mantido longe". Assim, como aponta Green, o filme tenta mobilizar as pessoas para "serem mais tolerante e mais aberta para com o povo árabe". [284]

SABIA QUE...?

• As representações que são feitas hoje das Cruzadas têm motivação política e são um absurdo histórico;
• O problema que o mundo enfrenta hoje não é um generalizado "fundamentalismo religioso", mas a *jihad* islâmica;
• Não podemos resistir a *jihad*, se não recuperarmos o orgulho pela civilização ocidental.

Que isto fique claro: a idéia de que os muçulmanos eram "simpáticos à coexistência" com os não-muçulmanos até que os cruzados chegaram é historicamente errada, a menos que Ridley Scott entende por "coexistência" a do opressor e o oprimido declarado em manifesto na *dhimma*. Tanto ele como Eva Green demonstraram claramente as motivações da correção política que está por detrás do filme: se trata de mostrar que o que interfere na coexistência pacífica entre muçulmanos e não-muçulmanos é o "fanatismo", e não a tradição religiosa. O filme também tenta fazer que nós, os ocidentais racistas e intolerantes, nos voltemos mais amáveis para com os árabes. Mas este filme é apenas uma campanha maior para convencer aos ocidentais de que a civilização islâmica é igual ou superior a ocidental.

[284] Alan Riding, «The Crusades as a Lesson in Harmony?», The New York Times, 24 de abril de 2005

O acobertamento de *Cruzada, Reino dos Céus*

O filme é a clássica história de índios e *cowboys* na qual os muçulmanos são nobres e heróicos e os cristãos são vis e violentos. O roteiro é repleto de clichês recorrentes do politicamente correto, e de fantasias acerca da tolerância islâmica, deixando de lado a questão das leis e atitudes em relação aos *dhimmis* (das que provavelmente Ridley Scott nunca ouviu falar), e inventa um grupo pela paz e pela tolerância denominado "Irmandade de Muçulmanos, Judeus e Cristãos". Mas, é claro, os cristãos estragam tudo. Um publicitário do filme, explicava: "Estavam trabalhando juntos. Existia um forte vínculo até os Cavaleiros do Templo geraram conflitos entre eles". Ah, sim, aqueles repugnantes "extremistas cristãos"!

A *Cruzada, Reino dos Céus* foi feito para aqueles que acreditam que todo o problema entre o mundo islâmico e o Ocidente tem sido provocado pelo imperialismo ocidental, o racismo e o colonialismo, e que o glorioso paradigma da tolerância islâmica, que por sua vez tem sido um farol para o mundo, podendo ser restabelecido somente se os malignos homens brancos da América e da Europa forem mais tolerantes. Ridley Scott e sua equipe organizaram a prévia para grupos como o Conselho para as Relações Americano-Islâmicas, assegurando-se de que os sensíveis sentimentos muçulmanos não fossem feridos. É um filme ideal para a correção política oficial em todos os sentidos, menos em um: não é verdade.

O Professor Jonathan Riley-Smith, autor de *A Short History of the Crusades [Uma Breve História das Cruzadas]* e um dos principais historiadores deste período, disse que o filme é "lixo" e explicou que "não é de todo historicamente certo", visto que "representa os muçulmanos como sofisticados e civilizados, enquanto os cruzados são brutos e bárbaros. Não tendo nada a ver com a realidade". Ademais, "nunca houve uma fraternidade entre muçulmanos, judeus e cristãos. Isso é um disparate total"

BERTRAND RUSSELL DISSERTA SOBRE O ISLÃ:

"O bolchevismo combina as características da Revolução Francesa com as do surgimento do islã. Marx tem ensinado que comunismo está fatalmente predestinado, o que produz um estado mental não muito diferente ao dos primeiros sucessores de Maomé. Entre as religiões, o bolchevismo pode assimilar-se mais ao maometismo que ao cristianismo ou ao budismo. Estes dois últimos são em primeiro lugar religiões pessoais, com doutrinas místicas e um amor pela contemplação. O maometismo e o bolchevismo são práticos, sociais e não espiritual, e estão preocupados em ganhar o império deste mundo."

O professor Jonathan Phillips, autor de *The Fourth Crusade and the Sack of Constantinopla [A Quarta Cruzada e o Saque a Constantinopla]*, também rejeitou a ideia do filme como um reflexo verdadeiro da história, e está em desacordo com o retrato que fazem dos Cavaleiros do Templo como vilões: "A ideia dos Templários como 'maldosos' só pode ser sustentada do ponto de vista muçulmano, e ainda mostrar-lhes como 'maldosos' é um erro. Constituíram a maior ameaça para os muçulmanos, e muitos acabaram mortos porque seu juramento era defender a Terra Santa" [285]. De acordo com um publicitário do filme, Saladino é um "herói nesta história." É claro que não se faz nenhuma menção de seus massacres em Hattin, ou de seus planos para repeti-los em Jerusalém.

Apesar dos muitos acobertamentos da história que estão presentes em *Cruzada, Reino dos Céus*, e dos tremendos esforços para representar os muçulmanos da época das Cruzadas de um modo favorável, o apologista islâmico Khaled Abou el Fadl, um professor de lei islâmica na Universidade da Califórnia, mostrou-se descontente com o filme: "Do meu ponto de vista, é inevitável – e arrisco minha reputação ao dizer isto - que, depois do lançamento do filme se cometam crimes de ódio diretamente gerado por ele. As pessoas vão ver um filme final de semana, e decidirão dar uma lição contra aqueles que usam turbantes". Certamente, isso não é tanto uma acusação contra o filme, mas contra os americanos.

Em qualquer caso, *Cruzada, Reino dos Céus* tem custado mais de 150 milhões de dólares, incluindo um elenco de astros e estrelas de destaque e tem sido divulgado como "uma fascinante lição de história". Pode ser fascinante, mas apenas como evidência de quão longe eles estão dispostos a chegar os modernos ocidentais mentindo para si mesmos.

MAOMÉ vs. JESUS

"Os que estavam ao redor dele, vendo o que ia acontecer, perguntaram: Senhor, devemos atacá-los à espada? E um deles feriu o servo do príncipe dos sacerdotes, decepando-lhe a orelha direita. Mas Jesus interveio: Deixai, basta. E, tocando na orelha daquele homem, curou-o."

Jesus (São Lucas, 22: 49-51)

"Abu Qilaba relatou: Anas disse: 'Algumas pessoas da tribo ukl ou uraina veio a Medina e o clima não estava bom. Depois que se recarregaram, mataram o pastor do Profeta e afugentaram todos os camelos. As notícias chegaram ao Profeta logo pelas primeiras horas da manhã, e enviou (homens) em suas busca, e foram capturados e levados ao meio-dia. Então ordenou cortar-lhes suas mãos e seus pés (e assim fizeram), e seus olhos foram abacinados. Os puseram em Al-Harra, e quando pediram água, não lhes foi dada". Abu Qila acrescenta "Essas pessoas cometeram roubo, assassinato e

[285] Charlotte Edwardes, «Historians say film "distorts" Crusades», London Sunday Telegraph, 18 de janeiro de 2004

tornaram-se infiéis depois de já terem se convertido ao islã e lutaram contra Alá e Seu Mensageiro.” [286]

Mito politicamente correto: O problema do mundo atual é o fundamentalismo religioso

Todas as tradições religiosas têm a mesma capacidade de gerar violência? Esta noção tão difundida teria maior credibilidade se Pat Robertson e Jerry Falwell[287] estivessem escrevendo artigos que defendesse o apedrejamento de adúlteras (como fez o escritor muçulmano radicalizado na Suíça, Hani Ramadan, em um artigo que publicou no jornal francês Le Monde em setembro 2002), ou fazendo uma convocação para o massacre de blasfemadores (a blasfêmia é uma ofensa capital no Paquistão e em outras partes do mundo islâmico), ou arremessando aviões contra edifícios emblemáticos daqueles que os considerarem inimigo. [288]

O fato de que os cristãos protestantes não cometam atos semelhantes é uma clara evidência de que nem todos os “fundamentalismos” são equivalentes. Ao contrário das abordagens de construcionistas que atualmente predominam nos campi universitários, as religiões não são simplesmente matéria-prima suscetíveis a serem moldadas ao bel-prazer dos fiéis. Existem consideráveis coincidências na conduta de pessoas religiosas das distintas tradições. Por exemplo, rezam, se reúnem e realizam certos rituais. Às vezes, inclusive, cometem atos de violência em nome de sua religião. Porém a freqüência e concordância destes atos de violência, e seu grau de proximidade com as principais correntes de cada religião, estão largamente determinados pelos reais ensinamentos de cada religião. Os apologistas islâmicos gostam de apontar Timothy McVeigh e Eric Rudolph como exemplos de terroristas cristãos, entretanto, existem três razões pelas quais McVeigh e Rudolph não são equivalentes a bin Laden e Zarqawi:

• Eles nem sequer tentam justificar as suas ações, por meio de referencias nas Escrituras ou na tradição;

• Não atuavam baseando-se nos principais ensinamentos do cristianismo;

• No mundo não há nenhum grande grupo de cristãos que estejam empenhados a aplicar os mesmos ensinamentos.

[286] Al-Bujari, op. cit., vol. 1, livro 4, nº 233.
[287] Tele-evangelizadores norte-americanos que exercem uma grande influencia sobre boa parte da direita norte-americana dos Estados Unidos.
[288] Hani Ramadan, «La charia incomprise», Le Monde, 10 de setembro de 2002. Com relação a uma típica morte por blasfêmia em Paquistão, veja mais em «Man Accused of Blasphemy Shot Dead», Reuters, 20 de abril de 2005.

A diferença entre Osama bin Laden e Eric Rudolph é a diferença entre os atos e ensinamentos aberrantes. Qualquer ser humano que tenha um sistema de crenças pode fazer coisas abomináveis. Porém é mais provável que os atos desta natureza se produzam em maior número e freqüência quando estão incentivados e perpetuados por textos religiosos e por aqueles que transmitem seu ensinamento.

Tem certeza de que não estamos dizendo que o problema é o islã?

Qual é a alternativa ao ponto de vista de Ridley Scott sobre o "fanatismo" como a causa de todos os problemas atuais? Trata-se uma abordagem que os simpatizantes do politicamente correto não conseguem entender: o problema é dentro do islã, e não virá à luz ou será neutralizado até que este fato não seja reconhecido.

Que o problema esteja dentro do islã não quer dizer que cada muçulmano seja um problema. Como temos visto, muitos dos que se identificam como muçulmanos têm apenas um conhecimento superficial e um escasso interesse nos ensinamentos do islã. Não, ao admitir que a violência *jihadista* mundial dá o padrão de que existe um problema no islã apenas significa ser honesto: no mundo inteiro, há grupos que acreditam que é sua responsabilidade perante a Deus de iniciarem uma guerra contra os não-muçulmanos e impor a lei islâmica; em primeiro lugar nos estados muçulmanos, e, em seguida, nos não-muçulmanos. Esta é a principal motivação da violência terrorista atual, e baseia-se nos ensinamentos do Alcorão e da sunna.

Alguns analistas temem que, se as autoridades ocidentais começarem a perceber que o real inimigo dos Estados Unidos na guerra contra o terror não são meia dúzia de sequestradores islâmicos, mas que se trata de pessoas que estão agindo em função dos principais ensinamentos do islã, muito em breve estaríamos envolvidos em uma guerra contra todo o mundo islâmico. Obviamente, isso tornaria mais difícil perpetuar as fictícias alianças existentes com os sauditas, paquistaneses e egípcios. Mas também permitiria que os Estados Unidos cobrassem explicações de seus supostos aliados por sua lealdade para com a *jihad* global, e dar uma verdadeira consistência a declaração que o presidente George W. Bush dirigiu ao mundo após o 11 de setembro, quando ele disse: "Ou está com os terroristas ou está conosco".

Outros têm evitado admitir a profunda crise atual do islã sob o pretexto de que iria desmoralizar e enraivecer os muçulmanos moderados. Se forem realmente moderados, não há razão para que isto aconteça. Nenhum problema pode ser resolvido se não identificar sua causa. Um médico que trate com aspirinas dores de cabeça persistentes causadas por um tumor cerebral não vai poder safar-se por muito tempo de responder um processo por negligência médica. Para que um projeto islâmico moderado possa ter êxito é necessário identificar os elementos do islã que originam a violência e o terrorismo e trabalhar de todas as maneiras possíveis para mudar a compreensão que

possuem os muçulmanos desses elementos, de modo tal que os recrutadores da *jihad* já não consigam convencer aos jovens de que se unam a mesma apelando por seu desejo de viver no "islã puro".

Perguntamo-nos se os muçulmanos moderados poderiam mudar a idéia que milhões de muçulmano possuem do islã. Porém não existe nenhuma chance de que consigam, independentemente dos acontecimentos, se não tomarem consciência dos motivos que o islã cria gente como bin Laden e Zarqawi.

Isso faz sentido. Por que é tão difícil de aceitá-lo?

A correção política oficial considera que, em parte, os motivos para esta dificuldade na aceitação residem no fato de que os ocidentais são "brancos" e os muçulmanos são "mulatos", tudo isso a partir de sua visão simplista e reducionista do mundo. Segundo o mito politicamente correto, as pessoas mulatas em todo o mundo não podem ser culpadas de fazer o mal: elas são sempre as vítimas eternas e incompreendidas. Qualquer ato de violência que possam cometer é uma reação às evidentes provocações do homem branco. O exemplo mais vergonhoso pode ser encontrado na advogada radical Lynne Stewart, que foi condenada em fevereiro de 2005 por repasses de mensagens para o xeique preso Omar Abdel Rahman, o cérebro do atentado de 1993 contra o World Trade Center. Por que Stewart tornou-se a garota de recados de um dos sanguinários terroristas da *jihad*? Isto é o que ela explica: "Eu não creio que possamos nos livrar através de meios não-violentos da voraz e fortemente enraizada forma de capitalismo vigente neste país que perpetua o sexismo e o racismo" [289]. De onde tirou Steward a idéia de que Omar Abdel Rahmán, um muçulmano tradicionalista que, sem dúvida alguma, crê que as mulheres existem para servir aos homens, e que se deve espancar a desobedientes (segundo o Alcorão, 4: 34), é um campeão na luta contra o sexismo e o racismo? Bem, talvez seja porque esteja combatendo o "homem branco".

A recuperação do orgulho na civilização ocidental

"Veja, doutor Yeagley, eu não encontro nada em minha cultura de que possa sentir-se orgulhosa. Não há nada. Minha raça não significa nada […] olhe sua cultura. Olhe para tradição indígena americana. Parece-me ser realmente fantástica. Você tem algo do que se orgulhar. Minha cultura não tem nada!" [290].

[289] «Lawyer Convicted of Helping Terrorists», Associated Press, 10 de fevereiro de 2005
[290] David A. Yeagley, «What's Up With White Women?» FrontPageMagazine.com, 18 de maio de 2001

"Rachel", uma estudante americana branca, disse estas palavras ao professor indígena americano doutor David Yeagley no ano de 200l.

É evidente que Rachel tenha assimilado profundamente a posição de Jesse Jackson, expressas de forma memorável em 1985: "Hey, hey! Ha, ho! A civilização ocidental tem que retirar-se!" É muito provável que ela considera que as Cruzadas tenham sido um imperdoável exercício de imperialismo ocidental, de racismo e quiçá de genocídio. Isto é perfeitamente compreensível em função da forma em que hoje em dia são apresentadas as Cruzadas na maioria dos colégios. Mas a maioria do que um estudante médio sabe atualmente sobre as Cruzadas e outros temas semelhantes é falso. Aqueles que ensinam essas falsidades têm um interesse pessoal em gerar norte-americanos que falem como Rachel. Ela acredita em todas estas mentiras, devido as décadas de condicionamento antiamericano, anti-ocidental e anticristão existentes em nossos colégios e universidades.

Por que é necessário dizer a verdade?

Aqui estão as razões pelas quais você tem que dizer a verdade sobre as Cruzadas e outros aspectos das relações históricas entre o cristianismo e o islamismo. Os norte-americanos e europeus, assim como os cristãos do Oriente Médio e de outros lugares, precisam deixar de desculpar-se pelos pecados do passado, mas recordar o heroísmo do passado e reconhecer o que a civilização judaico-cristã tem oferecido ao mundo. Devemos olhar com honestidade para o islã e para o cristianismo, e reconhecer suas diferenças. Já não se deve permitir que os censores da correção política façam deste tema um tabu, e se deve mostrar que, apesar da natureza humana ser a mesma em todos os lugares e que as pessoas têm justificado a violência em nome de sua fé, as religiões não são iguais.

UM LIVRO QUE NÃO DEVERIAS LER

How the Catholíc Church Built Western Cívílízation, de Thomas E. Woods, Jr., Washington, DC: Regnery, 2005. [Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental, Ciudadela Libros, Madrid, 2007]. Um livro que todo o mundo no Ocidente deveria ler, tanto os católicos como os que não o são. Ilustra vividamente de que modo muitas características da vida e o pensamento ocidental tem tido sua origem na Igreja Católica, e derruba por terra a noção politicamente correta de que todas as tradições religiosas são moralmente equivalentes.

O cristianismo está situado no centro da civilização ocidental, tem feito que os norte-americanos sejam como são e tenham recebido influencia dos europeus e outros povos em todo o mundo durante muito tempo. Gostemos ou não, foi formada inclusive por aqueles que rejeitam a fé cristã. O cristianismo também compartilha princípios morais fundamentais com o judaísmo, princípios que tem penetrado no Ocidente, mas que não tem se transferido universalmente ao islã. Estes princípios são a fonte da qual os éticos modernos têm formado o conceito de direitos humanos universais e os fundamentos da cultura secular ocidental.

Yeagley observa: "O povo cheyenne tem um ditado: não se conquista uma nação até que os corações de suas mulheres não estejam pelo chão […] Quando Rachel denuncia seu povo, ela a faz com a serena autoconfiança de uma grã-sacerdotisa recitando uma liturgia. Fala sem medo de críticas ou censura, tampouco é alvo desta última. O resto dos estudantes escutavam em silêncio, movendo timidamente os olhos de um lado para o outro entre Rachel e eu, como se não estivessem seguros de qual dos dois possuía mais autoridade [...] o que povo de Rachel conquistou? O que o levou a perder-lhes o respeito? Por que ela se comporta como uma mulher de uma tribo derrotada?"

Por quê? Como aponta Yeagley, o resultado final é a derrota: um povo envergonhado de sua própria cultura não vai defendê-la. Por esse motivo, dizer a verdade sobre as Cruzadas, o cristianismo e o Ocidente não é uma questão de enaltecimento cultural ou de apologia religiosa, mas um elemento essencial da defensa do Ocidente contra a *jihad* global de nossos tempos.